

**Renato Quezini**

**O RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS:  
INSPIRAÇÃO DE ITINERÁRIOS PARA O CRESCIMENTO NA FÉ**

Dissertação de Mestrado em Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Washington Paranhos

Apoio: CAPES

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2024

**Renato Quezini**

**O RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS:  
INSPIRAÇÃO DE ITINERÁRIOS PARA O CRESCIMENTO NA FÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Washington Paranhos

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2024

#### FICHA CATALOGRÁFICA

Q5r	<p>Quezini, Renato</p> <p>O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos: inspiração de itinerários para o crescimento na fé / Renato Quezini. - Belo Horizonte, 2024.</p> <p>147 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Washington Paranhos</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Iniciação à vida cristã. 2. Catequese. I. Paranhos, Washington da Silva. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.</p>
-----	--

CDU 25

**Renato Quezini**

**O RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS:  
INSPIRAÇÃO DE ITINERÁRIOS PARA O CRESCIMENTO NA FÉ**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo curso de Mestrado em Teologia pela Faculdade jesuíta de Filosofia e Teologia

**COMISSAO EXAMINADORA:**




---

Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos / FAJE (Orientador)



---

Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares / FAJE



---

Prof. Dr. João Fernandes Reinert / ITF RJ (Visitante)



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que pelos sacramentos da iniciação cristã me incorporou na Igreja, Corpo de Cristo e me iluminou com a sabedoria divina ao longo dos estudos.

À minha família, de modo particular aos meus irmãos Reginaldo Aparecido Quezini e Ronaldo Donizete Quezini, por sempre me apoiarem e estarem ao meu lado.

À Arquidiocese de Maringá, na pessoa de Dom Severino Clasen, por todo apoio, investimento e incentivo na causa da iniciação à vida cristã.

À tantos amigos e amigas que o bom Deus me concedeu ter como irmãos e irmãs, que me apoiaram, rezaram e torceram por meu crescimento.

A todos os professores, professoras e funcionários da FAJE, que com sabedoria compartilharam seu conhecimento, dedicação e amor à Igreja.

Ao Pe. Jaldemir Vitório e aos meus irmãos da Fraternidade Dom Helder Câmara, pela partilha da vida nestes dois anos que vivemos fraternalmente.

A meu orientador Pe. Washington Paranhos, SJ, que com sua amizade e amor à liturgia mistagologicamente me ajudou a adentrar ainda mais no mistério central de nossa fé.

Agradeço à Paróquia Santíssimo Sacramento, na pessoa do Pároco Pe. Paulo César, pela acolhida e por tanto crescimento em uma comunidade viva de pessoas iniciadas e que verdadeiramente vivem sua fé.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Fiunt, non nascuntur christiani.  
Não nascemos cristãos; tornamo-nos cristãos.

*Tertuliano*

**RESUMO:** O aprofundamento do itinerário catecumenal proposto pelo Ritual da Iniciação Cristã de Adultos em vista da formação do discípulo missionário é a base deste trabalho. Tal compreensão se dá a partir da pesquisa teológica reconhecendo que a iniciação cristã com sua estrutura catecumenal é parte imprescindível da história da Igreja que, após o seu nascimento teve seu auge, seu declínio, extinção e graças ao Concílio Ecumênico Vaticano II foi restaurada. O objetivo desta pesquisa, como dever de fidelidade ao Vaticano II que clamou pela sua restauração, é ressaltar que a dinâmica catecumenal tem a missão extraordinária de formar verdadeiros discípulos missionários, formadores de comunidades, homens e mulheres da Palavra de Deus e do testemunho de amor. Para isso, parte-se, num primeiro momento, da visão histórica de que a iniciação é um dado antropológico presente em todos os povos e culturas, para depois destacar o específico da iniciação cristã. Em seguida, observa-se concretamente a proposta que a Igreja apresenta hoje, de um itinerário formativo contemplado no Ritual da Iniciação Cristã de Adultos com seus tempos e etapas celebrativas. Por fim, destaca-se a diversidade ministerial que o processo catecumenal contempla e se resalta a urgência de abraçar esse caminho formativo, em vista de formar comunidades eclesiais com pessoas maduras e que saibam viver bem a sua fé e a pertença à comunidade-sociedade. Acredita-se que essa proposta ajuda a exercer a sinodalidade ainda que nem sempre os cristãos estejam conscientes disso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iniciação à vida cristã. Inspiração catecumenal. Comunidade. Discipulado. Diversidade ministerial. Experiência.

**RIASSUNTO:** L'approfondimento dell'itinerario catecumenale, proposto dal Rituale dell'Iniziazione Cristiana degli Adulti, è fondamentale per la formazione del discepolo missionario ed è alla base del nostro lavoro. Questa comprensione deriva dalla ricerca teologica e riconosce che l'Iniziazione Cristiana, con la sua struttura catecumenale, è una parte essenziale della storia della Chiesa. Dopo la sua nascita, ha avuto un apice, un declino, un'estinzione e, grazie al Concilio Ecumenico Vaticano II, è stata restaurata. Il nostro obiettivo, in ossequio al Vaticano II che ha invocato il suo ripristino, è enfatizzare che la dinamica catecumenale ha la missione straordinaria di formare veri discepoli missionari, animatori di comunità, uomini e donne della Parola di Dio e della testimonianza d'amore. Iniziamo con una visione storica che considera l'Iniziazione un dato antropologico presente in tutti i popoli e culture, per poi evidenziare ciò che è specifico dell'Iniziazione Cristiana. Successivamente, esaminiamo concretamente la proposta formativa della Chiesa di oggi, contemplata nel Rituale dell'Iniziazione Cristiana degli Adulti, con i suoi tempi e le sue tappe celebrative. Infine, sottolineiamo la diversità ministeriale che il processo catecumenale contempla e l'urgenza di adottare questa strada formativa per formare comunità ecclesiali con persone mature che sappiano vivere bene la loro fede e l'appartenenza alla comunità-società. Crediamo in questa proposta perché ci aiuta a esercitare la sinodalità, anche se non ne siamo sempre consapevoli.

**PAROLE CHIAVE:** Iniziazione alla Vita Cristiana. Ispirazione catecumenale. Comunità. discepolato. Diversità ministeriale. Esperienza.

## ABREVIATURAS

**AD** – *Ad Gentes*

**AL** – *Amoris Laetitia*

**AM** – *Antiquum Ministerium*

**CB** – Cerimonial dos Bispos

**CD** – *Christus Dominus*

**CDC** – Código de Direito Canônico

**CIC** – Catecismo da Igreja Católica

**CR** – Catequese Renovada

**CT** – *Catechesi Tradendae*

**DAp** – Documento de Aparecida

**DCE** – *Deus Caritas Est*

**DGC** – Diretório Geral de Catequese

**DNC** – Diretório Nacional de Catequese

**EG** – *Evangelii Gaudium*

**EN** – *Evangelii Nuntiandi*

**GME** – *Gaudet Mater Ecclesia*

**IVC** – Iniciação à vida cristã

**LG** – *Lumen Gentium*

**PO** – *Presbyterorum Ordinis*

**RBC** – Rito do Batismo das Crianças

**RC** – Ritual da Confirmação

**RICA** – Ritual da Iniciação Cristã de Adultos

**RM** – Ritual do Matrimônio

**SC** – *Sacrosanctum Concilium*

**SCa** – *Sacramentum Caritatis*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>1 PERCURSO HISTÓRICO DA INICIAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA</b>	13
1.1 O que é iniciação?	13
1.2 Os elementos específicos da iniciação cristã	17
1.3 A iniciação cristã na Tradição Apostólica	19
1.4 A lição histórica do catecumenato antigo	22
1.5 Decadência do catecumenato antigo	25
1.6 A complexidade da generalização do batismo de crianças	28
1.7 A extinção do catecumenato antigo	29
1.8 Unidade sacramental comprometida	32
1.9 Concílio de Trento	33
1.10 Evangelização nas Américas ou no novo mundo?	35
1.11 Restauração do catecumenato	38
1.12 A modo de conclusão – capítulo 1	43
<b>2 ITINERÁRIO DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL PARA FORMAR O DISCÍPULO MISSIONÁRIO DE CRISTO</b>	44
2.1 O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos	45
2.2 Estrutura da iniciação dos adultos	49
2.3 O tempo da evangelização e o pré-catecumenato	50
2.4 Celebração de entrada no catecumenato	54
2.5 O tempo do catecumenato	57
2.6 A celebração da eleição ou inscrição do nome	62
2.7 Tempo da purificação e iluminação	65
2.8 A celebração dos sacramentos da iniciação cristã	67
2.9 O tempo da mistagogia	71
2.10 A modo de conclusão – capítulo 2	73
<b>3 A RIQUEZA E A DIVERSIDADE MINISTERIAL CONTEMPLADA NO RICA: COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO</b>	75
3.1 O Ministério da comunidade	76
3.2 Ministério dos introdutores	82
3.3 Função dos padrinhos e madrinhas	85

<b>3.4</b>	<b>Ministério dos bispos</b>	87
<b>3.5</b>	<b>Ministério dos presbíteros e diáconos</b>	88
<b>3.6</b>	<b>Ministério dos catequistas</b>	91
<b>3.7</b>	<b>O protagonismo da família</b>	95
<b>3.8</b>	<b>Obstáculos encontrados na prática pastoral</b>	99
<b>3.9</b>	<b>Urgência e significado da opção catecumenal hoje</b>	102
<b>3.10</b>	<b>A modo de conclusão – capítulo 3</b>	106
	<b>CONCLUSÃO</b>	107
	<b>REFERÊNCIAS</b>	109
	<b>ANEXO</b>	117

## INTRODUÇÃO

Quando abordamos o processo de iniciação à vida cristã, imediatamente somos mergulhados na busca pela origem, tradição e história do processo catecumenal. Nesse sentido, nosso trabalho liga-se, primordialmente, à linha de pesquisa Interpretação da Tradição cristã no horizonte atual do programa de pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). O intuito é buscar a interpretação da tradição cristã como interpretação da fé e da revelação face às problemáticas sociais, culturais e religiosas que o momento histórico atual aponta, acolhendo, ao mesmo tempo, as interpelações da atualidade à teologia.

Não é tão simples propor um itinerário de crescimento na fé, visto que somos bombardeados a todo momento por informações e imagens que exigem respostas imediatas para questões que, por vezes, são complexas. Vivemos inseridos num contexto no qual as pessoas estão submersas na “cultura do descartável” (EG n. 53), sendo medidas pelo que têm e não pelo que verdadeiramente são.

Na vida eclesial, estes aspectos influenciam muito, pois as pessoas projetam tais realidades, também, sobre a Igreja. Percebe-se que grande parte das pessoas que se dizem católicas, quando questionadas, não sabem dar razões para aquilo que creem, pois possuem uma fé muito ingênua e superficial.

Analisando esta realidade e a forma como estamos expostos às influências cotidianas, propomos um repensar que vislumbre um novo paradigma que considere uma Igreja que seja fermento na sociedade, buscando transformar as realidades humanas a partir da proposta de Jesus Cristo.

Nesse sentido, nos debruçamos sobre o tema da iniciação à vida cristã que é central na vida de Igreja e merece ser refletido à luz dos passos dados ao longo da história. Quando abordamos o processo de iniciação à vida cristã, imediatamente somos mergulhados na busca pela origem, tradição e história do processo catecumenal.

Esta busca pelo entendimento do processo de iniciação à vida cristã deriva da necessidade de que haja um verdadeiro encontro com o Cristo, capaz de conduzir à maturidade de fé que se expressa no comprometimento. Trata-se de celebrar de tal modo os ritos que se possa ressaltar seu significado para que esses transcendam a participação intelectual, racional ou doutrinal, subsidiando a modificação do agir dos cristãos católicos.



Os ritos e símbolos que compõem nossas práticas religiosas são características presentes e consolidadas desde as comunidades primitivas. Compreender essa dinâmica é o primeiro passo para que possamos adentrar no entendimento de como os ritos litúrgicos são fundamentais para tocar a nossa sensibilidade, corporeidade e possibilidade de conexão com o sagrado.

Este passo nos permite transpor o ritualismo, conduzindo ao Mistério através da ritualidade, expressão que reflete a intencionalidade desta proposta catecumenal. Tendo presente a fragilidade da fé e a descrença dos fiéis, a Igreja propõe um caminho mistagógico de retorno às fontes utilizando a metodologia do catecumenato.

Hoje, mais do que batizar por tradição familiar, o indivíduo é intensamente estimulado a construir sua própria identidade de fé. Aliás, um dos grandes ideais do ser humano contemporâneo é a realização pessoal. No entanto, para que o cristão se realize plenamente, ele precisa passar por um processo de amadurecimento de sua fé, em que possa adquirir as condições e estabelecer valores que orientem a sua existência.

Nesse contexto, o Concílio Ecumênico Vaticano II, atento à realidade, introduz a Igreja no diálogo com o mundo moderno, com as ciências e com as outras religiões. Os padres conciliares, num desejo de renovação da Igreja, no tocante à iniciação cristã de adultos, clamam por uma restauração do catecumenato antigo, tendo em vista a conexão e a unidade dos três sacramentos da iniciação cristã como um processo unitário no qual o batismo, a confirmação e a eucaristia pudessem conduzir o cristão à plena participação no mistério pascal de Cristo.

Diante disso, o presente texto tem como objetivo apresentar o RICA – Ritual da Iniciação Cristã de Adultos – como modelo de um verdadeiro e completo itinerário de crescimento na fé. Ele, na verdade, é uma proposta de evangelização de adultos por meio de um processo envolvente em que a pessoa é chamada ao encontro com Jesus Cristo e, na comunidade, vai amadurecendo a opção por ser cristão através das diversas celebrações progressivas que marcam a caminhada e conduzem a pessoa à vivência plena e consciente do compromisso cristão.

Desenvolvemos nosso trabalho nos baseando no método “ver, julgar e agir”, assumido pela Teologia Latino-americana e de acordo com a reflexão do padre Francisco Taborda<sup>1</sup>. Pudemos, a partir desse método, aplicar o antiquíssimo adágio de Próspero de Aquitânia *lex orandi, lex credendi e lex agendi* resgatado pelo Movimento litúrgico.

---

<sup>1</sup> TABORDA, Francisco. *Lex orandi - Lex credendi* origem, sentido e implicações de um axioma teológico. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 35, p. 83-84, 2003.

No primeiro capítulo, o ver (*lex orandi*), tratamos de olhar para a história do catecumenato. Partimos do princípio que a iniciação é um elemento antropológico que faz parte da vida humana, depois adentramos naquilo que é específico da iniciação cristã, olhando para a história do surgimento do catecumenato, seu auge, sua decadência, extinção até culminar na sua restauração operada pelo Vaticano II.

No segundo capítulo, o julgar (*lex credendi*), olhamos para o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, promulgado em 1972 por Paulo VI. Nesse ritual, encontramos a pedagogia iniciática que remonta à Tradição de nossa Igreja com um itinerário de formação composto de tempos (pré-catecumenato, catecumenato, purificação e iluminação, mistagogia) e etapas (celebração de entrada, celebração de eleição, celebração dos sacramentos). Fizemos uma interpretação teológica de cada um desses momentos propostos, buscando dar sentido para as nossas atuais realidades pastorais.

No terceiro capítulo, o agir (*lex agendi*), trabalhamos a diversidade ministerial (comunidade, introdutores, padrinhos e madrinhas, bispo, presbíteros e diáconos, catequistas, protagonismo da família) que o processo catecumenal contempla, na linha da comunhão e da participação. Concluímos falando dos desafios encontrados na prática pastoral e da urgência de abraçarmos esse caminho formativo, pois assim nossas comunidades poderão contar com pessoas maduras e que saibam viver bem a sua fé e pertença à comunidade-sociedade.

Desejamos que as reflexões do presente texto nos instiguem a dar passos concretos de unidade na caminhada pastoral, para que todos os organismos da Igreja – comunidades, pastorais, movimentos e serviços – reconheçam a urgência do momento presente e caminhem na mesma direção, proporcionando a todas as pessoas uma autêntica iniciação ou reiniciação à vida cristã.

## 1 PERCURSO HISTÓRICO DA INICIAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA

A iniciação à vida cristã, com seu dinamismo catecumenal de ser um caminho de formação do discípulo missionário de Jesus Cristo, foi resgatada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II na Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (n. 64). Nosso intuito, no início deste trabalho, é fazer um percurso histórico dos principais pontos da caminhada da iniciação cristã e da sua pertinência para a Igreja e todo o povo de Deus, a ponto de os padres conciliares clamarem por sua restauração.

No contexto atual, em meio a tantos desafios acerca da transmissão da fé, torna-se necessário, mais do que nunca, entendermos a expressão de Tertuliano de que “*fiunt, non nascuntur christiani*”<sup>1</sup> – “não nascemos cristãos; tornamo-nos cristãos”. Propomos, portanto, uma abordagem da historicidade do processo de iniciação à vida cristã em vista de proporcionar uma formação que contemple a experiência com o Sagrado e prepare a pessoa para ser testemunha viva do Ressuscitado no ambiente onde estiver inserida.

Para melhor abordarmos esse tema, utilizaremos a seguinte estrutura, a saber: definiremos o que entendemos por iniciação (tópico 1); avançaremos a reflexão para descobrir os elementos específicos da iniciação cristã (tópico 2); olharemos para a iniciação cristã na obra conhecida como “Tradição Apostólica” (tópico 3); abordaremos qual a lição histórica do catecumenato antigo (tópico 4); em seguida, veremos o intenso período da decadência do catecumenato (tópico 5); testemunharemos a generalização do batismo de crianças (tópico 6); trataremos da extinção do catecumenato antigo (tópico 7); abordaremos o tema da unidade sacramental comprometida (tópico 8); olharemos para o Concílio de Trento e a evangelização nas Américas (tópicos 9 e 10) para, enfim, concluirmos com a virada conciliar e entendermos a urgência e o significado da restauração catecumenal (tópico 11).

### 1.1 O que é iniciação?

Ao adentrarmos no tema a que nos propomos trabalhar, é importante deixar claro que o termo “iniciação” não provém das Sagradas Escrituras nem é algo exclusivo do

---

<sup>1</sup> TERTULIANO. O Testemunho da Alma. In: CORDEIRO, José de Leão (org). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio*. 2ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 208.

cristianismo, “pertence à tradição da história religiosa da humanidade”<sup>2</sup>. Iniciação é um conceito da antropologia e das ciências da religião para definir um conjunto de ritos e instruções orais que tem por objetivo proporcionar uma transformação radical da pessoa<sup>3</sup>. A iniciação é uma realidade complexa e rica que está no coração da vida<sup>4</sup>. “Ela é uma condição universal da existência humana, embora assuma diferentes modalidades e tipologias segundo os povos e os tempos. A iniciação é algo que percorre a história do ser humano desde as suas origens”<sup>5</sup>. Ou seja, é algo que nos é particular. Segundo Mircea Eliade:

A iniciação é geralmente entendida como um conjunto de ritos e ensinamentos orais, cuja finalidade é a modificação radical da condição religiosa e social do sujeito iniciado. Filosoficamente falando, a iniciação equivale a uma mutação ontológica do regime existencial. Ao final das provas, o neófito desfruta de uma vida totalmente diferente da anterior à iniciação: tornou-se outra pessoa. Portanto, a iniciação modifica radicalmente o status do iniciado. Equivale a uma mudança ontológica do modelo de vida do iniciado. O neófito é apresentado tanto à comunidade humana quanto ao mundo dos valores espirituais.<sup>6</sup>

É importante observar que a iniciação não se restringe a uma mudança apenas externa, ritual, cerimonial, ela atinge, transforma a pessoa em seu íntimo<sup>7</sup>, numa linguagem filosófica, diríamos que ela se trata de uma mudança ontológica. A iniciação sempre comporta uma morte e um renascimento. Implica a transmissão de doutrina, determinadas provas, testes, atos rituais e compreende sempre três momentos: a marginalização, a prova e o ingresso. Permanece em todos eles a ideia de que não pode modificar um estado sem primeiro abolir, excluir, renunciar ao anterior. “É indispensável a morte simbólica para dar início à vida nova na comunidade religiosa e social”<sup>8</sup>.

A iniciação, como já apontado, sendo um dado antropológico, possui alguns elementos que não são opcionais e não podem ser ignorados, para que ela de fato seja a passagem de uma vida infantil para uma vida adulta<sup>9</sup> em termos antropológicos,

---

<sup>2</sup> CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. *Sacramentos de Iniciación*. Agua y Espíritu de Libertad. Madrid: Paulinas, 1987, p. 44.

<sup>3</sup> TABORDA, Francisco. *Nas Fontes da vida cristã*. Uma teologia do batismo-confirmação. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 35.

<sup>4</sup> COSTA, Valeriano Santos. *A Liturgia na iniciação cristã*. São Paulo: LTR, 2008, p. 21.

<sup>5</sup> BOROBIO, Dionísio. *La Iniciación Cristiana*. 3.ed. Salamanca: Sígueme, 2009, p. 18.

<sup>6</sup> ELIADE, Mircea. *Iniciaciones Místicas*. Madrid: Taurus, 1975, p. 10.

<sup>7</sup> LELO, Antônio Francisco. A iniciação cristã no Brasil. *Revista de Catequese*, n. 107, jul-set 2004, p. 7.

<sup>8</sup> LELO, 2004, p. 7.

<sup>9</sup> SUSIN, Luiz Carlos. O “calcanhar de Aquiles” da Iniciação Cristã. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, v. 79, n. 312, jan-abr 2019, p. 35.

[...] pois, a “iniciação” remete a um rito de passagem específico, ou, talvez, devamos dizer no plural: a iniciação é um conjunto de rituais e comportamentos que desencadeiam o processo de passagem de uma criança à vida adulta, ou de um leigo à integração em uma determinada sociedade ou comunidade, expondo e introduzindo o adolescente ou o leigo às circunstâncias e aos exercícios mais radicais e fronteiriços ao estado de adulto e de membro do corpo social que o aguarda.<sup>10</sup>

É possível identificar os elementos acima citados na iniciação dos povos indígenas Xavantes.

O rito da iniciação nos segredos da tribo é passagem da submissão do adolescente aos pais para a autonomia na vida tribal. Nesta cerimônia, o banho ocupa lugar de destaque. Pelo espaço de uns dois meses os iniciandos cantam, sem interrupção, debaixo do sol ardente. Jejuam durante o dia e bebem pouquíssimo. Não podem tomar banho costumeiro. Preparam-se, desta forma, o rito de morte e retorno à vida. Na data fixada, pelo meio-dia, deverão cantar, olhando para o sol. Os anciãos lançam-lhes no rosto um pó mágico e todos perdem a consciência (morrem, dizem os xavantes). Imediatamente, os parentes dos iniciandos vem com água do rio, que jogam sobre eles com abundância para fazê-los reviver. Durante toda a cena, os parentes choram pelo suposto morto, puxam-lhe os cabelos e sopram-lhe nos ouvidos, a fim de que ressuscitem. A água, fazendo renascer o rapaz, que antes dependia dos pais, o torna membro ativo do grupo<sup>11</sup>.

Citando outro exemplo, podemos pensar nas religiões de matrizes africanas, trazidas para o nosso país pelos negros escravizados durante o período colonial. Tais cultos recebem uma primeira denominação, no Brasil, de “candomblé” e eles se distinguem pelas seguintes características iniciáticas:

Gradual inserção do candidato na comunidade, na medida em que se realizam os ritos iniciáticos; a pessoa continua sua vida com as atividades normais, acompanhada de uma iniciação pouco intensa, para amadurecer e tomar uma decisão. Em caso afirmativo, inicia-se um longo período de preparação, com recolhimento total, orações e banhos de ervas especiais. A radicalização de criar uma nova personalidade no iniciado e dar um sentido inteiramente novo à sua vida como novos valores para viver bem; não se trata de um encontro, mas de uma absorção do humano pelo divino. A participação na iniciação, de todos os membros ligados ao terreiro, gera a reconstrução dos laços espirituais e tribais, produzindo um novo sentido de pertença familiar na comunidade. O caráter festivo da celebração mostra-se também numa estrutura fortemente comunitária e participativa; celebra-se, preferencialmente, ao ar livre, onde as pessoas sentem-se à vontade, com facilidade de comunicação horizontal<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> SUSIN, 2019, p. 45.

<sup>11</sup> GIACCARIA, Bartolomeu. *Ensaio* – pedagogia xavante, aprofundamento antropológico. Campo Grande: Centro Gráfico Dom Bosco, 1990, p. 110.

<sup>12</sup> LELO, 2004, p. 8.

É imprescindível mencionar que algumas características se destacam no processo iniciático, como: a experiência de trânsito vivida por toda a comunidade; a passagem ontológica dos iniciados, contando com a solidariedade de todos os seus membros, que se alegram com a chegada, nascimento, de um novo integrante e que revivem de certa forma o rito; e que as cerimônias imprimem alto grau de identidade à vida do grupo que se fortalece, uma vez que elas representam uma volta à mesma raiz comum<sup>13</sup>.

Alguns autores argumentam sobre a influência das religiões místicas no cristianismo. As antigas religiões possuíam uma estrutura bastante elaborada e exigiam dos interessados em delas participar percorrer um itinerário e a passagem por alguns ritos de iniciação – “o iniciado era obrigado a guardar segredo e observar rigorosamente as normas religiosas”<sup>14</sup>. Ao se depararem com essas influências, muitos líderes cristãos concluíram que o cristianismo “precisava de um itinerário de iniciação e de ritos específicos para os que se apresentassem para seguir Jesus Cristo”<sup>15</sup>. Já Taborda, seguido por outros autores, diz que: “a pesquisa histórica tem mostrado, cada vez mais, que não há parentesco entre cristianismo e as religiões de mistério”<sup>16</sup>.

Segundo Casiano Floristán, iniciação é basicamente aprender normas, valores, símbolos e comportamentos. Por um lado, a iniciação inclui funções socioculturais, simbólicas e políticas correspondentes a modelos culturais relativos à vida e à morte, à integração de adolescentes ou jovens na vida adulta ou a grupos sociais restritos e exigentes. Por outro, afeta completamente a parte mais profunda e global de uma pessoa. A iniciação não apenas transmite um esquema cultural, mas também coloca a pessoa em um ambiente social que é percebido como algo totalmente novo<sup>17</sup>.

Há muito tempo vivemos em crise nos nossos processos iniciáticos. Hoje, isso se acentua ainda mais. Em meio à sociedade do consumo, da agilidade e da praticidade, fomos gradativamente perdendo a sensibilidade de valorização dos processos e houve uma desvalorização dos ritos de passagem. Neste sentido, podemos ter a tentação de achar que os ritos da vida cotidiana são mais interessantes que os ritos sagrados.

O que nos resta dos ritos de passagem? Por exemplo, a festa de debutantes para as meninas que celebram os 15 anos ganhou contornos de um evento estético, enquanto a

---

<sup>13</sup> LELO, 2004, p. 7.

<sup>14</sup> IRMÃO NERY. *Catequese com adultos e catecumenato*. História e proposta. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2019, p. 59.

<sup>15</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 59.

<sup>16</sup> TABORDA, 2012, p. 40.

<sup>17</sup> FLORISTÁN, Casiano. *Para compreender o catecumenato*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1988, p. 13.

dimensão da transição de menina para mulher foi deixada de lado. Com os rapazes aconteceu o mesmo, a entrada no serviço militar com seus rituais de iniciação à cidadania com suas provas e exercícios em defesa da pátria<sup>18</sup> parece ter sido banalizada.

Infere-se, a partir do exposto, que os ritos iniciáticos como dado antropológico fazem parte da vida nas suas mais diversas dimensões. Se os ritos não religiosos da sociedade moderna persistem, destacamos também “o sucesso das tantas seitas, tanto de inspiração oriental como cristã, [que] prova a persistência do anseio por iniciação de caráter místico-religioso”<sup>19</sup>. Há, portanto, no ser humano, um desejo, uma sede, uma busca, e a questão que fica, no nível da religião, é: as pessoas são iniciadas em quê?

## 1.2 Os elementos específicos da iniciação cristã

Levando em consideração todos estes “elementos comuns”, podemos agora reconhecer os elementos específicos da iniciação cristã, ou seja, os pontos distintivos em relação a outros tipos de iniciação. A iniciação cristã retrata a entrada da pessoa numa vida nova que se realiza em etapas que são constituídas pelos três sacramentos: batismo, confirmação e eucaristia. “Os elementos que essas etapas formam não são fechados em si mesmos, mas eles se abrem uns aos outros, um conduz ao outro, determinando assim o que caracteriza a dinâmica da iniciação”<sup>20</sup>.

A ênfase cristã não é colocada naquilo que é secreto e, sim, no mistério pascal revelado. De acordo com Dionísio Borobio, encontramos três aspectos fundamentais: conteúdo da iniciação, que diz respeito ao próprio mistério pascal, dinâmica salvífica do Deus que se encarna na história, gratuita e amorosamente, por meio do seu Filho, e que nos traz um descendente de vida através do Espírito. Um outro destaque dado pelo autor é a dimensão mediadora da comunidade, porque a dinâmica salvífica de Deus pressupõe o ser humano. Neste sentido, percebemos que comunidade eclesial aparece nesse ínterim como lugar privilegiado da resposta de fé do iniciado<sup>21</sup>.

Compreendemos que a iniciação cristã é um percurso no qual a pessoa se dispõe a mergulhar no mistério pascal de Cristo, dando espaço à graça de Deus e à ação do Espírito Santo, reconhecendo-se parte da história da salvação. Esse caminho de

---

<sup>18</sup> SUSIN, 2019, p. 39.

<sup>19</sup> TABORDA, 2012, p. 51.

<sup>20</sup> NOCENT, Adrien et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 10.

<sup>21</sup> BOROBIO, 2009, p. 37-39.

experiência com Deus e com a comunidade tem seu ponto alto na recepção dos sacramentos do batismo, da confirmação e da eucaristia, a partir dos quais a pessoa iniciada agora é chamada a prosseguir a experiência de fé como membro ativo em uma comunidade.

Podemos notar que a comunidade, corpo de Cristo, reunião dos congregados em torno do mistério pascal, aparece como a grande mediadora do processo de iniciação. É impensável celebrar qualquer um dos sacramentos iniciáticos sem pressupor que eles impliquem, a quem os recebe, um senso de pertença a um corpo eclesial. Os ritos e símbolos utilizados nessas celebrações comunitárias são entendidos como objeto e meio da iniciação e representam como a comunidade é implicada ativa e passivamente na condução dos iniciados na fé. Nesse sentido, devemos olhar para a iniciação cristã como um processo de implicação mútua.

É a Igreja, mãe e mestra, que ajuda na mediação da acolhida daqueles que desejam ser iniciados na fé cristã. A Igreja nascente era muito fiel à tradição do Arcano – que seriam como que os segredos, enigmas da fé experienciada e vivida pelos cristãos, que eram guardados e aos poucos eram revelados aos catecúmenos. Todo esse processo de gestação de novos cristãos era acompanhado por inúmeros ritos e celebrações, reforçando no candidato o desejo de pertença a essa família eclesial a exemplo dos primeiros cristãos: “Mostravam-se assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42).

Sobre esse aspecto, Borobio afirma que um elemento específico do processo “é a atitude de fé evangélica e de participação ativa que se exige do próprio sujeito iniciado”<sup>22</sup>. O itinerário iniciático pressupõe uma abertura consciente aos princípios evangélicos e uma disposição para a adesão radical a Cristo e à Igreja. Por isso, a decisão de entrar numa comunidade eclesial implica, sobretudo, um esforço de conversão e uma vivência autêntica da fé que agora o sujeito iniciado está disposto a abraçar. Toda a sua vida deverá ser pautada no Cristo, princípio normativo do cristão.

Sendo assim, o que deseja ser iniciado, tendo entendido o Mistério que se propõe a aderir pela mediação da Igreja, deve se esforçar por viver uma vida de testemunho. “Pelo batismo nós fomos sepultados da morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6,4). Aqui aparece nítido o elemento da renúncia do “homem velho” (Rm 6,6), de deixar que

---

<sup>22</sup> BOROBIO, 2009, p. 38.



a conversão se transforme de fato em mudança de hábitos, atitudes, comportamentos coerentes com o seu novo estilo de vida – agora cristão.

Ainda de acordo com Borobio, o problema não é tanto entender a especificidade da iniciação cristã, mas poder verificar se a Igreja tem os dispositivos adequados para tal iniciação, e se de fato inicia. Para poder discernir se isso acontece, colocamos em prática a especificidade explicada nas seguintes dimensões integrativas: a teológica; a eclesiológica; a pessoal; a sacramental; e a histórica<sup>23</sup>. Acrescentaríamos, ainda, as dimensões: litúrgico-celebrativa, bíblica, cristológica e, por fim, a catequética.

Em conclusão, pensamos que tendo em conta tudo o que foi dito, a estrutura iniciática que nós herdamos, e que se apresenta hoje à Igreja como “normal”, pode ser qualificada como insuficiente e não totalmente coerente, uma vez que não permite a plena realização das dimensões que a compõem. Tudo isso nos instiga a repensar estratégias para a integração de todas as dimensões citadas acima, para que a iniciação cristã cumpra a sua função plenamente.

### 1.3 A iniciação cristã na Tradição Apostólica

Temos consciência da existência de outras fontes importantes que poderiam ser mencionadas aqui no tocante ao tema da iniciação cristã, contudo, não é esse nosso objetivo. Pretendemos sim, partir da fonte da *Traditio Apostolica*, obra essa atribuída a Hipólito de Roma<sup>24</sup>, entre outros escritores, e evidenciar que ela retrata uma tradição e o testemunho da vida da Igreja nascente que celebrava a sua fé de uma forma estruturada. “É mister também recordar que a Liturgia de Hipólito não representa ‘a’ liturgia de Roma, mas uma liturgia que se preocupava em ser fiel à tradição”<sup>25</sup>.

Diferente das descobertas dos pergaminhos de Qumrân<sup>26</sup>, não foram os arqueólogos que viram saltar do meio dos escombros escavados esse livro velho e fora de uso. Foram pacientes estudiosos que, na mesa de seus escritórios, recompuseram a versão

<sup>23</sup> BOROBIO, 2009, p. 39-41.

<sup>24</sup> As atuais pesquisas atribuem o documento a um pseudo Hipólito porque os estudiosos não chegaram a um acordo sobre o autor ou sobre a origem geográfica do documento. Além disso, é difícil determinar a sua datação precisa. A maioria dos estudiosos diz que o documento seria do século III, no entanto, outros, como Paul Bradshaw, preferem datar o documento um pouco mais tarde, sugerindo que se trata da redação de diversos documentos e não um único texto sem costuras composto no mesmo período. (PARANHOS, Washington. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 36-37)

<sup>25</sup> NOCENT et al., 1989, p. 32.

<sup>26</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. Introdução de Maucyr Gibin. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 16.

original do grego a partir de diversas compilações parciais e múltiplas edições em línguas diversas ao longo dos anos. Graças ao paciente trabalho destes cientistas é que temos hoje a *Traditio Apostolica* na sua íntegra. Embora não se possa garantir que seja isenta de toda incorreção, oferece segurança no tocante ao conteúdo e goza de apreço junto aos mais exigentes estudiosos. A Tradição Apostólica é, portanto, resultado da “análise paciente e séria, sob o ponto de vista literário e de conteúdo”<sup>27</sup>.

Quanto à estrutura, a Tradição Apostólica divide-se em três partes essenciais, incluídas entre um prólogo (nº 2-4) e um epílogo (nº 102): A constituição da Igreja (nº 12-32); A iniciação cristã (nº 34-58); As observâncias da Igreja (nº 60-98).

Em relação ao nosso tema, vemos que a segunda parte do texto é dedicada à forma como a comunidade devia preparar aqueles que nela desejavam ingressar, mediante os sacramentos de iniciação cristã. Esta parte trata de todas as etapas do percurso catecumenal, desde o momento da apresentação, passando pelo interrogatório dos que pretendiam “abraçar” a fé, até chegar à inclusão na comunidade cristã e a participação nos sacramentos. “A Igreja, no contexto da perseguição, reconheceu que era necessário cuidado com os que se apresentavam dispostos a ingressar na comunidade. Era preciso conhecer bem as motivações e intenções do candidato, seus antecedentes e seu estilo de vida”<sup>28</sup>. Segundo Matias Augé, é possível identificar, nos números 15 a 21 da Tradição Apostólica, as cinco etapas do percurso catecumenal:

1. A apresentação dos candidatos e a sua admissão após um exame severo;
2. O período do catecumenato, geralmente de três anos, que inclui a catequese, a oração e a imposição da mão, executada pelo catequista, que pode ser um clérigo ou um leigo;
3. A preparação próxima para o batismo, após uma verificação da conduta do indivíduo. Depois desse momento o catecúmeno é chamado de eleito;
4. A iniciação sacramental, que consta de seus três momentos: Batismo, unção e Eucaristia;
5. Mistagogia (iniciação aos mistérios) ou sacramentos recém-celebrados.<sup>29</sup>

A Tradição Apostólica já deixava clara a íntima ligação entre batismo e confirmação, que são os sacramentos da iniciação cristã, cuja culminância se dava na primeira participação na eucaristia. No entanto, batismo, confirmação e eucaristia não são

<sup>27</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 16.

<sup>28</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 65.

<sup>29</sup> AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 113-114.

como que três graus de iniciação, mas constituem, em sua unidade dinâmica, a única iniciação cristã e não a iniciação a três diversos graus de participação na Igreja. “A iniciação é, pois, una e diversificada, à semelhança da unidade da Trindade: batizados na morte e na ressurreição de Cristo, os fiéis são confirmados no Espírito em vista de comungar em Igreja na ação de graças ao Pai”<sup>30</sup>.

Constatamos a afirmação acima da unidade sacramental já no número 48 da Tradição Apostólica<sup>31</sup>, dizendo sobre a herança da correta compreensão do batismo como sacramento da fé, no sentido de ser o sacramento da primeira e fundamental adesão ao Senhor<sup>32</sup>. Antes do banho batismal, a pessoa realizava sua renúncia a Satanás e suas obras e fazia sua profissão de fé,

Com a renúncia e a profissão, a preparação do batismo se completa na noite pascal. Através de seus diferentes momentos, é um só o movimento que o animou e que vai culminar no rito solene que acabamos de descrever. Agora o aspirante ao batismo, tendo oficialmente professado sua vontade de abandonar a idolatria e de se consagrar ao Cristo, vai poder receber o sacramento. Mas essa longa preparação atesta o caráter pessoal do ato que se realiza. Nada está mais distante do espírito do cristianismo primitivo que uma concepção mágica da ação sacramental. A conversão sincera e total é a condição requerida para a recepção do sacramento.<sup>33</sup>

Para se chegar à participação sacramental apontada acima, era necessária uma intensa preparação de três anos, com o intuito de investigar se os comportamentos dos candidatos eram realmente de pessoas convertidas. Numa época de tanto sincretismo e perseguição, a Igreja não podia satisfazer-se com qualquer categoria de cristãos ou semiconvertidos. A tarefa de dar testemunho era séria por demais.

Hipólito não concordava com uma disciplina que admitisse com demasiada rapidez um candidato ao batismo. Ele distinguia duas classes: os catecúmenos propriamente ditos, que seguem instruções durante três anos, e os eleitos que constituem o grupo daqueles que se preparam para a iniciação já próxima. “Esse termo *electus* vai permanecer na liturgia romana; em outros lugares, se usará muitas vezes o termo *competens*”<sup>34</sup>.

---

<sup>30</sup> TABORDA, Francisco. Confirmação, sacramento do Espírito Santo? Para uma identificação a partir de sua unidade com o batismo. *Perspectiva Teológica*, Ano XXX, n. 81, maio-ago 1998, p. 192.

<sup>31</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 63.

<sup>32</sup> TABORDA, 2012, p. 40.

<sup>33</sup> DANIELLOU, Jean. *Bíblia e Liturgia*. A Teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 60.

<sup>34</sup> NOCENT et al., 1989, p. 32.

Podemos visualizar toda uma estruturação que retrata a vida eclesial de uma época em que a fé era celebrada e vivida no seio da comunidade. Percebe-se os indícios de uma Igreja ministerial. Cada membro da comunidade deve viver a fé, tendo sempre presente o seu lugar e papel: “o bispo preside e representa no oferecimento agradável a Deus<sup>35</sup>” toda a comunidade; o diácono serve o bispo e a comunidade; e o presbítero preside a oração e instrui os fiéis reunidos em assembleia. Para além da hierarquia, a obra mostra que nessa época havia outros membros da comunidade que assumiam ministérios e funções específicas, como é o caso dos confessores, das viúvas, dos leitores, das virgens e dos subdiáconos<sup>36</sup>.

A Tradição Apostólica, como já foi dito, é tida como uma obra de significativo nível litúrgico, pois retrata a tradição eclesial e a forma como a Igreja reza e celebra a sua fé. Por isso, com exceção da *Didaqué*, é a constituição eclesiástica canónico-litúrgica mais antiga que possuímos, por isso a abordamos ainda que resumidamente.

Sendo tão importante, ela retrata uma tradição, fruto do testemunho da vida de uma Igreja ou de múltiplas comunidades que celebram a sua fé de uma forma estruturada. Mas é também resultado de tensões e dificuldades que obrigaram à acentuação da disciplina e à institucionalização das comunidades e funções, conforme vimos acima. “Mas a Tradição Apostólica também é fonte, na medida em que é uma referência fundamental, até aos nossos dias, para as futuras comunidades”<sup>37</sup>.

Em síntese, destacamos que aquilo que foi vivido, celebrado e recolhido por escrito na Tradição Apostólica servirá de base para a posterior evolução do processo catecumenal, a substância destes ritos durará e receberá importante desenvolvimento.

#### **1.4 A lição histórica do catecumenato antigo**

O mandato de Jesus foi “Ide e fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28,19). A Igreja nascente conseguiu compreender muito bem que sua primeira tarefa consistia na continuidade da obra, iniciada pelo mestre, de fazer discípulos. Essa é a grande herança

---

<sup>35</sup> CORDEIRO, José de Leão (org). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Milénio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 228.

<sup>36</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 51-55.

<sup>37</sup> Para aprofundar no tema de Hipólito de Roma, indicamos como leitura a Dissertação de Mestrado de Adriano da Luz Batista da Universidade Católica Portuguesa em que ele trabalha o tema: Liturgia e vida da Igreja segundo a “Tradição Apostólica” de Hipólito. Disponível em: [https://www.academia.edu/102450658/Liturgia\\_e\\_vida\\_da\\_Igreja\\_segundo\\_a\\_Tradi%C3%A7%C3%A3o\\_apost%C3%B3lica\\_de\\_Hip%C3%B3lito](https://www.academia.edu/102450658/Liturgia_e_vida_da_Igreja_segundo_a_Tradi%C3%A7%C3%A3o_apost%C3%B3lica_de_Hip%C3%B3lito) Acesso em: 4 nov 2023.

que o catecumenato antigo deixa para nós. O importante, no início da era cristã, consistia em apresentar às pessoas a proposta de vida de Jesus de Nazaré e convidar esses sujeitos ao passo seguinte do conhecimento e aprofundamento das verdades e da fé, como discípulos e seguidores do Senhor.

Este movimento de “ir” para fora foi constitutivo do testemunho da Igreja nascente. Os primeiros cristãos tinham muita clareza que a razão de ser das comunidades não estava dentro, mas fora delas mesmas. A Igreja nasce da experiência pascal, não vive para ela, mas para o mundo. No entanto, esse “ir em direção aos povos”, longe de ser um caminho de conquista, era um caminho de serviço. Este “movimento para fora” é o que descentrou as comunidades cristãs de si mesmas, as libertou da inércia, e abriu nelas um espaço para comprometer-se a serviço da humanidade<sup>38</sup>.

A experiência de vida comunitária, de oração, a partilha, o conhecimento e paixão pelo Mistério conduziram para a recepção e celebração dos sacramentos, não como fim em si mesmos, nem como atos isolados, mas sim, como consequência de um caminho já percorrido de conversão. Necessitariam ter a consciência de se tratar de uma “opção pessoal que deveria ser consistente, capaz de resistir às dificuldades e perseguições do momento, de um grupo minoritário”<sup>39</sup>.

Nesse processo de propagação do cristianismo, nos deparamos com três reações. “A primeira é a dos próprios cristãos, que pelo testemunho e pela pregação propõem aos outros o novo caminho como sentido para vida. A outra atitude é de simpatia e admiração por parte de judeus e pagãos (At 2,47). A última, de hostilidade e perseguição”<sup>40</sup>.

O contexto cultural religioso da época mostra logo a necessidade de uma boa preparação dos que desejam aderir a Jesus Cristo e ao caminho proposto por ele. O cristianismo, ao sair do mundo semita, judeu, para o mundo greco-latino, sente a necessidade de adaptar-se à nova cultura e à nova linguagem. Consequentemente, os termos, expressões, conceitos do mundo cultural grego são adaptados pelos cristãos para expressar a fé.<sup>41</sup>

Falando em conceituação, o termo “catecúmeno”, apareceu no início do século II e destinava-se às pessoas que se preparavam para o batismo. Eram as pessoas que se dispunham a entrar na dinâmica de deixar a Palavra de Deus ecoar dentro de si, por meio da atitude de atenção, de escuta, e da configuração da vida à luz da mensagem do Evangelho. O objetivo era chegar a aprofundar a fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo

<sup>38</sup> PAGOLA, José Antonio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 185.

<sup>39</sup> BOROBIÓ, 2009, p. 72.

<sup>40</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 62.

<sup>41</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 63.

e ao que ele havia revelado – esse reconhecimento se dava como consequência do querigma.

Os santos padres da Igreja, que são considerados os primeiros teólogos, possuíam uma genialidade na transmissão da mensagem cristã, por meio das suas homilias e catequeses. Em virtude dessa capacidade é que vemos o surgimento do catecumenato já no começo do século III com toda uma estrutura inicial. No século IV, teremos o ponto alto de florescimento em virtude do papel e atuação dos santos padres da Igreja. Comprova-se o que foi dito com a citação de Ignacio Oñatibia:

Foi a vontade de cumprir com suas responsabilidades como mistagogos do povo de Deus (de catecúmenos e neófitos, em particular) o que mais estimulou os Padres da Igreja a elaborar uma teologia dos sacramentos da iniciação cristã. Em matéria de sacramentos, a reflexão teológica dos Padres, partindo do comentário da Escritura, andava pelos trilhos do simbolismo dos ritos e da tipologia bíblica. Por estas vias estavam garantidos a profundidade histórico-salvífica, a inspiração bíblica, a aderência à realidade sacramental, a variedade e riqueza de intuições, o alento pastoral e o caráter concreto e vital doutrina daí resultante.<sup>42</sup>

Conforme vamos avançando na reflexão da temática da história da iniciação cristã, vemos quão amplo é o assunto, por isso, é importante deixar claro que não serão abordados, nos pormenores, a vida e a contribuição dos santos padres, pois o interesse desta pesquisa não é trabalhar a iniciação cristã na Patrística. Destacamos apenas alguns pontos que julgamos ser pertinentes para nosso trabalho.

O íterim entre os séculos IV e VII foi visto como a época de ouro da Patrística. A grande contribuição deste período foram as catequeses batismais (anteriores ao batismo e cujo ensinamento centrava-se no Credo e na conversão moral) e as catequeses mistagógicas (posteriores ao batismo e centradas na compreensão dos sacramentos celebrados). Entre os padres da Igreja que mais se destacaram nesse período, podemos citar: Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo, Ambrósio de Milão e Agostinho.

Um aspecto a ressaltar é a importância que os Padres da Igreja dão à História da Salvação, a partir da explicação do Credo. Situam, para os catequizandos, as etapas da história salvífica, da criação do mundo à redenção realizada por Jesus Cristo e à vitória plena de Deus, no Juízo Final, isto é, na escatologia. Jesus é a convergência, o ponto máximo de toda a revelação, o sentido da história humana e da vida de cada pessoa, e o ponto de partida da nova História da Salvação.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e Confirmação: sacramentos de iniciação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 85.

<sup>43</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 96-97.

Graças à contribuição desses padres da Igreja, a Teologia dos Sacramentos da iniciação foi sendo elaborada com precisão em virtude das demandas que iam sendo postas e discutidas. Por exemplo, “as controvérsias contra os arianos e com os pneumatômacos tornaram a Igreja mais sensível e atenta à presença e atividade da Trindade e de cada uma das pessoas divinas nas ações sacramentais”<sup>44</sup>.

A grande herança que o catecumenato antigo nos deixa é a da vitalidade do Evangelho, que soube contornar as situações adversas de perseguição e como semente do Reino foi se espalhando e conquistando espaço. Nos apresenta também um modelo de Igreja ministerial, em que cada qual se esforçava por cumprir bem a sua missão. Havia também uma dimensão profundamente espiritual, por meio de um caminho de amadurecimento da fé e da inserção em Cristo e na comunidade. Observa-se que a estrutura da catequese patrística obedecia a duas grandes orientações: a da extensão e a da profundidade<sup>45</sup>.

Na pedagogia catecumenal, os Padres utilizavam diversas imagens. As três mais frequentes são: caminho, desenvolvida particularmente por Orígenes; gestação, muito importante para os Padres do século IV; e a imagem militar do noviciado, usada principalmente por Tertuliano.<sup>46</sup>

Por fim, o acompanhamento personalizado, por meio da acolhida, da instrução catequética dos exames para averiguar as reais motivações daqueles que desejavam adentrar no caminho da comunidade era conduzido de forma pedagógica e o testemunho da comunidade dos cristãos era o grande diferencial. “Eles se mostravam assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2, 42).

### **1.5 Decadência do catecumenato antigo**

O cristianismo, graças à atuação dos Santos Padres e do testemunho das comunidades, foi se expandindo de tal forma que, no ano 313, Constantino, Imperador do Ocidente, e Licínio, Imperador do Oriente, promulgam o famoso Edito de Milão que

---

<sup>44</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 86.

<sup>45</sup> SARTORE, Domenico. Catequese e Liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, Achile M. (orgs.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 176.

<sup>46</sup> PARANHOS, 2022, p. 30-31.

concedia liberdade de culto a todas as religiões e direitos iguais entre elas. Eis a mensagem divulgada: “(...) Pareceu-nos justo que todos, os cristãos inclusive, gozem da liberdade de seguir o culto e a religião de sua preferência. Os que optarem pela religião de Cristo sejam autorizados a abraçá-la sem estorvo ou empecilho, e que ninguém absolutamente os impeça ou moleste (X, V, 4)”<sup>47</sup>.

Num primeiro momento, a leitura dessa promulgação deveria nos levar ao contentamento, pois os cristãos teriam a liberdade para evangelizar e iniciar as pessoas sem o peso da perseguição. Entretanto, é exatamente aqui que se dá o início da decadência de todo o processo catecumenal.

Licínio não era cristão e a tolerância que concedeu ao cristianismo foi mais por interesse político e não por generosidade<sup>48</sup>. Constantino, por influência de sua mãe Helena, que era cristã, passou gradativamente a favorecer o cristianismo de várias formas, a saber: ajustando a legislação romana aos princípios cristãos; promovendo os bispos a juízes e príncipes; construindo templos e esplêndidas basílicas; e, por fim, convocando concílios<sup>49</sup>. Mais que livre, a Igreja passava a ser privilegiada.

Com essa promulgação, acontecem inúmeras mudanças em todos os âmbitos da vida eclesial. As liturgias, antes celebradas em pequenos ambientes familiares, passam por uma reestruturação para que se tornem “cerimônias” das basílicas. “A partir de agora, sobretudo para celebrar a eucaristia presidida pelo bispo, os cristãos passam a se reunir em ambientes amplos, e, pela influência então da cultura romana, as celebrações se transformam em algo progressivamente solene e régio”<sup>50</sup>.

Como consequência, a eucaristia passa a ser uma celebração marcadamente hierárquica, em contrapartida, a sua dimensão fraternal de uma reunião em torno da mesa é abandonada. Nesse novo culto, cada um ocupa seu lugar hierarquicamente delimitado. Vale ressaltar que é a partir desse período que se estabelece uma vivência que se tornaria decisiva para a configuração das assembleias cristãs que se seguiriam a partir de então: a separação entre clero e fiéis leigos<sup>51</sup>.

Aconteceu uma mudança radical na hierarquia da Igreja que, então passou a envolver-se cada vez mais com a política, e também com o uso e abuso do poder, da honra e do dinheiro. É o que se denomina

<sup>47</sup> CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 492.

<sup>48</sup> CESAREIA, 2000, p. 491.

<sup>49</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 105.

<sup>50</sup> SILVA, Ariovaldo José; BUYST, Ione. *O mistério celebrado: memória e compromisso* I. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 32.

<sup>51</sup> BECKHAUSER, Alberto. *Liturgia: iniciação à teologia*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 222-223.



“cesaropapismo” (vinculação de César – o imperador – com a autoridade da Igreja – o papa, e os bispos – líderes máximos do cristianismo).<sup>52</sup>

Os historiadores denominam esse momento da história como “Virada Constantiniana” e ela repercutiu muito negativamente no campo da iniciação cristã, e o catecumenato, enquanto instituição, foi tendo a sua decadência a partir do século V. Essa crise ocorreu pelo fato de a Igreja tornar-se uma instituição reconhecida e, conseqüentemente, receber um número de conversões “em massa”. Não era mais o amor a Cristo, portanto, que impulsionava as pessoas a buscarem uma mudança de vida e aderirem profundamente ao Reino de Deus, e sim os privilégios oferecidos pelo poder imperial.<sup>53</sup>

Em decorrência das mudanças ocorridas pela aplicação do Edito de Milão, a Igreja perde uma organização fundamental ao processo de preparação dos fiéis, especialmente no que diz respeito à centralidade de Jesus Cristo, à integração na liturgia, à familiarização com a Sagrada Escritura, ao comprometimento com a comunidade eclesial, bem como à capacidade de zelarem pela missão de evangelizar e transmitirem a fé. Decai aquele valor apontado acima por Daniélou, a extensão temporal e a profundidade espiritual.

A experiência que fundamentava a vida cristã era um processo em que o catecúmeno experienciava, em sua própria vida, a história da salvação, os acontecimentos básicos da doutrina, a vivência da comunidade eclesial, dos sacramentos, da moral cristã, da vida de oração e o compromisso missionário. O fato de serem perseguidos solidificava a fé e a união dos catecúmenos, que se apoiavam e priorizavam o amor de Deus na solidariedade com o próximo, bem como na compreensão da pobreza como condição do seguimento a Jesus de Nazaré<sup>54</sup>.

Junto à visibilidade adquirida pelo cristianismo, em virtude da liberdade de culto, há um aumento da procura de pessoas interessadas em fazer parte da religião. Como era de se esperar, a Igreja não possuía o suporte necessário de cristãos preparados (catequistas, introdutores, presbíteros e bispos) diante da demanda de pessoas que se apresentavam diante dela buscando o batismo. Portanto, todo o processo de acolhida, discernimento, acompanhamento, renúncias, era agora praticamente impossível de ser realizado com a qualidade do início. Aqui temos a chave de leitura para tantas crises ainda hoje. Aumentamos a quantidade e perdemos na qualidade.

---

<sup>52</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 105.

<sup>53</sup> QUEZINI, Renato. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 24.

<sup>54</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 113.

A partir do século IV, por causa dos batismos em massa, o catecumenato esvazia-se de conteúdo. Tem importância então a recepção do candidato para o fazer cristão (signação, exorcismo e prova do sal). Os escrutínios ou “exames do coração” eram acompanhados de abundantes exorcismos. Destacou-se a entrega e devolução do Símbolo (*Traditio-redditio symboli*), a que se acrescentou a do Evangelho e Pai Nosso. À renúncia a Satanás juntou-se a fórmula de adesão a Cristo. Os atos de iniciação reduziram-se mais tarde a três escrutínios, com o consequente desaparecimento gradual do catecumenato<sup>55</sup>.

Dentre tantas mudanças que foram acontecendo no processo catecumenal, não podemos deixar de mencionar a redução do tempo de formação que desde a Tradição Apostólica era de três anos, e sempre levava em consideração o caminho pessoal de conversão que o catecúmeno ia percorrendo. Agora, diante da procura, esse tempo se reduz apenas ao período da quaresma. Continua-se a falar de catecumenato, mas cada vez se parece menos com o dos séculos II e III. O período quaresmal permitiu que as categorias iniciáticas de: “convertido, catecúmeno, iluminado, neófito, continuem a ser [preservadas] somente teoricamente”<sup>56</sup>.

### 1.6 A complexidade da generalização do batismo de crianças

Adentramos, agora, numa questão muito complexa, que surgiu a partir do século V – a generalização do batismo de crianças. Com Hipólito de Roma, na Tradição Apostólica nos era narrada essa prática: “Os *baptizandi* despirão suas roupas, batizando-se primeiro as crianças (...)”<sup>57</sup>. Contudo, veremos como essa prática se espalhou e, tão rapidamente, se tornou uma realidade “normal”, enquanto o batismo de adultos foi se tornando exceção.

Nesse sentido, o padre Jesuíta Francisco Taborda<sup>58</sup> questiona: se fé, conversão, iniciação são realidades antropológicas que supõem decisão própria, como aplicar isso ao batismo das crianças? Na mesma linha, Karl Barth é mais incisivo ainda ao dizer que “o batismo de crianças não tem sentido. É um costume que apareceu sem fundamento bíblico, por motivos extradogmáticos, causados pela união da Igreja com a sociedade ou como reminiscência judaica da circuncisão”<sup>59</sup>.

<sup>55</sup> FLORISTÁN, Casiano. *Il catecumenato*. Roma: Edizioni Borla, 1993, p. 100.

<sup>56</sup> BOROPIO, 2009, p. 89.

<sup>57</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 62.

<sup>58</sup> TABORDA, 2012, p. 53.

<sup>59</sup> BARTH apud FLORISTÁN, 1993, p. 107-108.

Contudo, apesar das críticas dos teólogos contemporâneos ao batismo de crianças, a história nos mostra que o Ocidente teve Santo Agostinho como seu grande defensor. O bispo de Hipona elaborou três argumentos fundamentais a favor dessa experiência:

a) a da “fé emprestada à criança”, por parte dos pais e padrinhos e da comunidade; b) a da “remissão do pecado original”, com a qual a criança é concebida; c) a da gratuidade da ação salvadora de Deus mediante o batismo. Os argumentos de Santo Agostinho, particularmente em relação ao pecado original, que é totalmente redimido pelo batismo, tiveram muita repercussão. Como consequência, mais e mais pais buscavam o batismo de seus filhos e o mais cedo possível.<sup>60</sup>

Faz-se mister ressaltar que, até Santo Agostinho, a busca pela fé cristã e pelo batismo acontecia influenciada pelas vivências da comunidade e pelo seguimento a Jesus Cristo. Houve grande mudança no comportamento das famílias em busca do batismo a partir do medo de condenação ao inferno, ou de morrerem em pecado por serem pagãos. Com isso, a multiplicação de católicos aconteceu por massificação e não por adesão pessoal a Jesus Cristo de forma livre, conscientemente esclarecida, coerente e generosa.

Outrossim, a responsabilidade pela educação das crianças na fé fica cada vez mais a cargo dos pais, que nem sempre tinham convicções cristãs e muitos sequer conheciam a doutrina cristã ou bíblica. Contudo, os líderes católicos acreditavam que era uma abordagem eficaz, crendo que o contexto familiar seria propício à conversão.

Nesse íterim, o cristianismo se encontrava misturado com a realidade sociocultural muito diversa. A tradição cristã garantia como podia a iniciação e a manutenção da fé. Por séculos, viveu-se um cristianismo sociológico e cultural, em que a fé cristã se fazia presente em todos os cantos da cultura, da família e da tradição. A partir da cristandade, as pessoas “são geradas no útero de uma cultura cristã, que naturalmente gerava, propagava e alimentava a fé cristã”<sup>61</sup>, contrariando Tertuliano, que dizia: “não nascemos cristãos, tornamo-nos”.

## 1.7 A extinção do catecumenato antigo

Consultando as principais referências em relação à liturgia romana, encontramos dois textos que formam as bases textual e ritual de toda a evolução da iniciação cristã: o

<sup>60</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 114-115.

<sup>61</sup> REINERT, João Fernandes. *Inspiração Catecumenal e conversão pastoral*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 20.

primeiro é uma carta do ano 492, em que o diácono João escreve a Senário, um funcionário de Ravena, que se interessava pela liturgia da iniciação cristã e interpela o diácono que responde as suas inquietações<sup>62</sup>. Esta carta não só enumera os ritos, mas também tenta fazer uma interpretação deles: daí a sua grande importância, pois são descritos com particular atenção aos ritos do catecumenato.

Segundo as descrições da carta: para libertar o ser humano do pecado, era necessário receber as noções fundamentais da fé por meio de uma catequese articulada. O catecumenato comportava uma série de ritos: “a imposição das mãos; o sopro no rosto; a imposição do sal; a imposição das mãos<sup>63</sup>; a entrega do símbolo da fé; os escrutínios; o toque dos ouvidos e por fim o toque no peito”<sup>64</sup>.

Devemos nos lembrar que o período em que ele escreve já era a etapa do cristianismo difundido socialmente, logo, esse ritual se destinava aos adultos. Nesta carta, encontramos também a tríplice repetição dos escrutínios antes da páscoa. Segundo os textos, esses escrutínios, na verdade, seriam “exorcismos como forma de purificar, aprofundar e gerar a abertura do catecúmeno para receber a fé e a graça batismal”<sup>65</sup>.

A segunda fonte é o Sacramentário Gelasiano do ano 550, mais completo e que nos oferece os textos das missas, as diversas *traditiones* (entregas), os ritos do batismo e da Confirmação. Ao ritual contido no Sacramentário Gelasiano é acrescentado o do *Ordo XI*<sup>66</sup>. Estes são rituais que se desenvolveram dos séculos VI ao VIII e terão uma importância fundamental por causa dos textos litúrgicos neles contemplados. Ao analisarmos o Sacramentário Gelasiano, constatamos que os ministros que atuam nos ritos são:

[...] antes de tudo o sacerdote, chamado “*presbyter*” ou também “*sacerdos*”; e bispo, designado com o termo “*episcopus*”, ao qual está reservada a imposição das mãos e a unção da confirmação; ao diácono competem numerosas intervenções para as exortações; cabem ao acólito diversas intervenções sobretudo para os exorcismos. As rubricas mostram suficientemente que o ritual foi composto para crianças.<sup>67</sup>

---

<sup>62</sup> NOCENT, Adrien. Iniciação cristã. In: SARTORE, D.; TRIACCA, Achile M. (orgs.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 596.

<sup>63</sup> A duplicidade da imposição das mãos se dá para que o catecúmeno possa progredir na sua vida de santidade.

<sup>64</sup> NOCENT et al., 1989, p. 42.

<sup>65</sup> NOCENT, 1992, p. 596.

<sup>66</sup> NOCENT, 1992, p. 597.

<sup>67</sup> NOCENT, 1989, p. 56-57.

Estamos abordando esses rituais exatamente no tópico em que falamos da extinção do catecumenato, pois já então eles eram claramente organizados para as crianças. Os escrutínios eram desdobrados e depois passavam para os dias de semana<sup>68</sup>, levando consigo as leituras previstas para os domingos dos escrutínios; para os novos escrutínios eram escolhidas leituras mais adequadas às crianças. Ou seja, há um declínio total, uma infantilização. As celebrações com os seus devidos ritos não ocorriam mais aos domingos, dias em que as comunidades se reúnem para a celebração do mistério pascal<sup>69</sup>.

Todavia, tanto no Sacramentário Gelasiano quanto no *Ordo XI*, a iniciação se realiza com a administração dos três sacramentos em uma única celebração, na qual são administrados sucessivamente o batismo, a confirmação e a eucaristia. O batismo se realizava com a tríplice imersão e o interrogatório sobre a fé nas três pessoas da Santíssima Trindade; a confirmação era conferida mediante a imposição das mãos, acompanhada do texto de Isaías sobre o dom do Espírito, e da unção; a eucaristia conclui a iniciação.<sup>70</sup>

Não pode haver dúvida de que existem semelhanças fundamentais entre os ritos iniciatórios descritos no princípio do século III por Hipólito, e nos documentos primitivos e completos da liturgia romana, dos séculos VI a VIII. As três fontes representam, muito provavelmente, uma única liturgia em etapas de evolução. No entanto, como em todas as evoluções, aparecem diferenças entre as primeiras e as subsequentes etapas de evolução. A atenção a estas diferenças permite muitas vezes ao intérprete perceber a direção para a qual tende a corrente evolutiva<sup>71</sup>.

Nesse sentido, a história se encaminhou por linhas que demonstraram muitos pontos de retrocesso que podem ser encontrados principalmente no período do século X ao Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). A partir do século XII, quando o batismo de crianças se torna quase que a única prática batismal, o catecumenato deixa de ter sua eficácia e restam-lhe apenas alguns ritos dispersos, “estritamente sujeitos ao ritmo do nascimento natural e afastados do ritmo eclesial da Páscoa, na qual a *Mater Ecclesia* gerava os filhos de Deus”<sup>72</sup>.

---

<sup>68</sup> NOCENT, 1992, p. 597.

<sup>69</sup> QUEZINI, 2013, p. 26.

<sup>70</sup> NOCENT, 1992, p. 596-597.

<sup>71</sup> KAVANAGH, Aidan. *Batismo – Rito da iniciação cristã, tradição, reformas, perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 66-67.

<sup>72</sup> BOROBIÓ, Dionísio. *A celebração na Igreja 2 – Sacramentos*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 53.

## 1.8 Unidade sacramental comprometida

Já vimos que, desde a Tradição Apostólica, os três sacramentos eram tradicionalmente conferidos nesta ordem: o que dá o “ser cristão” (batismo), o que dá o “agir cristão” (confirmação) e o sacramento da plena inserção na Nova Aliança por meio da ação de graças (eucaristia).<sup>73</sup> O fundamento da unidade dos sacramentos da iniciação cristã não foi uma invenção por conveniência da Igreja nascente, tinha seu embasamento teológico no próprio “mistério pascal” de Cristo, que é uma unidade complexa, diferenciada. Ele é, sim, uno: passagem de Cristo ao Pai, mas constituído de distintos momentos: morte – vida (ressurreição), volta ao Pai (ascensão), missão no Espírito (pentecostes)<sup>74</sup>.

Segundo a teologia da Igreja antiga, a iniciação cristã confere o único dom messiânico e escatológico da salvação. Afirmar o Espírito Santo como dom de Deus não significa postular outro dom de salvação, um dom que seria somado à remissão dos pecados, à justificação, à regeneração e ao dom da vida divina e da filiação divina em Cristo. Todos esses modos de expressão se referem a aspectos ou dimensões da única salvação que Deus nos concede<sup>75</sup>.

Contudo, a partir do século XII, o valor da unidade dos três sacramentos parece ter sido abandonado. Perdeu-se o caráter unitário quando o batismo de crianças passou a ser a prática comum. Diferente dos argumentos teológicos apontados acima, a separação dos sacramentos do batismo e da confirmação se deu quando, na prática pastoral, o batismo passou a ser administrado nas Igrejas rurais, “sem a presença do bispo”<sup>76</sup>, e foi preciso optar: “ou transferir para a competência do presbítero a totalidade da iniciação, ou separar o banho batismal dos ritos pós-batismais realizados pelo bispo. A Igreja Oriental preferiu a primeira opção; a Latina ficou com a segunda”<sup>77</sup>.

As consequências dessa opção da Igreja Latina dos ritos pós-batismais, ou seja, o sacramento da confirmação ter como ministro principal os bispos, ocasionou de vez a separação dos sacramentos da iniciação cristã, e essa decisão acarretou posteriormente

<sup>73</sup> NOCENT et al., 1989, p. 11.

<sup>74</sup> TABORDA, 1998, p. 198.

<sup>75</sup> FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium salutis*. Compêndio de dogmática histórico-salvífica. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 100.

<sup>76</sup> MURONI, Pietro Angelo. *L'ordine dei sacramenti dell'iniziazione cristiana*. Rome: Edizioni liturgiche, 2007. p. 57.

<sup>77</sup> TABORDA, 1998, p. 193.

consequências muito graves, cujos resultados negativos se verificam até hoje na prática pastoral.

Permitiu-se, portanto, o acesso à eucaristia antes da confirmação, desfazendo assim a ordem dos sacramentos da iniciação. A comunhão das crianças passa a ser a imitação da comunhão pascal dos adultos: “escutam as instruções e sermões de Quaresma, depois se confessam e na Páscoa comungam”<sup>78</sup>.

Conclui-se, pois, o embaralhamento, fazendo a primeira eucaristia ser precedida de uma primeira confissão. Desta forma, perde-se, definitivamente, na prática pastoral da Igreja Latina, a unidade dos sacramentos da iniciação e sua ordem óbvia de que: “na vida, se entra sendo lavados, perfumados e nutridos. Na Igreja, também se entra sendo lavados no batismo, perfumados na confirmação e nutridos na eucaristia”<sup>79</sup>.

Andrea Grillo nos diz que, com essa perda da unidade dos sacramentos da iniciação cristã, implanta-se na Igreja uma visão autônoma dos três sacramentos: “O batismo se tornou o sacramento de quem nasce, a entrada na Igreja é sancionada pela primeira comunhão, e a confirmação um sacramento para o adolescente”<sup>80</sup>.

Como já se observou anteriormente, na Igreja Antiga teria sido inconcebível que a participação no Corpo Eucarístico de Cristo, ápice da iniciação e da incorporação à Igreja, fosse dada a quem ainda não tivesse sido marcado com o selo do Espírito.<sup>81</sup> Dessa forma, como foi visto, ao longo desse percurso histórico, perdeu-se a compreensão unitária dos sacramentos da iniciação cristã, a ponto de cada sacramento ser administrado separadamente.

## 1.9 Concílio de Trento

Toda a problemática abordada em relação aos sacramentos se propaga na Igreja em outras instâncias: na vida litúrgica, comunitária e celebrativa. Havia um desejo de fugir do intelectualismo escolástico e encontrar um estilo de vida mais espiritual. Segundo o jesuíta Washington Paranhos: “é importante considerar que a teologia escolástica provocou uma grave inquietação e, conseqüentemente, a ruptura de Lutero, que

---

<sup>78</sup> TABORDA, 1998, p. 193.

<sup>79</sup> GRILLO, Andrea. *Ritos que educam*. Os sete sacramentos. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 61.

<sup>80</sup> GRILLO, 2017, p. 62.

<sup>81</sup> AUGÉ, 1996, p. 117.

sustentava que a teologia católica tradicional tinha sofrido uma transformação desastrosa e perdido a natureza bíblica e dinâmica”<sup>82</sup>.

Neste contexto, a Igreja encontrava-se em crise no final da Idade Média e muitos abusos se manifestaram. Diante disso, em 1512, o papa Júlio II convoca o V Concílio Ecumênico Lateranense, que perdurou até 1517<sup>83</sup>. Todos aguardavam as resoluções com esperança e desejavam mudanças estruturais na Igreja, entretanto, o V Concílio de Latrão frustrou as expectativas. Em vez disso, desponta o começo da Reforma Luterana. A revolta de Lutero para com a Igreja o levou a publicar 95 teses com pesadas acusações e pedidos de mudanças.

Diante das reivindicações de Lutero, “o concílio de Trento reunir-se-á com mais de vinte anos de atraso (1545-1563)”<sup>84</sup>, o principal motivo que levou à convocação do Concílio foi o alastramento das tensões suscitadas pela Reforma Protestante, a Luterana, em particular<sup>85</sup>. A reflexão teológica de Trento será precisa.

Trento não procurou desenvolver uma doutrina completa e coerente sobre os sacramentos, mas, sim, posicionar-se sobre assuntos que colocavam a doutrina sob ameaça. “Martinho Lutero, num primeiro momento, parece admitir os três sacramentos, o batismo, a penitência e a eucaristia. Depois, ele chega à conclusão de que apenas dois sacramentos podem ser considerados como instituídos pelo Senhor: o batismo e a eucaristia”<sup>86</sup>.

De acordo com Andrea Grillo, Trento preocupou-se em dizer que os sacramentos são sete, mas também recordou que são entre eles diversos, porque existem os sacramentos maiores e os que não são maiores; os maiores são batismo e eucaristia. Na nossa linguagem, ao batismo e à eucaristia acrescentamos a confirmação, porque o percurso de iniciação que chega até a eucaristia passa pela inauguração batismal, pela plenitude crismal, para poder viver esta dupla identidade batismal e crismal na vida eucarística.<sup>87</sup>

A VII Sessão conciliar de 3 de março de 1547 foi totalmente dedicada à doutrina dos sacramentos. Especificamente sobre os sacramentos de iniciação cristã. Foram

---

<sup>82</sup> PARANHOS, 2022, p. 97.

<sup>83</sup> DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter (orgs.). *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. 3.ed. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2015, n. 1440 – p. 384.

<sup>84</sup> SESBOÛE, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro Milênio: convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999, p. 512.

<sup>85</sup> MURONI, 2007, p. 146.

<sup>86</sup> PARANHOS, 2022, p. 100.

<sup>87</sup> GRILLO, 2017, p. 60.



aprovadas quatorze proposições doutrinárias sobre o batismo, três sobre a confirmação e onze sobre a eucaristia<sup>88</sup>. O conteúdo incidirá principalmente sobre a matéria, a forma, os efeitos, o ministro e a instituição divina, bem como a proposição de alguns elementos fundamentais da teologia dos sacramentos. “O tom das afirmações conciliares será apologético, com o desejo e objetivo principal de reconduzir os cristãos à fé autêntica”<sup>89</sup>.

Em síntese, Trento não abordará a temática da unidade dos sacramentos da iniciação cristã. O batismo, a confirmação e a eucaristia continuarão, portanto, em busca da própria "individualidade teológica, da própria personalidade sacramental desvinculada uma da outra, até chegar às drásticas consequências que um caminho de iniciação cristã (sobretudo de nível pastoral) difícil de se entender e de se propor”<sup>90</sup>.

“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35). Esse foi o desejo de Jesus de Nazaré para os seus seguidores e a Igreja nascente conseguiu viver isso no seu dia a dia dando testemunho do amor cristão. Contudo, o Concílio de Trento não conseguirá conter a divisão da Igreja do Ocidente e com o passar do tempo sobressai “um traço incontestável da presença do pecado na Igreja que é a divisão dos cristãos. A grande ruptura da Igreja no Ocidente no século XVI, traduziu-se em massacre em nome da fé. Em cada país, o campo majoritário executava os representantes do campo minoritário”<sup>91</sup>.

### **1.10 Evangelização nas Américas ou no novo mundo?**

Nesse contexto do século XVI, acentua-se também como fator histórico primordial a “ocupação e a evangelização dos novos continentes”<sup>92</sup>. Destaca-se a ausência dos bispos da América-Latina no evento conciliar de Trento. A Igreja no “Novo Mundo” como fora assim chamado, tinha como prioridade fundamental a evangelização dos indígenas, entretanto, a tarefa missionária “esbarra-se numa situação totalmente nova e contraditória à fé cristã, pois estava acontecendo uma invasão violenta no mundo dos nativos ou autóctones, denominados indígenas. A cobiça pelo ouro, assim como a escravização dos nativos, suplantava a boa intenção dos missionários”<sup>93</sup>.

---

<sup>88</sup> DENZINGER; HÜNERMANN, 2015, n. 1600-1630 – p. 415-419.

<sup>89</sup> MURONI, 2007, p. 149.

<sup>90</sup> MURONI, 2007, p. 191.

<sup>91</sup> SESBOÛE, 1999, p. 516.

<sup>92</sup> PARANHOS, 2022, p. 109.

<sup>93</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 143-144.

Devemos mencionar também, nesse ínterim, o conflito que se estabeleceu entre os colonizadores e os missionários pela forma como exploravam e maltratavam os nativos. Tal questão teve tanta repercussão que o papa Paulo III, em 1537, publicou, na bula *Sublimis Deus*:

[Que] os ditos índios e todos os outros povos que venham a ser descobertos pelos cristãos não devem em absoluto ser privados de sua liberdade ou da posse de suas propriedades, ainda que eles sejam alheios à fé de Jesus Cristo; eles devem, livre e legitimamente, gozar de sua liberdade e da posse de sua propriedade; e não devem, de modo algum, ser escravizados<sup>94</sup>.

Graças ao apoio desse documento pontifício, os missionários redobram seus esforços em favor dos indígenas, aprenderam suas línguas nativas e tinham a boa intenção de ajudar as pessoas a receber um resumo da fé cristã por meio dos tão difundidos catecismos elaborados na Europa a pedido do Concílio de Trento.

De maneira particular, no Brasil, as caravelas de Cabral chegaram ornadas com o sinal da cruz. “A cruz marcou a posse da terra então desconhecida dos lusitanos. Sob sua sombra e em seu nome celebrou-se o primeiro ato oficial da invasão: a primeira missa”<sup>95</sup>. Segundo Taborda, o gesto de fincar na terra uma cruz foi algo muito significativo. Mais do que um símbolo cristão, foi visto como um sinal de apropriação, que condensava e simbolizava “o propósito português de ‘dilatara fé e o império’. A cruz não é oferecida como chance; é fincada violentamente na terra num ato de violação”<sup>96</sup>.

Na famosa carta de Pero Vaz de Caminha, ficam explícitas as intenções missionárias dos colonizadores. Nela constam considerações relativas ao povo, à terra e há os seguintes intentos: “E de tal maneira é graciosa (a terra) que, querendo-a aproveitar, dar-se-á tudo. Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar, me parece que será salvar essa gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deverá lançar”<sup>97</sup>.

Com o passar do tempo e o estabelecimento da sociedade colonial, a cultura europeia foi sendo importada e amoldada de acordo com as novas situações, adequando-se às limitações e inovações e envolvendo indígenas, homens, mulheres e crianças trazidas da África. Os evangelizadores provinham de uma Europa que vivia em regime

---

<sup>94</sup> PAULO III. *Bula Sublimis Deus*. Ano 1537. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/sublimis-deus-paulo-iii-02-06-1537/> Acesso em: 4 nov 2023.

<sup>95</sup> TABORDA, 2012, p. 19.

<sup>96</sup> TABORDA, 2012, p. 19.

<sup>97</sup> CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil. 1500. Só literatura. Disponível em: [https://www.soliteratura.com.br/biblioteca\\_virtual/biblioteca02f.php](https://www.soliteratura.com.br/biblioteca_virtual/biblioteca02f.php) Acesso em: 6 nov 2023.

de cristandade. Traziam consigo a consciência teológica e espiritual da urgência do trabalho evangelizador. Tendo em vista que o ser humano não batizado (criança ou adulto) estava condenado ao inferno, caso não recebesse o banho salutar, “urgência batizar a todos, o quanto antes, para livrá-los da condenação eterna. Resultou assim que nossa terra foi batizada, ‘sacramentada’, sem ser evangelizada”<sup>98</sup>.

Acreditava-se que bastava derramar água sobre a cabeça da criança ou do adulto para que mais um cristão se formasse. Julgavam que a evangelização, no Brasil, aconteceria a partir da força evangelizadora de uma sociedade aparentemente cristã.

A vida litúrgica dos fiéis se expressava, sobretudo, nas grandes celebrações da Semana Santa (procissões, autos religiosos, participação nas cerimônias), no Natal (Missa do Galo, Folia de Reis), em Pentecostes (Bandeira do Divino) e nas festas de Nossa Senhora<sup>99</sup>. Surgiram, nesse período, as Irmandades e Confrarias que congregavam os fiéis com as práticas devocionais.

A instrução catequética da população, tanto para adultos como para crianças, era uma preocupação da Igreja, começava-se com as noções básicas e elementares transmitidas no lar e depois ampliadas nas homilias e nos sermões dos pregadores. Destacam-se, nesse ínterim, a atuação dos jesuítas que, com mérito e esforço, “trabalharam nas mais diferentes áreas: primeiramente na catequese dos indígenas, depois na pacificação das animosidades desses com os portugueses, na instrução dos colonos e como conselheiros do rei”<sup>100</sup>.

O cristianismo, culturalmente disseminado, tornava-se campo fértil para devocionismos variados que mantinham a fé do povo, mas não formavam discípulos de Jesus Cristo, comprometidos com a transformação da sociedade. Viveu-se o deslocamento de eixo, da centralidade da liturgia como celebração do Mistério de Cristo para as devoções<sup>101</sup>. Como afirmaram os bispos latino-americanos nas Conclusões de Puebla em 1979: o catolicismo popular comporta elementos positivos (solidariedade, hospitalidade, piedade) e também elementos negativos (superstição, magia, ritualismo)<sup>102</sup>.

---

<sup>98</sup> PARO, Thiago Faccini. *As celebrações do RICA*. Conhecer para bem celebrar. Petrópolis: Vozes, 2019a, p. 5.

<sup>99</sup> LIMA, Marilio Cesar de. *Breve História da Igreja no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 39.

<sup>100</sup> LIMA, 2004, p. 33.

<sup>101</sup> SILVA; BUYST, 2006, p. 53.

<sup>102</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A evangelização no presente e no futuro da América latina. Puebla: Conclusões*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 202-203.

Devido à maneira como o Evangelho caiu na terra de Santa Cruz, acabamos nos acostumando com um conceito de catequese como sinônimo de instrução, estritamente infantil, doutrinário, ocasional. Em virtude disso, há muitas dificuldades de “entender a catequese como um processo contínuo de aprofundamento da fé, que perpassa as diversas etapas da vida dos cristãos<sup>103</sup>”. O fato de historicamente termos sido iniciados tão somente em doutrinações e ritos, numa liturgia sacramentalista, não nos possibilitou crescermos rumo à maturidade em Cristo. A restauração do catecumenato trata-se de uma demanda que já havia surgido no seio da Igreja ainda no século XVI<sup>104</sup>.

No século XX, foi se redescobrimo na catequese a importância da iniciação cristã, reforçada pelas contribuições dos movimentos litúrgico, bíblico, patrístico e querigmático. Em virtude de tantos desafios no tocante à transmissão da fé, faz-se mister articular fé e vida, caminhada de Igreja e compromisso com a transformação do mundo. Outrossim, também é importante eliminar a visão errônea que via a liturgia e os sacramentos como “coisas não só distintas, mas também separadas”<sup>105</sup>. Graças à renovação litúrgica adotada e promovida pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, resgatou-se o essencial da liturgia e voltou-se a uni-la aos sacramentos.

### **1.11 Restauração do Catecumenato**

O Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado de 1962 a 1965, reuniu bispos de todo o mundo para refletir sobre como se encontrava a Igreja frente aos desafios da contemporaneidade. Quando o Concílio foi convocado, toda população, dos mais diversos lugares, ainda sofria com as calamidades oriundas da Primeira e da Segunda Grande Guerra. Era um momento forte, propício para resgatar a dignidade da pessoa humana e devolvê-la a quem se sentira vítima do mau uso da técnica e da ciência modernas.

A revisão proposta pelo Vaticano II estava centrada na visão de uma Igreja ministerial em oposição à concepção hierárquica reafirmada pelo Concílio Vaticano I<sup>106</sup>, convocado pelo papa Pio IX no ano de 1868. Naquele período, o Ocidente estava sendo tomado por correntes de pensamento de cunho racionalista, naturalista e materialista.

---

<sup>103</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catequistas para a catequese com Adultos*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 87.

<sup>104</sup> FLORISTÁN, 1988, p. 85-88.

<sup>105</sup> BOROBIÓ, 1993, p. 19.

<sup>106</sup> DENZINGER; HÜNERMANN, 2015, n. 3065 – p. 657.

Segundo a opinião comum, apenas aquilo que pudesse ser demonstrado com base em cálculos matemáticos e comprovado segundo os cânones das ciências experimentais era considerado verdadeiro.

O Vaticano II é de suma importância, pois além de resgatar toda a dimensão comunitária da Igreja, também dialoga e reconhece outros sujeitos internos e externos, ao perceber que “a Igreja não constitui uma sociedade isolada, mas existe dentro de uma comunidade maior, chamada sociedade, mundo. O concílio toma plena consciência de que a Igreja não é hierarquia ou estrutura, mas comunhão de pessoas”<sup>107</sup>.

Houve uma certa equiparação entre o Concílio de Trento (1545-1563) e o Concílio Vaticano I (1869-1870); aquele tinha por objetivo defender com maior clareza a doutrina da Igreja e defendê-la contra as acusações feitas pela Reforma Protestante; este tinha por finalidade “reprovar a questão dos fundamentos da fé num contexto marcado pelo racionalismo tecnicista, onde a razão diz não necessitar da fé e sendo assim subsiste a secularização”<sup>108</sup>.

Se pensado em relação a esses dois concílios anteriores, o Vaticano II desenvolveu-se por meio de uma novidade dialogal: o centro não mais seria a autoridade, mas sim o diálogo, a relação histórico-personalista. No que diz respeito à essa abertura da Igreja, o papa João XXIII afirma na mensagem inaugural desse Concílio Ecumênico:

No momento histórico em que vivemos, a sociedade parece entrar numa nova ordem. Devemos estar prontos para reconhecer os misteriosos desígnios da providência, que juntamente com todos os seres humanos, leva-nos a alcançar objetivos que ultrapassam nossas próprias expectativas e tudo dispõe para o bem da Igreja.

[...] para que esta doutrina alcance os diversos aspectos da atividade humana, individual, familiar e social, a Igreja deve se manter fiel ao patrimônio da verdade recebida do passado e ao mesmo tempo, estar atenta ao presente e às novas formas de vida introduzidas pela modernidade, que abrem perspectivas inéditas ao apostolado católico.<sup>109</sup>

Dessa forma, o Vaticano II é reconhecido unanimemente como o maior acontecimento da história da Igreja do século passado<sup>110</sup>, pois introduziu a Igreja no

<sup>107</sup> REINERT, João Fernandes. *Paróquia casa da iniciação e comunidade de sujeitos eclesiais*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 53-54.

<sup>108</sup> DENZINGER; HÜNERMANN, 2015, n. 3015 – p. 647.

<sup>109</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Discurso do papa João XXIII *Gaudet Mater Ecclesia* na abertura solene do Concílio Vaticano II. In: PULGA, Ivani (dir.). *Vaticano II: Mensagens, Discursos e Documentos* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 29-30.

<sup>110</sup> SARANYANA, Josep-Ignasi. *Cem anos de Teologia na América Latina (1899-2001)*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2005, p. 56.

relacionamento com o mundo moderno, com as ciências e com as outras religiões, ocasionando, assim, a construção de uma nova mentalidade sobre a própria Igreja. Com isso assiste-se, finalmente, ao resgate de uma verdade esquecida por mais de um milênio. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, no número 10, resgata a compreensão do sacerdócio universal de todos os cristãos:

Cristo Senhor, Pontífice tomado dentre os homens (cf. Hb 5,1-5), fez do novo povo ‘um reino e sacerdotes para Deus Pai’ (Ap 1,6; cf. 5,9-10). Pois os batizados, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo, para que por todas as obras do homem cristão ofereçam sacrifícios espirituais e anunciem os poderes d’Aquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cf. 1Pd 2,4-10). Por isto todos os discípulos de Cristo, perseverando em oração e louvando juntos a Deus (cf. At 2,42-47), ofereçam-se como hóstia viva, santa, agradável a Deus (cf. Rm 12,1). Por toda parte deem testemunho de Cristo. E aos que o pedirem deem as razões da sua esperança da vida eterna (cf. 1Pd 3,15). (LG n. 10)

A Igreja, ciente de ter deixado à margem tal eixo da compreensão de si e de sua liturgia que havia se arrastado por séculos, praticamente por todo o segundo milênio, depois dos longos, penosos e frutuosos anos do movimento litúrgico, mediante a *Constituição Sacrosanctum Concilium*, tomou uma importante decisão pastoral: resgatar o essencial que havia sido perdido e recolocá-lo em seu devido lugar. De acordo com Matias Augé:

A exigência de uma reforma geral da liturgia tinha amadurecido lentamente na consciência eclesial. Repetidas vezes o movimento litúrgico se fez seu porta voz. No pontificado de Pio XII (1939-1958) a possibilidade de uma reforma litúrgica teve, de forma concreta, mas tímida, o sinal de partida. Mas somente com a promulgação da *Sacrosanctum Concilium* a reforma litúrgica se transformou em realidade na vida da Igreja.<sup>111</sup>

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* foi aprovada na sessão do dia 4 de dezembro de 1963, sendo o primeiro documento promulgado pelo Vaticano II. Sua argumentação se concentrava não nos ritos em si, mas no conteúdo da fé que eles deveriam exprimir. Pela primeira vez, portanto, um Concílio enquadrava a liturgia numa perspectiva estritamente teológica, superando a visão meramente ritualista.

Esta era a meta da reforma: rejuvenescer, atualizar a expressão orante da Igreja, gestos, ritos, palavras, formas, com uma restauração delicada

---

<sup>111</sup> AUGÉ, 1996, p. 67.

e atenta, com uma legislação racional e humana ao mesmo tempo, às vezes criando um também *ex novo*, partindo das formas existentes, a fim de suturar e não criar fraturas, colocando as bases de uma adaptação inteligente, que respondesse às exigências da sensibilidade de vários povos.<sup>112</sup>

Para que o essencial, isto é, o Mistério de Cristo, pudesse reaparecer na sua pureza absoluta, era preciso limpar toda a poeira medieval e pós-tridentina acumulada sobre todas as expressões celebrativas próprias do rito romano, que o transformaram num complicadíssimo cerimonial religioso, afastando-o da celebração do mistério pascal<sup>113</sup>. Resgatar a liturgia romana na sua pureza original foi, assim, um dos grandes desafios da *Sacrosanctum Concilium*:

Nesta reforma, os textos e os ritos devem vir a exprimir com clareza as realidades santas que significam, para que o povo cristão as perceba com maior facilidade, na medida do possível, e possa participar plena e ativamente da celebração comunitária. O rito deve-se caracterizar por uma nobre simplicidade, ser claro e breve, evitar repetições, estar ao alcance dos fiéis e não necessitar de muitas explicações. (SC n. 21; 34)

É nesse contexto conciliar, perpassado pelo caráter de renovação da Igreja, o *aggiornamento*, que os padres conciliares, preocupados com o modo como eram compreendidos os sacramentos da iniciação cristã, em sua ligação com a liturgia, declararam por meio da *Sacrosanctum Concilium*:

Restaure-se o catecumenato dos adultos, em diversos níveis, de acordo com a autoridade local. As etapas do catecumenato podem ser santificadas por diversos ritos, aptos a manifestar seu espírito. (SC n. 64)

Reformem-se os ritos do batismo de adultos, tanto o breve como o solene, levando em conta a restauração do catecumenato. (SC n. 66)

O rito da confirmação deve ser revisto no sentido de manifestar melhor a conexão desse sacramento com o conjunto da iniciação cristã. (SC n. 71)

Esse clamor apresentado no Concílio não surgiu do dia para a noite, foi fruto de um percurso histórico, conforme vimos ao longo deste capítulo. A restauração do catecumenato foi amadurecendo lentamente na Igreja, tanto em terras de missão quanto em países de velha cristandade. Sua necessidade foi impondo-se no contexto de secularização progressiva do mundo contemporâneo:

---

<sup>112</sup> BUGNINI, Annibale. *A reforma litúrgica (1948-1975)*. São Paulo: Paulinas, Paulus, Loyola, 2018, p. 31.

<sup>113</sup> SILVA; BUYST, 2006, p. 65.

A partir de 1878 o cardeal *Lavigerie*, fundador dos Padres Brancos introduz na África o catecumenato em sentido estrito. A seu exemplo, por aproximações sucessivas e com êxito diverso, a primeira metade de nosso século conhece a expansão do catecumenato em algumas Igrejas jovens da África e da Ásia.<sup>114</sup>

Graças às exigências apontadas pelo movimento missionário e às descobertas históricas alcançadas pelo movimento litúrgico são relançadas na Igreja por meio do evento conciliar o desejo da restauração catecumenal. Além da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, outros documentos conciliares, como a Constituição *Lumen Gentium*, os Decretos *Christus Dominus*, *Ad Gentes e Presbyterorum Ordinis* apontam para a pertinência do catecumenato.

Os catecúmenos que, graças ao Espírito Santo, desejam profundamente entrar na Igreja, já estão ligados a ela por esse mesmo desejo. A Igreja já os trata como mãe, dedicando-lhes amor e atenção. (LG n. 14)

Procurem fazer com que os catequistas sejam bem preparados para sua função, conhecendo plenamente a doutrina da Igreja, a psicologia e a pedagogia, tanto prática como teoricamente. Restabeleçam também, na forma mais apropriada, a instituição dos catecúmenos adultos. (CD n. 14)

Todos os que receberam de Deus a fé, por intermédio da Igreja, devem ser admitidos ao catecumenato, segundo o rito estabelecido. Mais do que simples exposição dos dogmas e dos preceitos, o catecumenato deve ser uma iniciação a toda a vida cristã, um aproximar-se de Cristo, durante o tempo que for necessário. Sejam os catecúmenos iniciados convenientemente no mistério da salvação, na prática da vida evangélica, nas celebrações litúrgicas segundo os diversos tempos, na vida de fé, de culto e de amor, característica do povo de Deus. (AG n. 14)

Recomenda-se especial cuidado com os catecúmenos e neófitos que devem ser progressivamente levados a conhecer melhor e a praticar a vida cristã. (PO n. 6)

Importante mencionar que os padres conciliares não disseram nos documentos “elabore-se” o catecumenato, e sim, “restaure-se”. Com essa expressão, pode-se compreender que o catecumenato pertence à Tradição da Igreja: nasceu nos primeiros séculos, foi “esquecido” e, agora, merecia novamente ser colocado em prática na vida eclesial.

O Concílio Vaticano II muito sabiamente já reconhecia a urgência do momento presente e via na iniciação cristã a possibilidade de formar novos fiéis, seguidores de Jesus Cristo, comprometidos com a causa do Evangelho. Era preciso ter presente a ideia não da

---

<sup>114</sup> CATECUMENATO. In: PEDROSA, Vicente Maria et al. *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 127.



repetição tal e qual da organização catecumenal das origens do cristianismo, mas, sim, entender o espírito de tais inspirações.

Desta forma, em obediência e fidelidade ao pedido do Concílio Vaticano II, a reforma litúrgica pós-conciliar preparou rituais específicos para a iniciação cristã: o *Ordo Baptismi Parvulorum*<sup>115</sup> (Rito do Batismo das Crianças – RBC), promulgado no dia 15 de maio de 1969, que foi, pela primeira vez na história, um rito adaptado à real condição das crianças; o *Ordo Confirmationis*<sup>116</sup> (Ritual da Confirmação – RC), promulgado em 15 de agosto de 1971; e, por fim, o *Ordo Initiationis Christianae Adultorum*<sup>117</sup> (Ritual da Iniciação Cristã de Adultos RICA), promulgado no dia 6 de janeiro de 1972, manifestando o desejo do Vaticano II na restauração do catecumenato.

### 1.12 A modo de conclusão – capítulo 1

Fizemos um caminho histórico ao longo desse capítulo para ressaltar a relevância e a pertinência do tema da iniciação cristã. Resumidamente, abordamos o conceito do termo iniciação como sendo um dado antropológico presente em todos os povos e culturas, como parte do DNA da humanidade. Em seguida, nos voltamos para a reflexão sobre a especificidade da iniciação cristã como iniciação ao mistério pascal de Cristo.

Demos atenção à obra de suma importância para o assunto, a Tradição Apostólica, e sua influência nos escritos posteriores. Vimos a grande lição que o catecumenato antigo deixou à Igreja e já, em seguida, abordamos os pontos que culminaram na sua decadência: o Edito de Milão 313, a generalização do batismo de crianças, a perda da unidade sacramental. Esses e outros elementos levaram à decadência do catecumenato antigo e o surgimento de um catecumenato social nos tempos áureos da cristandade.

A partir do que se viu neste capítulo, pode-se compreender um pouco melhor o porquê do clamor levantado pela Constituição *Sacrosanctum Concilium*, com o intuito de restaurar a experiência da Tradição cristã da Igreja. No capítulo seguinte, nos deteremos a aprofundar a os passos do itinerário formativo proposto pelo Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.

---

<sup>115</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual do Batismo de Crianças*. São Paulo: Paulus, 1999.

<sup>116</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Confirmação*. São Paulo: Paulus, 1998.

<sup>117</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2007. Observações preliminares gerais n. 2, p. 9.

## **2 ITINERÁRIO DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL PARA FORMAR O DISCÍPULO MISSIONÁRIO DE CRISTO**

Com base na perspectiva histórica evidenciada no capítulo anterior, que nos trouxe até o Concílio Ecumênico Vaticano II, a Igreja reconhece que os tempos mudaram e, quando estabelece que se restaure o catecumenato, traz a ideia de resgate da estrutura do início da Igreja, quando os cristãos eram perseguidos. Hoje, buscamos novamente este resgate. Vivemos um contexto muito diferente, e por mais que as perseguições sejam díspares, a necessidade de se retornar à inspiração catecumenal é um desejo de fidelidade à proposta do Vaticano II.

Tendo presente as realidades pastorais e contemporâneas, bem como os desafios que nos apresentam, faz-se necessário uma revisão do processo de evangelização com inspiração catecumenal pautado nos estudos do RICA. Ele deverá contribuir para a consolidação da prática catecumenal de forma processual. Iniciando pelo anúncio alegre de Jesus Cristo, guiado pela Palavra de Deus, favorecendo um encontro pessoal com o Mestre e um aprofundamento da fé, em comunidade, capaz de formar discípulos missionários para uma Igreja em saída.

Diante da realidade explicitada, propõe-se a análise dos elementos eclesiológicos e pastorais, bem como a retomada de sua gênese. Neste momento em que as individualidades se tornam tão presentes nos ritos, a ponto de diminuírem seu caráter comunitário, faz-se necessário olhar a metodologia da iniciação cristã, vislumbrando uma Igreja que disponibilize aos cristãos formas de se sentirem acolhidos.

Para bem desenvolvermos nosso tema, trabalharemos com a seguinte estrutura: olharemos para o caminho percorrido após o Vaticano II, que pediu a restauração do catecumenato culminando na promulgação do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos – RICA (tópico 1); focaremos na compreensão da estrutura do processo iniciático a partir do capítulo I do RICA (tópico 2); veremos o sentido do tempo do pré-catecumenato e sua pertinência pastoral (tópico 3); estudaremos nos pormenores a celebração de entrada no catecumenato (tópico 4); avançaremos nossa reflexão no tempo do catecumenato (tópico 5); adentraremos na celebração de eleição (tópico 6); prosseguiremos para o tempo de purificação e iluminação (tópico 7); para chegarmos à celebração dos sacramentos da iniciação à vida cristã (tópico 8); e, então, concluiremos com a mistagogia (tópico 9).

## 2.1 O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos

O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos – RICA (como brevemente apontado no capítulo 1 de nosso trabalho) é fruto do *aggiornamento* do Concílio Vaticano II, que tão sabiamente compreendeu os desafios pastorais, sociais, políticos, eclesiais que a Igreja passava e passaria nos anos seguintes: “confusão e relativização de valores; os meios de comunicação influenciando a visão de mundo; as famílias tendo dificuldade de passar a fé para as novas gerações; as várias propostas religiosas e o proselitismo tão agressivo”<sup>1</sup>. Portanto, era urgente tratar a temática da iniciação cristã dentro de um percurso catecumenal.

Consoante aos pedidos e recomendações do Vaticano II para a restauração do catecumenato (SC n. 64), já em 1964, iniciaram-se os trabalhos entre as diversas comissões de peritos. Teólogos, especialistas em catecumenato, párocos e missionários fizeram parte deste grupo de estudos que se reuniu pela primeira vez em setembro de 1964 e decidiu elaborar as linhas fundamentais do RICA<sup>2</sup>.

Um primeiro esquema, apresentado para o exame do *Consilium*, aprovado em 19 de novembro de 1965. Um segundo esquema, ligeiramente melhorado em relação ao anterior, foi aprovado em 19 de março de 1966 e enviado para experimentação a alguns centros de catecumenato da África, Ásia, Europa e América. No final de 1968 os relatórios dos julgamentos foram revistos e novas propostas foram enviadas, tendo em conta os comentários recebidos. Dessas trocas com os usuários saíram, em setembro de 1969, um terceiro esboço significativamente modificado em detalhes e sobretudo enriquecido com a escolha de orações e *Praenotanda* mais completo, bem como capítulos com ritos mais simples. Aprovado pelo *Consilium* em sua última sessão em novembro de 1969, este texto, cuidadosamente revisado pela Congregação para o Culto Divino, foi publicado como definitivo em 6 de janeiro de 1972, o *Ordo Initiationis Christianae Adultorum* para substituir o rito do batismo de adultos até então incluído no Ritual Romano.<sup>3</sup>

Desta forma, percebemos que o RICA veio para substituir o rito do batismo de adultos até então existente, o *Ordo baptismi adultorum do Rituale Romanum*, aprovado por Paulo V em 1614 e que não contava com as etapas catecumenais<sup>4</sup>. Entretanto, é

<sup>1</sup> ORMONDE, Domingos. A iniciação e o rito do catecumenato em etapas. Revista de Liturgia. São Paulo, n. 163, jan/fev 2001a, p. 35.

<sup>2</sup> ROCCHETTA, Carlo. *Cristiani come catecumeni*. Rito dell'iniziazione Cristiana degli adulti. Roma: Edizioni Paoline, 1984, p. 15.

<sup>3</sup> ROCCHETTA, 1984, p. 16.

<sup>4</sup> FLORISTAN, Casiano. *Para compreender o catecumenato*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1988, p. 127.

importante mencionar, ainda que brevemente, que em 1962, no pontificado de João XXIII, a então Sagrada Congregação dos Ritos, com o intuito de responder as demandas levantadas no tocante à iniciação cristã, principalmente nos países de missão, havia publicado o *Ordo baptismi adultorum per gradus catechumenatus dispositum* (Ritual do batismo de adultos disposto por passos do catecumenato). Nesse ritual, o batismo de adultos se estruturava em sete etapas<sup>5</sup>.

Francisco Taborda, na apresentação do livro do padre Thiago Faccini Paro, *As celebrações do RICA – Conhecer para bem celebrar*, nos diz que “entre as muitas falhas que se pode imputar a este *Ordo*, estava o fato de não considerar a iniciação cristã como um todo que incluísse numa unidade os três sacramentos da iniciação, batismo, confirmação e eucaristia”<sup>6</sup>. O batismo ainda se apresentava desconectado dos demais sacramentos. Esse ritual é desconhecido pela maioria das pessoas, talvez por ter sido ofuscado com o início do Concílio Vaticano II, que determinou a restauração do catecumenato (SC n. 64).

Há um grande diferencial entre o *Ordo baptismi adultorum per gradus catechumenatus dispositum* (Ritual do batismo de adultos disposto por passos do catecumenato) e o RICA, pois este último apresenta um itinerário completo de um catecumenato que conduz ao amadurecimento da fé e da vida cristã.

É a Igreja como mãe que acolhe e gera novos filhos, guiando os catecúmenos em seu caminho de conversão e introduzindo-os progressivamente na plenitude da participação no mistério pascal de Cristo, na vida do Espírito<sup>7</sup> e na vida eclesial. “O objetivo é conduzir o novo crente à participação no Mistério da Morte e Ressurreição do Senhor e integrá-lo plenamente na Igreja, comunidade de fé”<sup>8</sup>.

O RICA contém as observações preliminares gerais e a introdução do ritual com sua respectiva teologia. Ele é composto de sete capítulos. O capítulo primeiro contém o rito completo do catecumenato conduzido de acordo com suas etapas (n. 68-239)<sup>9</sup>; o segundo capítulo contém o rito simplificado de iniciação de um adulto (n. 240-277); o terceiro possui o ritual abreviado de iniciação de um adulto em perigo iminente de morte

---

<sup>5</sup> ROCCHETTA, 1984, p. 31.

<sup>6</sup> PARO, Thiago Faccini. *As celebrações do RICA. Conhecer para bem celebrar*. Petrópolis: Vozes, 2019a, p. 8.

<sup>7</sup> ROCCHETTA, 1984, p. 31.

<sup>8</sup> SILVA, Jerônimo Pereira. O RICA, um caminho de iniciação antes e depois do batismo. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 249, mai/jun 2015, p. 14.

<sup>9</sup> Os números que se encontram entre parênteses neste parágrafo se referem ao Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA).

(n. 278-294); o quarto capítulo diz respeito à preparação para a confirmação e a eucaristia dos adultos batizados quando crianças que não receberam a devida catequese (n. 295-305); o quinto contém o rito de iniciação cristã das crianças na idade do catecismo (n. 306-369); o sexto recolhe vários textos para a celebração da iniciação cristã dos adultos (n. 370-392); o capítulo sete traz os textos omitidos no ordenamento prático geral dos ritos de iniciação cristã de adultos (n. 78-81, 88, 110-112, 145, 195, 216); por fim, o apêndice inclui o rito de admissão à plena comunhão com a Igreja Católica de quem já foi validamente batizado (n. 1-29).

O percurso de iniciação cristã apresentado no capítulo primeiro pelo RICA, “dá forma, articulação e continuidade fundamental ao significado de todos os outros ritos que constituem a economia iniciatória romana”<sup>10</sup>. Essa ideia é reafirmada quando Irmão Nery, diz que: “Esse primeiro capítulo foi se tornando referência, modelo e protótipo da organização pastoral e catequética da formação cristã para qualquer idade, obviamente com as devidas adaptações, mas especificamente para a formação cristã de adultos”<sup>11</sup>.

A estrutura do capítulo em questão – Rito completo do catecumenato conduzido de acordo com suas etapas – se dá em quatro tempos (pré-catecumenato, catecumenato, purificação e iluminação e mistagogia) e três etapas (celebração de entrada no catecumenato, rito de eleição, celebração dos sacramentos – batismo, confirmação e eucaristia), inspirados na experiência da Igreja dos séculos III e IV e que tem por finalidade o amadurecimento e a vivência da fé.

Encontramos, no RICA, a recuperação de inúmeros elementos que se encontravam na Tradição Apostólica, atribuída a Hipólito de Roma. “A escolha é fruto da convicção de que essa antiga disciplina não estava ligada a uma determinada época histórica, mas tinha um valor perene”<sup>12</sup>. Nos diz a introdução ao Ritual:

Este Rito de iniciação cristã é destinado a adultos que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e livres, procuram o Deus vivo e encetam o caminho da fé e da conversão. Por meio dele, serão fortalecidos espiritualmente e preparados para uma frutuosa recepção dos sacramentos no tempo oportuno. (RICA n. 1)

---

<sup>10</sup> KAVANAGH, Aidan. *Batismo – Rito da iniciação cristã, tradição, reformas, perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 115.

<sup>11</sup> IRMÃO NERY. *Catequese com adultos e catecumenato*. História e proposta. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2019, p. 296.

<sup>12</sup> LELO, Antônio Francisco. *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 36.

Numa rápida inferência a partir do supracitado, podemos pensar que a iniciação cristã seja uma prerrogativa exclusiva daqueles que ainda não foram batizados. Mas ela diz respeito também a todos os que foram batizados na infância e são chamados a prosseguir, concluir o caminho da iniciação cristã.

Além dos destinatários específicos do ritual, adultos desejosos pela conversão, hoje em dia são inúmeras as situações pastorais que são apresentadas, tais como: pessoas que mesmo tendo passado pelos sacramentos (batismo, confirmação e eucaristia) não se sentem convertidas, veem-se imaturas e com muitas dúvidas de fé; aqueles que se afastaram das práticas religiosas e desejam agora retomá-las de modo mais consciente; também não poucas vezes somos surpreendidos por cristãos de outras igrejas que pedem para ingressar na Igreja católica.

Por meio do RICA, a Igreja apresenta maneiras pedagógicas de inspiração catecumenal para acolher e iniciar aqueles que a ela recorrerem. Através de um caminho querigmático, catequético e mistagógico, aqueles que para ela se voltarem serão introduzidos e motivados a se tornar seguidores de Jesus e discípulos missionários no hoje da história<sup>13</sup>. “Por meio dessa proposta, a Igreja quer que a pessoa faça uma profunda experiência de encontro com o Senhor e, a partir daí, inicie uma caminhada, um itinerário sob a ação do Espírito Santo e sinta uma profunda transformação de vida”<sup>14</sup>.

Nesse sentido, o RICA toma como referência a prática dos santos Padres da Igreja, onde os ritos e gestos celebrativos iniciam e constroem gradualmente a identidade dos cristãos. A mistagogia está, deste ponto de vista, em ação nas próprias celebrações muito antes do tempo da mistagogia dos neófitos como tal. O catecumenato é para eles um tempo de descoberta pessoal deste mistério que participa na construção da sua vida espiritual de filhos adotivos. Na mesma perspectiva, o RICA não considera os sacramentos de iniciação de forma isolada, mas os situa como etapas decisivas de um novo caminho, o da “vida cristã”<sup>15</sup>.

No ano de 2022, o RICA comemorou 50 anos de sua promulgação (1972-2022). No Brasil, foi publicado em 1975, e mesmo com toda a sua riqueza ritual, no contexto brasileiro, continuou figurando como um ilustre desconhecido por cerca de 25 anos.

---

<sup>13</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 296.

<sup>14</sup> QUEZINI, Renato. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 34.

<sup>15</sup> SOULETIE, Jean Louis. Les enjeux de la mise en ceuvre du “Rituel de L’initiation Chrétienne des adultes”. *La Maison-Dieu revue d’études liturgiques et sacramentelles*, Paris, n. 273, 2013, p. 16.

Reconhecendo essas dificuldades, a CNBB, por meio de teólogos, liturgistas, catequetas e pastoralistas, no ano 2000 iniciou uma revisão do texto, tornando-o mais acessível no que concerne ao seu manuseio.

Desta maneira, só podemos falar de uma verdadeira acolhida do RICA em nossas comunidades a partir do ano de 2001. Contudo, ainda hoje nos deparamos com o desafio de sua implantação, reconhecendo que o problema não é com o RICA, mas com a iniciação cristã que é exigente. Desde a nossa colonização, a prática pastoral que se estabeleceu nas terras de Santa Cruz foi a da sacramentalização, com desprezo da iniciação. Nos encontramos num momento de redescoberta desse novo paradigma iniciático tão urgente e necessário para os nossos dias.

Essas poucas reflexões mostram que não há nada a ganhar minimizando a importância dos ritos no processo catecumenal. O ritual é essencial porque transmite o que a Igreja quer fazer ao celebrar os sacramentos da iniciação cristã. Isso aparece na liturgia como experiência de Deus que nutre e molda a Igreja, o Corpo de Cristo. A vida cristã está inteiramente contida no processo sacramental da iniciação. Ela se desdobrará na vida dos fiéis como o chamado de Deus e a resposta do ser humano que passa pela sua conversão<sup>16</sup>.

## **2.2 Estrutura da iniciação dos adultos**

O grande diferencial do RICA é a proposta de um itinerário progressivo de crescimento e amadurecimento na fé por meio das etapas e dos tempos pensados para a formação de pessoas adultas. Esses períodos são como que passos que o catecúmeno dá ao longo do seu caminhar – “essas etapas são marcadas por três ritos litúrgicos: a primeira, pelo rito da instituição dos catecúmenos; a segunda, pela eleição; e a terceira, pela celebração dos sacramentos” (RICA n. 6).

As etapas do percurso catecumenal conduzem aos tempos de informação e amadurecimento e são por eles preparadas. São quatro tempos sucessivos: “o pré-catecumenato, marcado pela primeira evangelização; o catecumenato, destinado a uma catequese mais completa; a purificação e iluminação, destinado a uma intensa preparação espiritual; a mistagogia, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade” (RICA n. 7).

---

<sup>16</sup> SOULETIE, 2013, p. 13-21.

Vejam os detalhes dos tempos e as etapas que conduzem os catecúmenos nesse processo formativo, tentando ressaltar a eclesiologia presente em cada um deles.

### 2.3 O tempo da evangelização e o pré-catecumenato

O Ritual apresenta para o tempo da evangelização, pré-catecumenato, primeiro anúncio ou querigma, alguns objetivos específicos que devem ser levados em consideração no decorrer deste período: “é o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo, enviado por ele para a salvação de todos, a fim de que os não cristãos, cujo coração é aberto pelo Espírito Santo, creiam e se convertam” (RICA n. 9). Já no início do percurso catecumenal, fica clara a estrutura trinitária da fé cristã: Deus Pai que enviou o Filho Jesus para nos salvar a todos e o Espírito Santo que age nos corações abertos à conversão.

O papa Francisco reforça esse pensamento na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* quando nos diz: “o querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai” (EG n. 164).

Inseparável da fé cristã trinitária, encontra-se o desejo de conversão, mudança de vida. Segundo o Ritual: “da evangelização realizada com o auxílio de Deus brotam a fé e a conversão inicial, pelas quais a pessoa se sente chamada do pecado para o mistério do amor de Deus” (RICA n. 10). O texto faz referência a um caminho que deverá ser percorrido com perseverança para que a pessoa amadureça e cresça nela a vontade sincera de seguir Jesus Cristo e de pertencer à comunidade de fé.

Padre Domingos Ormonde, com o auxílio de sua longa experiência de aplicabilidade dos ritos catecumenais com os adultos de sua comunidade paroquial, organizou a equipe dos responsáveis pela atualização da versão de 2001 do RICA, e de acordo com ele: “o pré-catecumenato se realiza basicamente através da relação de pessoa a pessoa, que envolve catequistas, introdutores, membros da comunidade, padrinhos e até mesmo ministros ordenados. É importante o acolhimento fraterno”<sup>17</sup>. Esse acolhimento da comunidade paroquial fará toda a diferença para que, de forma pessoal, o candidato ou simpatizante vá desde já vivendo a experiência de interiorização da fé.

---

<sup>17</sup> ORMONDE, Domingos. *O caminho do pré-catecumenato*. Revista de Liturgia. São Paulo, n. 167, set/out 2001b, p. 27.



“Toda iniciação tem uma dimensão comunitária intrínseca, não só porque se faz numa comunidade e em vista da comunidade, mas porque a comunidade também se envolve diretamente no processo. Então, ela é a grande educadora, pela sua presença ativa”<sup>18</sup>. Destarte, “o primeiro ministério que toda comunidade deve realizar perante um adulto que dela se aproxima é o acolhimento”<sup>19</sup>.

O jovem ou adulto desejoso de aprofundar sua fé deve ser acolhido num primeiro momento por algum membro da comunidade<sup>20</sup> em uma conversa personalizada, na qual, de forma muito amistosa, esse introdutor estabelecerá um diálogo fraterno de respeito, acolhendo a partilha de vida e de fé do simpatizante. O intuito desse encontro fraterno inicial é a acolhida, o esclarecimento de eventuais dúvidas que a pessoa possa ter, mas principalmente suscitar e despertar a confiança e a credibilidade<sup>21</sup>.

Esse primeiro anúncio tão fundamental é realizado pelo introdutor e por pessoas cristãs que fizeram a experiência do encontro, íntimo, profundo e pessoal com o Senhor e desejam agora contagiar os outros para que também eles façam, pessoalmente, essa experiência. “O que vimos e ouvimos, o que nossas mãos tocaram da Palavra da vida, isso nós vos anunciamos” (1Jo 1,1).

Em relação a isso, tomemos como exemplo uma situação da nossa vida cotidiana: os nossos encontros interpessoais, para que sejam marcantes, supõe num primeiro momento processos que vamos fazendo gradativamente até alcançarmos algo essencial para qualquer relação, a confiança. Não é possível estabelecer um diálogo de confiança com um desconhecido. Confiança, portanto, faz parte de um percurso que se vai estabelecendo a ponto de se criar uma amizade profunda.

A lógica religiosa da fé implica um itinerário semelhante. A atitude religiosa caminha nessa trilha. “A iniciativa provém sempre de Deus: deve-se reconhecer, portanto, que a fé é antes de tudo um dom. E, no entanto, o encontro efetivo - a experiência da fé - pressupõe também a iniciativa do homem; sua capacidade de alertá-lo, de entendê-lo, de acolhê-lo”<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> COSTA, Valeriano Santos. *A Liturgia na iniciação cristã*. São Paulo: LTR, 2008, p. 30.

<sup>19</sup> FLORISTÁN, 1988, p. 140.

<sup>20</sup> Este membro da comunidade responsável por essa acolhida e acompanhamento inicial de acordo com o RICA denomina-se Introdutor, será ele que ajudará a pessoa do simpatizante a realizar sua experiência pessoal com Deus nesse primeiro momento. Falaremos mais desse ministério no capítulo 3 de nosso trabalho.

<sup>21</sup> BOROPIO, Dionísio. *La Iniciación Cristiana*. 3.ed. Salamanca: Sígueme, 2009, p. 558.

<sup>22</sup> TRENTI, Zelindo. *Educare ala fede*. Saggio di pedagogia religiosa. Torino: Elle di ci, 2000, p. 127.

Nesse sentido, o papa Bento XVI, na Encíclica *Deus Caritas Est*, apresenta uma bela expressão: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo”.<sup>23</sup> A iniciação cristã por meio desta etapa do pré-catecumenato é, pois, o encaminhamento para o encontro com Jesus e o desdobramento desse encontro na vivência cotidiana.

O tempo do querigma, para a maioria das pessoas, será uma aproximação significativa à pessoa de Jesus Cristo e ao evento de sua morte e ressurreição. A finalidade do tempo é ajudar a despertar a fé e a conversão iniciais, o seu surgimento ou reacendimento. Ao afirmar – aos não batizados e também aos batizados – que Jesus está vivo, abre-se a possibilidade do seu perdão para cada pessoa, sejam quais tenham sido os caminhos percorridos, seja qual for a sua situação atual; abre-se a possibilidade da aproximação a Jesus, da comunhão com ele, com o Pai. O anúncio é acompanhado pelo incentivo à relação pessoal com ele, através da oração espontânea a cada dia, e pela referência a ele para o pensar e o agir, incentivando a conversão inicial.<sup>24</sup>

Nessa etapa, é importante deixar claro que, acima de princípios morais a serem observados, a fé cristã é fruto da abertura do coração à graça de Deus pela ação do Espírito Santo, para que a pessoa por meio da sua intimidade de oração, na vida inicial de comunidade, tenha o seu encontro com Jesus, encontro esse que “faz superar o egoísmo e o orgulho para viver numa relação filial, firmada na misericórdia, na providência, no perdão do Pai”<sup>25</sup>. Reforçando a pertinência do querigma como algo sólido e profundo, nos diz o papa Francisco:

Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma ... é o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. A centralidade do querigma requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena. (EG n. 165)

<sup>23</sup> BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2006, n. 1 – p. 3.

<sup>24</sup> ORMONDE, Domingos. *Querigma com adultos e jovens*. Revista de Liturgia. São Paulo, n. 274, jul/ago 2019, p. 16.

<sup>25</sup> NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. *Querigma – A partir do documento da CNBB n. 107*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 51.

Esta etapa que estamos aprofundando do pré-catecumenato oferece as bases para um autêntico catecumenato realizado em períodos. Assim como uma construção<sup>26</sup> necessita ter sua base estrutural, uma boa fundação para que ao longo do prosseguimento da obra ela não venha a desmoronar, também é assim com esse momento inicial que “tem grande importância e não deve ser omitido” (RICA n. 9). Todo o processo da iniciação cristã é de suma importância. Porém, para que os frutos colhidos no futuro sejam bons, faz-se necessário investir muito neste primeiro momento para que os simpatizantes façam sua experiência de encontro íntimo, profundo e pessoal com Cristo, por meio da Palavra, e sintam aquecer os seus corações (Lc 24, 32).

Encontramos, na Tradição Apostólica atribuída a Hipólito de Roma, elementos que dão fundamentos para esse tempo, pois, antes de ingressar no catecumenato, o candidato era submetido a uma análise criteriosa sobre sua vida moral e seu desejo de ser cristão. Em momento algum Hipólito utiliza os termos evangelização ou pré-catecumenato, porém, aos que se aproximam da fé, há uma exigente seleção<sup>27</sup>. Eis o que ele nos diz:

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas antes da entrada do povo – e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé. Deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra; sejam, também, interrogados sobre sua vida: se tem mulher, se é escravo; se algum deles for escravo de um fiel – e o seu senhor lhe permitir, ouça a Palavra; mas se o senhor não der testemunho dele dizendo que é bom, seja recusado.<sup>28</sup>

Percebe-se uma rigidez na seleção dos candidatos daquela época. Dessa forma, é necessário compreender essas instruções no âmbito do momento histórico em que estavam inseridas: em uma época de muito sincretismo, a Igreja não podia admitir em seu seio pessoas com segundas intenções.

Por mais que se tenham passado tantos séculos, as dificuldades do momento histórico presente são tão desafiadoras como outrora. Hoje, são inúmeros os desafios que nos circundam, por isso, ressaltamos a necessidade de, com muita caridade, acolher, examinar e instruir os que desejam se achegar à família de Cristo por meio dos

---

<sup>26</sup> QUEZINI, Renato. Elementos de iniciação à vida cristã na carta aos Efésios e as implicações e pertinência do tema hoje. In: ROSSI, Luiz Alexandre Solano; MAURI, Érica Daiane (orgs.). *Efésios: o nascimento de uma nova humanidade*. São Paulo: Recriar, 2023a, p. 154.

<sup>27</sup> QUEZINI, 2013, p. 40.

<sup>28</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 56.

sacramentos da iniciação cristã, para que nossas comunidades tenham pessoas convictas que saibam dar razões de sua fé e de sua esperança (1Pd 3,15).

O que o RICA e a Tradição Apostólica possuem em comum, nesse ponto, é a preparação fornecida aos candidatos simpatizantes antes de ingressarem no catecumenato propriamente dito. Naquele contexto, predominava uma análise moral apurada, buscando os reais desejos da pessoa. Hoje, inicialmente, pretende-se apresentar ao simpatizante a proposta “do encontro com Jesus Cristo que deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor” (DAp n. 240).

Em suma, percebemos que o tempo do pré-catecumenato é indispensável nessa dinâmica proposta pelo RICA, de um catecumenato realizado em tempos e etapas por se tratar de um caminho de amadurecimento progressivo da fé. Pudemos perceber os elementos eclesiológicos nesse percurso gradual também por meio da acolhida e da participação de toda a comunidade no acompanhamento e no discernimento do simpatizante. Ao se sentirem aptos, e se assim a comunidade também consentir, em virtude das motivações cristãs que a pessoa traz consigo, prossegue-se o caminho de formação por meio de um rito litúrgico chamado de celebração de entrada no catecumenato.

## **2.4 Celebração de entrada no catecumenato**

A celebração de entrada no catecumenato é de uma grandeza eclesiológica, pois agrega a pessoa a um conjunto de relacionamentos pessoais e estruturais. A partir dessa celebração, os catecúmenos são considerados cristãos: “cercados pelo amor e a proteção da Mãe Igreja como pertencendo aos seus e unidos a ela, já fazem parte da família de Cristo” (RICA n. 18).

Embora ainda não sejam membros dos fiéis (isto só acontece na sequência sacramental de batismo-confirmação-eucaristia), os catecúmenos ocupam lugar evidente na estrutura da Igreja e exercem verdadeiro ministério para a Igreja, dando testemunho em suas próprias vidas da perene necessidade de conversão em Cristo, que é um requisito para toda a Igreja, tanto universal como local.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> KAVANAGH, 1987, p. 118.

O Código de Direito Canônico<sup>30</sup> dá as bases do estatuto eclesial dos catecúmenos, de precisa importância teológica, que os distingue do fiel ou batizado. Ainda que não tenham recebido o batismo, já estão vinculados à Igreja e ela os acolhe e considera como seus. Segundo o cânone 206, de modo especial aqueles que já manifestaram o desejo de pertencer a uma comunidade de fé merecem ser contados entre os membros que formam o corpo eclesial.

Importante destacar que esse rito só é celebrado depois da pessoa ter feito sua experiência no pré-catecumenato, ou seja, logo após a vivência de uma experiência querigmática, do desejo pela conversão e pela pertença à comunidade, acontece a celebração de ingresso no tempo do catecumenato. “Celebra-se o rito de admissão entre os catecúmenos quando as pessoas que desejam tornar-se cristãs, tendo acolhido o primeiro anúncio do Deus vivo, já possuem a fé inicial no Cristo Salvador” (RICA n. 68).

Essa celebração é essencial na iniciação cristã, pois, pela primeira vez, os candidatos à recepção dos sacramentos se reúnem publicamente com a comunidade e “manifestam suas intenções à Igreja, enquanto esta, no exercício de seu múnus apostólico, acolhe os que pretendem tornar-se seus membros” (RICA n. 14). Conforme o Ritual:

Desde então os catecúmenos, cercados pelo amor e a proteção da Mãe Igreja como pertencendo aos seus e unidos a ela, já fazem parte da família de Cristo: são alimentados pela Igreja com a palavra de Deus e incentivados por atos litúrgicos. Tenham a peito, portanto, participar da liturgia da palavra e receber as bênçãos e sacramentais. Quando se casam, se o noivo e a noiva forem catecúmenos, ou apenas um deles e a outra parte não for batizada, será usado o rito próprio se falecerem durante o catecumenato, realizam-se exéquias cristãs. (RICA, n. 18)

Esta belíssima celebração está marcada por cinco momentos fundamentais que caracterizam o início do caminho de fé que a Igreja propõe aos que desejam nascer para uma vida nova de modo sacramental.

a) Primeiramente, a celebração inicia-se do lado de fora da igreja, no átrio, manifestando que os candidatos ainda não pertencem a comunidade. Após serem acolhidos pela Igreja, desejosos de fortalecer e amadurecer a amizade, os catecúmenos pedem, por meio de um diálogo, para receber a fé, sabendo que essa lhes concederá a vida

---

<sup>30</sup> Cân. 206 – § 1. Estão ligados à Igreja, de modo especial, os catecúmenos, isto é, aqueles que, por moção do Espírito Santo, com vontade explícita anseiam por ser nela incorporados, e graças a esse desejo, assim como pela vida de fé, esperança e caridade que levam, se unem à Igreja, que já os trata como seus.

§ 2. A Igreja tem especial solicitude para com os catecúmenos, pois ao convidá-los a viver segundo o Evangelho e ao introduzi-los na celebração dos ritos sagrados, concede-lhes várias prerrogativas, que são próprias dos cristãos.

eterna. Baseado na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, também os responsáveis por eles, ou seja, os “introdutores”, são questionados pelo ministro se “estão dispostos a ajudá-los a encontrar e a seguir Cristo” (RICA n. 77). Essa é a primeira adesão ao caminho do Senhor feita pelos candidatos diante da comunidade.

b) Posteriormente, os catecúmenos são marcados por quem preside a celebração com o sinal da cruz na fronte, seguindo a fórmula: “recebe na fronte o sinal da cruz: o próprio Cristo te protege com o sinal do seu amor (ou da sua vitória). Aprenda a conhecê-lo e segui-lo” (RICA n. 83). Há também a assinalação dos sentidos que pode ser realizada pelos catequistas, introdutores ou pelo próprio dirigente da celebração. O gesto de marcar a cruz sobre o corpo é o “primeiro sinal da ação de Cristo sobre os catecúmenos”<sup>31</sup>. A esse respeito, a oração conclusiva do rito de acolhida enfatiza que: “marcados com o sinal da cruz, seguindo os passos de Cristo, conservem em sua vida a graça da vitória da cruz e a manifestem por palavras e gestos” (RICA n. 87).

c) O rito de admissão termina com o momento em que os catecúmenos entram na Igreja, de agora em diante, poderão alimentar-se da mesa da Palavra de Deus junto com a comunidade eclesial. Eles começam nesse dia a participar da primeira mesa, a da Palavra; no futuro, serão acolhidos na mesa da eucaristia, a segunda. O rito da assinalação ocorrido anteriormente se deu em vista da escuta, visão, resposta, interiorização e prática da Palavra de Deus<sup>32</sup>.

d) Para colocar em prática tudo o que é celebrado, o Ritual prevê que, após a homilia, o presidente da celebração entregue a cada catecúmeno, com dignidade e reverência, a Bíblia, dizendo: “Recebe o livro da Palavra de Deus. Que ela seja luz para a sua vida” (RICA n. 93). “Cada catecúmeno recebe o livro da Palavra, que, a partir de então, norteará seus passos e revelará tanto os ensinamentos como os mandamentos do Senhor, e será, de fato, luz para suas vidas. É um livro pessoal, para no convívio diário criar intimidade com Cristo”<sup>33</sup>.

e) Em seguida, a comunidade cristã reunida na assembleia litúrgica coloca em prática sua responsabilidade para com a iniciação cristã, elevando preces e orações pelos catecúmenos e pedindo “para que sejam sempre fervorosos, alegres na esperança e dedicados ao serviço do Senhor e sejam conduzidos à fonte do novo nascimento” (RICA

<sup>31</sup> TENA, Pere; BOROBIO, Dionisio. Sacramento da iniciação cristã: batismo e confirmação. In: BOROBIO, Dionisio. (org.). *A celebração na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 29.

<sup>32</sup> ORMONDE, Domingos. A celebração de entrada no catecumenato. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 170, mar/abr 2002, p. 28.

<sup>33</sup> PARO, 2019a, p. 28-29.

n. 95). Por fim, despedem-se os catecúmenos, pois precisam esperar o batismo, pelo qual serão agregados ao povo sacerdotal e delegados para o novo culto de Cristo e, assim, tornar-se-ão partícipes da mesa da eucaristia.

Contudo, pensando de forma pastoral, esse gesto de dispensa poderia ser mal interpretado pela comunidade, podendo, assim, acarretar grandes dificuldades, pois como os catecúmenos entenderiam isso? Seria ela compreendida como exclusão? Estariam eles conscientes do motivo de saírem após a bênção? E a assembleia estaria preparada para assimilar tal rito? O importante é reconhecer que, nas nossas realidades pastorais tão plurais, não teremos como executar o rito tal e qual é proposto pelo ritual – da nossa parte o que vale é não perder o foco do espírito que conduz tais orientações.

Ao olhar para a nossa realidade hoje, é preciso observar que a maioria das pessoas já “assistiu” a uma missa ou esteve presente na celebração de algum sacramento, ou acompanhou pela televisão ou redes sociais, sendo assim a disciplina do Arcano<sup>34</sup>, do segredo do Mistério, perde o seu sentido<sup>35</sup>.

Uma solução para evitar tais atritos seria fazer somente a celebração da Palavra como o próprio RICA (n. 19, 3) nos propõe. Deve-se, em todo caso, procurar manter o clima inicial de acolhimento e encerrar a celebração todos juntos, partilhando a vida, as alegrias e as expectativas. Após essa celebração inicia-se o segundo tempo, o catecumenato.

## 2.5 O tempo do catecumenato

O tempo do catecumenato é o tempo mais longo, não possui uma determinada duração (RICA, n. 20). É o processo pessoal da graça de Deus agindo na pessoa e da abertura do coração para acolher o Mistério. Por se tratar de um caminho de amadurecimento do catecúmeno, destacamos, de acordo com o Irmão Nery, alguns pontos que julgamos fundamentais:

---

<sup>34</sup> Disciplina do arcano é um termo cunhado no século XVII para expressar o segredo em torno de alguns elementos da liturgia cristã na Igreja Antiga (o Símbolo da fé, o Pai-nosso e as celebrações e fórmulas do batismo e da eucaristia), que não deveriam ser divulgados para quem não fosse iniciado na fé. Consta que tal método começou na época de Tertuliano (virada dos séculos II-III) e terminou na segunda metade do século V, juntamente com o desaparecimento do paganismo (PAREDI, A. *La liturgia di Sant’Ambrogio*. In: SANT’AMBROGIO nel XVI centenario della nascita. Milano: Vita e Pensiero, 1940, p. 83).

<sup>35</sup> PARO, Thiago Faccini. *Catequese e liturgia na iniciação cristã*. O que é e como fazer. Petrópolis: Vozes, 2019b, p. 68.

Há quatro elementos fundamentais interligados nesse caminho catecumenal: catequese ou reuniões catequéticas (n. 110: com conteúdo progressivo e relacionado com o ano litúrgico; cf. n. 19); ritos litúrgicos (n. 19: com exorcismos, bênçãos e ritos para marcar as fases da caminhada do catecúmeno); prática da vida cristã (n. 19: vida de oração, participação na liturgia, na vida da comunidade); testemunho de vida como demonstração da profissão de fé (n. 19).<sup>36</sup>

O RICA deixa claro a finalidade deste tempo, a saber, realizar na pessoa um processo que desencadeie alcançar uma vida cristã integral. Primero, é necessário: “levá-los [os catecúmenos] não só ao conhecimento apropriado de dogmas e preceitos, como à íntima percepção do mistério da salvação de que desejam participar” (RICA n. 19, 1). Fica claro que não se trata de um mero estudo intelectual, mas de uma formação conjunta tendo como metodologia fundamental e presente em todo o processo a liturgia.

De forma mais incisiva e lúcida quanto à finalidade da catequese catecumenal, o ritual nos diz: “Durante esse tempo, instruem-se os catecúmenos, expondo-lhes a doutrina sob todos os aspectos, a fim de estabelecer a fé, dirigir o coração para Deus, incentivar a participação nos mistérios litúrgicos, animar o apostolado e orientar toda a sua vida segundo o espírito de Cristo” (RICA n. 99).

Segundo: “Familiarizados com a prática da vida cristã, ajudados pelo exemplo e pelas contribuições dos introdutores e dos padrinhos e mesmo de toda a comunidade dos fiéis, acostumem-se a orar mais facilmente, dar testemunho da fé, praticar a caridade” (RICA n. 19, 2). Ou seja, o exemplo dos irmãos que vivem bem a sua fé de forma participativa na comunidade é de fundamental importância nesse momento de formação, para que também eles vivam uma fé na sua prática diária. “A comunidade deve exercer uma função positiva e um ativo respeito ao catecúmeno ao longo de todo o processo catecumenal. Isto por meio da acolhida, do acompanhamento, da instrução, do exemplo, da oração”<sup>37</sup>.

O catecumenato é um processo dinâmico assinalado por etapas, isso implica dizer que, como todo processo, deve haver avanços, uma progressividade, uma mudança em vista de alcançar um objetivo. Não pode tornar-se monótono, dando a sensação de mesmice, por ser dinâmico deve criar um ritmo no qual se estabelece o tempo da maturidade da sua opção, respeitando sempre a sua liberdade<sup>38</sup>.

---

<sup>36</sup> IRMÃO NERY, 2019, p. 289.

<sup>37</sup> BOROPIO, 2009. p. 548.

<sup>38</sup> BOROPIO, 2009. p. 546-547.



Casiano Floristán relaciona esse período do catecumenato como se fosse um tempo de gestação<sup>39</sup>, em que a mãe Igreja, gesta-prepara aqueles que nascerão como novos filhos na noite da Vigília Pascal. No entanto, por se tratar de um período longo, para que o catecúmeno não caia no desinteresse, mas mantenha vivo o desejo do seguimento a Jesus Cristo, o Ritual propõe, de forma progressiva, alguns ritos (celebrações da Palavra, exorcismos menores, bênçãos e as entregas do Símbolo e da Oração do Senhor) ao longo desse período, visando o crescimento na fé e o comprometimento da pessoa com a comunidade eclesial<sup>40</sup>.

De acordo com Dionísio Borobio: “o homem é um ser simbólico ritual e só pode viver com ritos e símbolos”<sup>41</sup>. Sabendo da importância dos ritos na nossa vida, dado que somos seres celebrantes – celebramos o nascimento, o batizado, a formatura etc. –, faz-se necessário uma contextualização, na preparação deles com os catecúmenos, para que tais celebrações rituais, realizadas de forma orante e mistagógica cumpram os efeitos de introduzir desde já a pessoa no Mistério.

As celebrações da Palavra de Deus têm como intuito “oportunizar a experiência das formas e as vias da oração que lhes são possíveis realizar; e, também, introduzi-los aos poucos na liturgia celebrada pela comunidade” (RICA n. 106). Neste sentido, padre Thiago Faccini Paro, nos diz:

É importante frisar que é indispensável que as celebrações da Palavra estejam em estreita sintonia com o calendário litúrgico, e, mais ainda, que cada tempo litúrgico, com seu conteúdo e sua espiritualidade, seja refletido e vivido pela catequese, pois o ano litúrgico torna presente o mistério de Cristo, oferece maior possibilidade de viver o processo catequético na comunidade de fé e fortalece, desta forma, a união entre catequese e liturgia.<sup>42</sup>

Segundo Casiano Floristán, “trata-se de celebrar, não de explicar; de experimentar, não de conhecer racionalmente. A intenção é conseguir que os catecúmenos participem na liturgia”<sup>43</sup>. Ou seja, a uma íntima ligação entre iniciação à vida litúrgica e iniciação à vida cristã. “A melhor iniciação faz-se através de uma autêntica celebração”<sup>44</sup>.

---

<sup>39</sup> FLORISTÁN, Casiano. *Il catecumenato*. Roma: Edizioni Borla, 1993, p. 214.

<sup>40</sup> QUEZINI, 2013, p. 42.

<sup>41</sup> BOROPIO, 2009. p. 548.

<sup>42</sup> PARO, 2019b, p. 30.

<sup>43</sup> FLORISTÁN, 1993, p. 216.

<sup>44</sup> FLORISTÁN, 1993, p. 216.

O catecumenato, como temos apresentado neste tópico, é composto-formado por um itinerário espiritual de passagem do “velho homem para o novo” (Rm 6,8). Por meio dos ritos litúrgicos, os catecúmenos já fazem a experiência de se sentirem “gradativamente purificados e protegidos pela graça divina” (RICA n. 8 e n. 19). Esses ritos apresentados pelo RICA são os exorcismos e as bênçãos, que, para além de qualquer interpretação errônea, nada mais são do que a “manifestação concreta dos cuidados que a Mãe Igreja tem para com os catecúmenos” (RICA n. 101-102).

O RICA apresenta onze fórmulas de exorcismos e nove de bênçãos (RICA n. 109-119), que podem ser usadas em diversas ocasiões do percurso catecumenal, sobretudo, nos encontros catequéticos sendo proferidas pelos catequistas. Já na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, encontramos esta prática pastoral: “o catequista, após a prece, imporá as mãos sobre os catecúmenos”<sup>45</sup>. Portanto, os catequistas precisam conhecê-los, rezá-los e praticá-los. Reza-se: “para que os catecúmenos sejam afastados da incredulidade e da dúvida, da cobiça do dinheiro e da sedução das paixões, das inimizades e discórdias e de qualquer forma de mal” (RICA n. 114).

Longe da definição do dicionário Aurélio, que compreende exorcismo como “oração e cerimônia religiosa com que se esconjura o demônio, os espíritos maus (...)”<sup>46</sup>, o RICA apresenta uma finalidade espiritual: “purificar os espíritos e os corações, fortalecer contra as tentações, orientar os propósitos e estimular as vontades para que os catecúmenos se unam mais estreitamente a Cristo e reavivam o seu desejo de amar a Deus” (RICA n. 154).

Para o padre Domingos Ormonde, os exorcismos catecumenais devem expressar aos catecúmenos três coisas fundamentais:

Primeiro: a vida espiritual acontece em meio à luta entre a carne e o espírito (certamente no sentido dado por São Paulo: Gl 5, 13-25). Não existe outra situação diferente dessa. Segundo: tem que haver renúncia da nossa parte. Não há outro meio “para alcançar as bem-aventuranças do reino de Deus”. Terceiro: temos sempre necessidade do auxílio de Deus.<sup>47</sup>

As bênçãos são dadas sempre no final da liturgia da palavra e servem para comunicar aos catecúmenos ânimo, contentamento, perseverança e paz. O ritual apresenta

<sup>45</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 60.

<sup>46</sup> EXORCISMO. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio*. O dicionário da Língua Portuguesa século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 861.

<sup>47</sup> ORMONDE, Domingos. *Exorcismos, bênção e ritos de transição no catecumenato*. Revista de Liturgia, São Paulo, n. 177, mai/jun 2003, p. 15.

nove fórmulas de bênçãos, que podem ser dadas por um catequista, com as mãos estendidas<sup>48</sup>.

Recomenda-se também, nesse tempo do catecumenato, a celebração das “entregas, pelas quais a Igreja confia aos eleitos os antiquíssimos documentos da fé e da oração, isto é, o Símbolo (Creio) e a Oração do Senhor (Pai Nosso)” (RICA n. 25, 2). “Nos ritos da entrega do Creio e da Oração do Senhor, pode-se visualizar a beleza evangelizadora da Igreja a partir do movimento: transmitir-receber-acolher-viver, ou seja, a Igreja desde os primórdios transmite de geração em geração, a fé apostólica”<sup>49</sup>. Em tese, essas entregas deveriam acontecer no tempo da purificação e iluminação, entretanto, em razão da brevidade do tempo quaresmal, as entregas previstas no percurso formativo podem ser antecipadas para o tempo do catecumenato. A versão brasileira do RICA, na sua nova edição de 2001, fez esta opção.

“No decorrer do tempo do catecumenato, faça-se a entrega do Símbolo. O momento oportuno poderia ser escolhido de acordo com a evolução da catequese” (RICA n. 184). Ou seja, depois que o catecúmeno participar dos encontros catequéticos, onde rezaram, estudaram, refletiram sobre as razões centrais da nossa fé (Creio). É de suma importância que se compreenda que o centro da fé cristã consiste nisso: “Creio em Deus Pai, em Deus Filho e em Deus Espírito Santo. Tudo o mais no cristianismo é desdobramento dessa profissão de fé”<sup>50</sup>.

A razão de ser do rico patrimônio doutrinal do cristianismo é aprofundar o mistério trinitário de Deus e ajudar as pessoas a viver em sintonia com esse mistério. Não é raro encontrarmos na Igreja, pessoas impregnadas de atitudes que deturpam o real sentido da doutrina cristã, tais como o moralismo, o conservadorismo, o tradicionalismo, sobretudo nos dias de hoje, quando cresce o fundamentalismo religioso por todas as partes. Por trás dessas posturas, pode estar escondida a não clareza do núcleo central da fé cristã, que é Deus Pai, Filho e Espírito Santo<sup>51</sup>.

Compreendido isso, podem dar o passo da celebração com a comunidade onde “recitarão em público antes de professarem, no dia do batismo, a fé que ele expressa” (RICA n. 183).

O mesmo se diz sobre a Oração do Senhor, depois de realizarem encontros catequéticos refletindo, discutindo, compreendendo a oração do Pai Nosso, com seus sete

<sup>48</sup> FLORISTÁN, 1993, p. 217.

<sup>49</sup> REINERT, João Fernandes. *A identidade do catequista a partir das celebrações do RICA*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 57.

<sup>50</sup> REINERT, 2023, p. 58.

<sup>51</sup> REINERT, 2023, p. 58-59.

pedidos, como um tratado de oração, deixado por Jesus aos seus seguidores, é que se procede com a celebração, quando se entrega publicamente diante da comunidade celebrante a Oração do Senhor aos catecúmenos. “Desde a antiguidade é a oração característica dos que recebem no batismo o espírito de adoção de filhos” (RICA n. 188).

O objetivo dessa entrega, que concentra a atenção na Oração do Pai Nosso como modelo de oração para o discípulo, é ressaltar a necessidade que o catecúmeno precisa estabelecer com Deus através da intimidade da oração, seja ela de louvor, petição, seja de agradecimento. “Com o rito da entrega da Oração do Senhor, o que se pretende é ajudar os catecúmenos a fazerem uma experiência especial de oração. Bem sabemos que, sem vida orante, não se pode falar de iniciação à vida cristã”<sup>52</sup>.

A chave teológica e pedagógica da iniciação à vida cristã é a mesma da Revelação, que é dom de Deus e que exige a resposta de cada um de nós. Nesse sentido, para que aconteça esse diálogo entre a pessoa e Deus, é preciso assumir uma metodologia que contemple: a Palavra lida na comunidade, como princípio fundante de toda a catequese; leitura contínua dos sinais de Deus na história; opção clara em favor de processos iniciáticos; atenção aos adultos como modelos de toda catequese; linguagens compreensíveis<sup>53</sup>.

Após percorrer esse percurso formativo do catecumenato, contando com o apoio e acolhida da comunidade, famílias, catequistas, padrinhos e madrinhas, introdutores, o catecúmeno, por meio da abertura de coração à graça de Deus, nos encontros catequéticos, nas vivências fraternas e celebrativas com a comunidade, agora dá um passo a mais, fazendo um caminho mais intensivo de purificação no tempo Quaresmal.

## **2.6 A celebração da eleição ou inscrição do nome**

Após percorrer o caminho catecumenal e tendo cumprido os seus objetivos principais – que eram “conversão de mentalidade e costumes, suficiente conhecimento da doutrina, senso da fé e da caridade” (RICA n. 23) –, procede-se com a celebração da eleição ou inscrição do nome, preferencialmente celebrada no primeiro domingo da Quaresma, que é o período litúrgico privilegiado para o tempo da purificação e iluminação. “Denomina-se ‘eleição’ porque a Igreja admite o catecúmeno baseada na

---

<sup>52</sup> REINERT, 2023, p. 60.

<sup>53</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A caminho de um novo paradigma para a catequese*. III Semana Latino-Americana de Catequese. Brasília: Edições CNBB, 2008, n. 39, p. 24.

eleição de Deus, em cujo nome ela age. Chama-se também ‘inscrição dos nomes’ porque os candidatos, em penhor de sua fidelidade, inscrevem seus nomes no registro dos eleitos” (RICA n. 22).

A eclesiologia que permeia todo o percurso iniciático, como temos observado ao longo do trabalho, envolve uma gama de ministérios. Além dos introdutores, catequistas, familiares, a comunidade paroquial é chamada a dar o seu parecer sobre a idoneidade dos candidatos – “o pedido de entrar na comunidade é resultante de três aspectos: o dom de Deus, a correspondência do catecúmeno e o empenho da comunidade”<sup>54</sup>.

Após ouvir o testemunho dos padrinhos, da comunidade e da resposta afirmativa dos próprios catecúmenos, quem preside, agindo em nome de Cristo e da Igreja, profere a decisão diante da assembleia, ou seja, quem declara a eleição da pessoa é a Igreja representada pelos diversos ministérios.

É importante ressaltar que, juntamente com os catecúmenos em sentido próprio, que serão batizados na vigília pascal, podem ser eleitos ou admitidos outros neocatecúmenos que, batizados na infância, se converteram a uma vida cristã adulta, seguiram o processo catecumenal<sup>55</sup> e se prepararam para completar a iniciação cristã por meio da recepção dos sacramentos da confirmação e da eucaristia.

A estrutura da celebração da eleição, quando realizada dentro da santa Missa, consta das seguintes partes: ritos iniciais como de costume, proclamação da Palavra e homilia (n. 140-142)<sup>56</sup>, apresentação dos candidatos (n. 143-144), exame e petição dos candidatos (n. 146), admissão ou eleição (n. 147), oração pelos eleitos (n. 148-149), despedida dos eleitos (n. 150), Liturgia Eucarística (n. 151). Esta celebração implica, por parte dos candidatos, uma nova forma de pertencer à Igreja, expressa sobretudo pela mudança de nome, não mais “catecúmenos”, mas “eleitos”.

Os agora eleitos serão convidados a se entregarem, durante os quarenta dias da Quaresma, ao recolhimento espiritual com toda a comunidade eclesial, a fim de se prepararem de uma maneira mais intensa para as festas pascais e a iniciação aos sacramentos. É um grande retiro quaresmal. Os eleitos tornam-se um sinal do chamado de Deus dirigido a todos para se reconciliarem com Ele e com o próximo. É um convite ao exame de consciência, à renúncia ao pecado (maior obstáculo à fraternidade humana e cristã), e ao comprometimento de assumir a atitude de conversão e penitência e as práticas da oração, do jejum e da

---

<sup>54</sup> LELO, 2005, p. 73.

<sup>55</sup> FLORISTÁN, 1988, p. 153.

<sup>56</sup> Os números entre parênteses neste parágrafo se referem ao Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA).

caridade, descobrindo de novo o amor de Deus e o compromisso com os irmãos na luta contra o egoísmo, o orgulho e as injustiças.<sup>57</sup>

Encontramos, na Tradição Apostólica, elementos do envolvimento da comunidade sobre o parecer dos catecúmenos.

Escolhidos os que receberão o batismo, sua vida será examinada: se viveram com dignidade enquanto catecúmenos, se honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se só praticaram boas ações. E, ao testemunharem sobre eles os que os tiverem apresentado, dizendo que assim agiram, ouçam o Evangelho.<sup>58</sup>

Outro texto da antiguidade – Peregrinação de Etéria – retrata como procediam a liturgia e a catequese em Jerusalém no século IV. Esse material fornece dados bem precisos da exigência da eleição dos catecúmenos:

O bispo, então, interroga, um a um, os acompanhantes do que entrou, dizendo: “Tem esta vida virtuosa, e honra os pais, e não é um ébrio ou um impostor?” interroga acerca de cada um dos vícios que são graves em um homem. E se o *competens* foi julgado irrepreensível a respeito de tudo quanto foi perguntado, o bispo, na presença das testemunhas, registra-lhe, com a própria mão, o nome. Se, porém, é acusado de algo, ordena-lhe que saia dizendo-lhe que se corrija e, quando se tiver corrigido, que se apresente, então, ao Batismo. Assim interroga, tanto sobre os homens quanto sobre as mulheres.<sup>59</sup>

Assim como no texto acima, hoje, a Igreja por meio do RICA chama “os eleitos de ‘competentes’ porque todos juntos se esforçam ou competem para receber os sacramentos de Cristo e o dom do Espírito Santo” (RICA n. 24). Com esta celebração de eleição e inscrição do nome, conclui-se o tempo do catecumenato e inicia-se o terceiro tempo que é a purificação e a iluminação.

## **2.7 Tempo da purificação e iluminação**

Este tempo é essencialmente um tempo de purificação e iluminação, “consagrado a preparar mais intensamente o espírito e o coração” (RICA n. 22). De fato, como destaca o ritual, nesse tempo torna-se mais intensa “a preparação espiritual mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de

<sup>57</sup> PARO, 2019b, p. 41-42.

<sup>58</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 60.

<sup>59</sup> PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 117-118.

consciência e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador” (RICA n. 25).

Este caminho espiritual habitualmente realizado na Quaresma (3º, 4º, 5º domingos) é acompanhado por vários ritos litúrgicos, com destaque para os escrutínios e a preparação próxima no sábado santo (é tempo também para as entregas do Símbolo da Fé e da Oração do Senhor<sup>60</sup>), caso elas (as entregas) ainda não tenham sido realizadas ao longo do tempo do catecumenato. “São celebrações muito importantes em termos espirituais, pois esclarecem aos futuros batizados o sentido das lutas que irão travar durante a caminhada cristã, levando-os a viver sob o símbolo da vitória de Cristo”<sup>61</sup>.

Toda a comunidade paroquial é convidada a participar destas celebrações litúrgicas oferecendo aos eleitos seu apoio na oração, carinho e atenção.

Para incentivar o seu desejo de ser purificados e redimidos pelo Cristo, realizam-se três escrutínios que visam a instruir gradativamente os catecúmenos sobre o mistério do pecado, do qual todo o mundo e todo homem desejam ser remidos, para se libertarem de suas consequências presentes e futuras; impregnando suas almas do senso da Redenção de Cristo, que é água viva (cf. Evangelho da samaritana), luz (cf. Evangelho do cego de nascença), ressurreição e vida (cf. Evangelho da ressurreição de Lázaro). É necessário progredirem do primeiro ao último escrutínio, na consciência do pecado e no desejo de salvação. (RICA n. 157)

O termo escrutínio provém do latim *scrutinium* e significa examinar, visitar, buscar. Compreende, portanto, um exame atento, minucioso. Tem um sentido espiritual de discernimento, como indica a sua dupla finalidade apontada pelo próprio ritual: “descobrir o que houver de imperfeito, fraco e mau no coração dos eleitos, para curá-lo; e o que houver de bom, forte, santo, para consolidá-lo” (RICA n. 25). Bebendo da fonte litúrgica do ano A, a partir da mistagogia da celebração, Cristo é revelado ao eleito como água viva (Samaritana Jo 4,5-42), luz (cego de nascença Jo 9,1-41), ressurreição e vida (Lázaro Jo 11,1-45).

A sequência da celebração dos escrutínios é a mesma em todas as celebrações (RICA n. 160-180). Habitualmente celebra-se dentro da santa missa: ritos iniciais realizados como de costume; proclamação da palavra e homilia; “quem preside, baseando-se nas leituras da Sagrada Escritura, expõe na homilia o sentido do escrutínio, levando em conta a liturgia quaresmal e o itinerário espiritual dos eleitos” (RICA n. 161);

<sup>60</sup> Na impressão brasileira do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos versão de 2001, optou-se por colocar a entrega do Símbolo e da Oração do Senhor no tempo do catecumenato (RICA n. 25 e 53).

<sup>61</sup> PARO, 2019b, p. 42.

oração em silêncio; preces pelos eleitos; exorcismo por parte de quem preside, sempre de acordo com a liturgia que está sendo celebrada (água, luz ou ressurreição e vida); despedida dos eleitos – ou permanência; e continuação da celebração com a liturgia eucarística. Padre Domingos Ormonde, exímio conhecedor do RICA, nos diz:

Quem vai presidir, assim como catequistas e equipes de liturgia, encontram uma série de elementos litúrgicos e orientações valiosas nas letrinhas vermelhas, ao longo do rito. Leiam com atenção sobre a homilia (n. 161), o convite espontâneo, dirigido a assembleia, para a oração silenciosa pelos eleitos (n. 162), o sentido dos eleitos ficarem inclinados ou de joelhos (n. 161), o gesto dos padrinhos durante a prece pelos eleitos (n. 163), o teor das preces propostas (n. 163) e da oração de exorcismo (n. 164), as várias sugestões de salmos para serem cantados após a imposição da mão e a oração (n. 164), a insistência para que os eleitos se retirem antes da liturgia eucarística (n. 165), as preces seguidas pelo creio (n. 166) e a lembrança dos padrinhos e eleitos na oração eucarística (n. 377).<sup>62</sup>

O RICA também sugere alguns ritos denominados de preparação imediata que poderiam acontecer no sábado santo pela manhã, com o intuito de possibilitar aos eleitos, através do recolhimento e da oração, uma melhor preparação para a recepção e celebração dos sacramentos na Vigília Pascal.

Seguindo o ritual, encontramos a seguinte estrutura da celebração (RICA n. 193-207):

- a) Ritos iniciais – procissão, sinal da cruz, acolhida do presidente e oração da coleta;
- b) liturgia da palavra – “convite para os eleitos reconhecerem Jesus como o enviado do Pai para salvá-los e libertá-los das trevas e se converterem sem medo”<sup>63</sup>;
- c) recitação do Símbolo – já recebido durante o catecumenato ou entre os escrutínios;
- d) rito do Éfeta – que significa “abra-te”, é um insistente pedido à abertura do coração “a graça para ouvir e professar a Palavra de Deus, a fim de se alcançar a salvação” (RICA n. 200);
- e) escolha do nome cristão – a mudança do nome significa a nova identidade que o eleito irá assumir;

---

<sup>62</sup> ORMONDE, 2003, p. 28.

<sup>63</sup> PARO, 2019b, p. 45.



f) por fim, pode ser feita a unção com o óleo dos catecúmenos. A celebração é encerrada e todos continuam a observar o clima orante até a solene celebração da Vigília Pascal em que os eleitos receberão os sacramentos da iniciação cristã.

Como já apontado acima, é uma sugestão muito pertinente dada pelo ritual a realização desta celebração no sábado santo pela manhã, contudo, devemos ter presente hoje as realidades tão complexas do mundo do trabalho onde tantos catecúmenos não conseguem a dispensa para participar dessa celebração. Cabe aqui a sensibilidade pastoral de avaliar a realidade e a melhor forma de proceder para que todos bebam da fonte da espiritualidade litúrgica dessas celebrações.

## 2.8 A celebração dos sacramentos da iniciação cristã

A celebração dos sacramentos da iniciação cristã é realizada preferencialmente<sup>64</sup> na noite Santa da Páscoa, que é o ponto alto do ano litúrgico e de todo o processo catecumenal. “A coroação do processo se dá pela inserção do candidato na Páscoa por meio dos sacramentos do batismo, confirmação e eucaristia, pelos quais recebe a identidade cristã”<sup>65</sup>.

Através dos sacramentos efetiva-se a plena vinculação dos catecúmenos a Jesus Cristo, que continua a realizar sua obra de salvação na Igreja por meio dos sinais sacramentais. A Vigília anual da Páscoa marca a noite em que o Senhor passou da morte à vida – também o catecúmeno passa da morte do pecado para a vida nova da graça – e, por isso, é o melhor contexto litúrgico e eclesial para celebrar a iniciação à vida cristã. Conforme o Documento Preparação para as Festas Pascais – *Paschalis Sollemnitatis*:

Segundo uma antiquíssima tradição, esta noite é “em honra do Senhor”, e a vigília que nela se celebra, comemorando a noite santa em que o Senhor ressuscitou, deve ser considerada como “mãe de todas as santas vigílias”. Nesta vigília, de fato, a Igreja permanece à espera da ressurreição do Senhor e celebra-a com os sacramentos da iniciação cristã.<sup>66</sup>

<sup>64</sup> O ritual indica as seguintes alternativas, se por acaso os sacramentos da iniciação cristã não puderem ser celebrados na vigília pascal: em primeiro lugar, o próprio domingo da ressurreição e os dias da semana da oitava da Páscoa (RICA n. 58 e 55) depois, durante os domingos do tempo pascal (RICA n. 58) e, por último, também o tempo comum, mas privilegiando, na medida do possível, o domingo (RICA n. 59).

<sup>65</sup> QUEZINI, 2013, p. 54.

<sup>66</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Paschalis Sollemnitatis sobre a preparação e celebração das festas pascais*. Petrópolis: Vozes, 1989, n. 77 – p. 51.

“Somente a vigília pascal fornece uma eclesiologia digna do batismo. A constante separação do batismo de seu contexto pascal, de antigamente, enfraqueceu a teologia tanto da igreja como da iniciação cristã”<sup>67</sup>. Se antes do Concílio Vaticano II sublinhava-se o efeito salvífico de cada sacramento (batismo, confirmação, eucaristia) de forma isolada, agora, graças ao Vaticano II, que proporcionou à Igreja a restauração do processo catecumenal, retoma-se a prática da unidade sacramental na noite da Vigília Pascal, “baseando-se na própria teologia da unidade do Mistério Pascal de Cristo”<sup>68</sup>.

Segundo Falsini, essa “unidade ritual é reflexo de uma unidade mais profunda, teológica, isto é, do desenvolvimento da única realidade que obedece a ordem histórico-salvífica, da qual nasce a conexão de cada um dos sacramentos – batismo, crisma e eucaristia –, com toda a iniciação”<sup>69</sup>.

A unidade iniciática dos sacramentos da iniciação cristã emana do mistério pascal de Cristo. Embora constituam um todo de sentido, sua distinção pontua aspectos importantes do mistério. No batismo, é simbolizado o primeiro momento do mistério pascal, quando no banho batismal vislumbra a vitória sobre a morte e o pecado. Na confirmação, pelo dom do Espírito Santo, é simbolizado o aspecto da missão e do testemunho. Já a eucaristia expressa a evocação de outro aspecto: a união com o mistério pascal de Cristo enquanto sacrifício<sup>70</sup>.

A estreita ligação entre os três sacramentos implica a tensão dinâmica do batismo e da confirmação para a eucaristia. A configuração a Cristo realizada nos dois primeiros sacramentos gera o fiel a uma plena comunhão com Ele, efetivada e nutrida sacramentalmente na eucaristia, para depois ser vivida na história.<sup>71</sup>

A presença da comunidade paroquial neste momento celebrativo da Vigília Pascal é de fundamental importância, dado que ela, ao longo de todo o percurso catecumenal, acolheu e acompanhou os catecúmenos. Agora, participa da alegria do novo nascimento por meio dos sacramentos que serão celebrados. O desenvolvimento das ações rituais

---

<sup>67</sup> KAVANAGH, 1987, p. 122.

<sup>68</sup> GIRARDI, Luigi. Confessar e fede nella vita: l'iniziazione Cristiana. Battesimo e confermazione. In: GRILLO, A.; PERRONI, M.; TRAGAN, P.-R. (eds.). *Corso di teologia sacramentaria 2*. I sacramenti della salvezza. Brescia: Queriniana, 2000, p. 158.

<sup>69</sup> FALSINI, R. Iniziazione ai sacramenti o sacramento dell'iniziazione? *Rivista del Clero Italiano*, n. 73 (1992) p.266-282 apud LELO, Antonio Francisco. O estilo catecumenal na catequese por etapas. *Revista de Catequese*, São Paulo, n.116, out/dez, 2006, p. 93.

<sup>70</sup> TABORDA, Francisco. *Nas Fontes da vida cristã*. Uma teologia do batismo-Confirmação. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 146-147.

<sup>71</sup> GIRARDI, 2000, p. 162.

desta solene celebração se pauta na liturgia da luz, liturgia da Palavra<sup>72</sup>, liturgia do batismo-confirmação e liturgia eucarística.

A terceira parte da vigília pascal compreende a liturgia batismal-crisimal com todos os seus ritos. A sequência, de acordo com o RICA (n. 213-234), é a seguinte: celebração do batismo – apresentação dos eleitos e exortação de quem preside, ladainha, oração sobre a água, renúncia, unção caso não tenha sido realizada nos ritos de preparação imediata, profissão de fé, banho batismal; ritos complementares – unção depois do batismo (essa unção só é realizada se por motivos especiais a confirmação for celebrada separada do batismo), veste batismal, entrega da luz; por fim, procede-se com a celebração da confirmação e da eucaristia.

Encontramos embasamento para os elementos contemplados pelo RICA na Tradição Apostólica que, por seu turno, descreve detalhes da iniciação sacramental conferida unitariamente retratando o primeiro testemunho completo a esse respeito:

Ao cantar do galo, reze-se, primeiro, sobre a água. Deve tratar-se de água corrente, na fonte, ou derramando-se do alto; assim deve ser exceto, porém, em caso de necessidade: se esta persistir, ou for premente, use-se a água que se encontrar.

Os *baptizandi* despirão suas roupas, batizando-se primeiro as crianças. Todos os que puderem falar por si mesmos, falem. Os pais, ou alguém da família, falem, porém, pelos que não puderem falar por si. Batizem-se depois os homens e finalmente as mulheres, que terão soltado os cabelos e tirado os enfeites de ouro (e prata) que sobre si levassem: ninguém usará qualquer objeto estranho ao descer para a água.<sup>73</sup>

Um primeiro elemento que aparece no início do texto atribuído a Hipólito é a oração sobre a água. Tal como temos hoje nos rituais, manifesta a proclamação do mistério pascal de Cristo e a primeira invocação da Santíssima Trindade. Depois, o mistério pascal é novamente proclamado na renúncia e profissão de fé. Finalmente, é proclamado de forma sucinta pelas palavras do batismo. Estamos no momento central da aliança entre Deus e os batizados (RICA n. 28 e 30). “A fé professada pelos eleitos encontra seu cumprimento no gesto batismal, em que os crentes são regenerados em Cristo”<sup>74</sup>.

<sup>72</sup> Mesmo sabendo da riqueza de cada um dos elementos rituais da Vigília Pascal, não nos debruçaremos a refletir sobre a liturgia da luz e a liturgia da palavra, em virtude de mantermos o nosso foco na unidade dos sacramentos da iniciação cristã.

<sup>73</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 61-62

<sup>74</sup> GIRARDI, 2000, p. 158.

O texto também ressalta que os que puderem “falar por si mesmos, falem”. Acredita-se que tal expressão diga respeito às renúncias feitas pela pessoa que recebia o batismo, rompendo com o pecado e com o mal, professando a fé na Trindade, e selando, assim, sua Aliança com o Senhor.

No que tange ao batismo, o texto atribuído a Hipólito diz que os primeiros a serem batizados eram as crianças. A propósito, a Tradição Apostólica, foi o primeiro texto a descrever o testemunho direto sobre o batismo de crianças. Encontram-se textos bíblicos no Novo Testamento que afirmam serem batizadas as famílias inteiras (1Cor 1,16; At 11,14). Nesse contexto, poderiam as crianças ficar de fora? Na discussão mais recente sobre a legitimidade do batismo de crianças, questionou-se sobre a possibilidade de o Novo Testamento também reconhecer o batismo de crianças que não respondem por si mesmas. “Depois de uma longa controvérsia sobre o assunto, evidenciou-se que não é possível dar uma resposta garantida historicamente”<sup>75</sup>.

Outro elemento é o descer às águas, que é extremamente rico, pois significa “a mística participação na morte e ressurreição de Cristo, pelo qual os que creem em seu nome morrem para o pecado e ressurgem para a vida eterna” (RICA n. 32).

Depois, derramando óleo santificado na mão e pondo-a sobre sua cabeça, diga: Eu te unjo com o óleo santo, no Senhor Pai Onipotente e em Jesus Cristo e no Espírito Santo. Marcando-o na fronte com o sinal da cruz, ofereça-lhe o ósculo e diga: O Senhor esteja contigo. Responda o que foi marcado: E com o teu Espírito.<sup>76</sup>

Encontramos ainda, na Tradição Apostólica, trechos pertinentes à unção “Eu te unjo com o óleo santo”. Parece muito claro que tal unção fazia referência ao sacramento da Confirmação. Por isso o RICA, bem como outros documentos da Igreja, diz que, imediatamente após o batismo, os adultos devem receber a confirmação, pois: “Esta conexão exprime a unidade do mistério pascal, a relação entre a missão do Filho e a efusão do Espírito Santo e o nexo entre os sacramentos, pelos quais ambas as Pessoas Divinas vêm com o Pai àquele que foi batizado” (RICA n. 34).

Os diáconos ofereçam então a oblação ao bispo; dê este graças sobre o pão, para representação do Corpo de Cristo e sobre o cálice de vinho preparado, para imagem do Sangue que foi derramado por amor de

<sup>75</sup> SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. v. II. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 211.

<sup>76</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 65.

todos os que creem nele... Partindo o pão, diga, distribuindo os pedaços: O Pão Celestial em Jesus Cristo. E o que recebe responda: Amém.<sup>77</sup>

Como se constata, a participação no banquete eucarístico consumava a iniciação cristã na antiguidade. O papa e teólogo Bento XVI aconselhava, na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, “sejam revistas as próprias práticas sobre a iniciação cristã: em concreto, é necessário verificar qual seja a prática que melhor pode, efetivamente, ajudar os fiéis a colocarem no centro o sacramento da eucaristia, como realidade para qual tende toda a iniciação” (SCa n. 18). Com essa afirmação, instigava a Igreja a tomar iniciativas pastorais concretas para que de fato a eucaristia fosse celebrada como ápice da iniciação e o centro de toda a vida cristã. A CNBB, por meio do Documento 107 – *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, assume esse compromisso de ajudar as nossas comunidades a avançar na reflexão de como tornar, de fato, a eucaristia o ápice da iniciação à vida cristã<sup>78</sup>.

Sintetizando, a iniciação cristã configura-se como uma articulada celebração sacramental, por meio da qual o indivíduo que percorreu o itinerário catecumenal é plenamente incorporado ao mistério pascal de Cristo. “Renascido pelo batismo e investido pelo Espírito de vida nova, é acolhido pelo novo povo para assentar-se a mesa eucarística e tornar-se um só corpo e um só espírito” (AG n. 14). Com a celebração dos três sacramentos da iniciação cristã, conclui-se mais uma etapa do percurso catecumenal e adentramos no último tempo, que é a mistagogia.

## 2.9 O tempo da mistagogia

O tempo da mistagogia é o último tempo da iniciação e seu objetivo é fazer com que os novos membros da Igreja obtenham um conhecimento mais completo dos sacramentos recebidos na Vigília Pascal. Durante esse tempo, esses novos membros devem ser ajudados pela comunidade dos fiéis para que, através das celebrações do tempo pascal, principalmente as missas dominicais, as catequese, o exercício da caridade, aprofundem os mistérios celebrados e sintam-se verdadeiramente integrantes da comunidade eclesial (RICA n. 235-236).

O tempo pascal é o tempo próprio para a realização da mistagogia, pois no decorrer dos seus cinquenta dias fortalecem-se os vínculos espirituais entre os novos

<sup>77</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 65-66.

<sup>78</sup> Nos números 123-133 do Documento 107 da CNBB é abordado esse assunto da unidade sacramental.

membros e a comunidade dos fiéis. Se, por um lado, a experiência sacramental insere o iniciado no corpo de Cristo – a Igreja –, por outro, a própria comunidade dos fiéis também ganha com essa experiência e se refaz nesse caminho da iniciação.<sup>79</sup>

Padre Domingos Ormonde<sup>80</sup> apresenta um dado interessante: todas as vezes que a introdução do RICA se refere à palavra “mistagogia”, coloca-a entre aspas. Diz isso por compreender que também os tempos anteriores fazem mistagogia, ou seja, introduzem no mistério de Cristo e da Igreja, através dos ritos ao longo do ano litúrgico e de todo o percurso catecumenal. Ou seja, todo o percurso catecumenal com seus tempos e etapas, deve ser conduzido por uma dimensão mistagógica.

A palavra mistagogia deriva da língua grega e é composta por dois conceitos: *mist* (vem de mistério) e *agogia* (tem a ver com conduzir, guiar). Assim, pode-se traduzir mistagogia como: ação de guiar, conduzir, para dentro do mistério, ou ainda, ação pela qual o mistério nos conduz<sup>81</sup>. Reconhecemos que o termo mistagogia não faz parte do nosso vocabulário habitual, mas se deve mencionar que, assim como nos primórdios da era cristã as pessoas eram introduzidas nos mistérios celebrados através de uma catequese mistagógica, faz-se necessário também hoje uma profunda iniciação aos mistérios da fé.

A dinâmica proposta é *Lex credendi e lex orandi*, compreender bem, para bem celebrar o mistério pascal no cotidiano das nossas vidas. “A mistagogia nos ensina a mergulhar, a entrar no mistério da fé, pois a celebração é uma experiência a ser vivida, um encontro de irmãos e irmãs com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo”<sup>82</sup>.

Esse tempo da mistagogia, tal como é apresentada no Ritual, é fruto da Tradição da Igreja antiga, na qual os Santos Padres, dentre os quais, Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo, Ambrósio de Milão, através de suas catequeses, levavam gradualmente os cristãos a se tornarem conscientes dos dons recebidos. “Desta forma, a mistagogia permitia atualizar, nas opções e etapas da vida do cristão, uma recordação eficaz dos mistérios do salvador, com a ajuda da comunidade e sob a ação incessante do Espírito da verdade”<sup>83</sup>. Atualizando essa mensagem, nos disse Bento XVI:

---

<sup>79</sup> LELO, Antonio Francisco. O estilo catecumenal na catequese por etapas. *Revista de Catequese*, São Paulo, n.116, out/dez, 2006, p. 121-122.

<sup>80</sup> ORMONDE, Domingos. O tempo da Mistagogia. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 182, mar/abr 2004, p. 24.

<sup>81</sup> PARO, 2019b, p. 84.

<sup>82</sup> PERON, Edmar. Mistagogia Eucarística: Teologia a Partir do Rito. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 205, jan/fev 2008, p. 21.

<sup>83</sup> FORTE, Bruno. *Introdução aos Sacramentos*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 38.

Essa tarefa é particularmente urgente numa época acentuadamente tecnológica como a atual, que corre o risco de perder a capacidade de perceber os sinais e os símbolos. Mais do que informar, a catequese mistagógica deverá despertar e educar a sensibilidade dos fiéis para a linguagem dos sinais e dos gestos que, unidos à palavra, constituem o rito. (SCa n. 64)

Chegado ao término de todo esse processo, o novo membro da comunidade, tendo feito a experiência do mistério da páscoa do Senhor, é chamado a prosseguir seu caminho de fé juntamente com os irmãos através da vivência do amor fraterno. De evangelizado como foi, é chamado agora a ser um evangelizador, anunciador da Boa Notícia do Reino de Deus e das maravilhas que o Senhor realiza na vida dos que se deixam guiar por Ele. A Exortação Apostólica *Evangelli Nuntiandi* enfatiza que isso é a pedra de toque de todo processo de evangelização: “aquele que foi evangelizado passa a evangelizar” (EN n. 24).

## **2.10 A modo de conclusão – capítulo 2**

O que vimos aqui nesse itinerário catecumenal é a base fundamental para o catecúmeno que deseja configurar a sua vida no seguimento de Jesus Cristo, tendo como ponto alto a celebração dos sacramentos, mas destina-se também a todos que desejam aprofundar essa configuração, seja os batizados quando crianças e que completam agora a iniciação, seja todos aqueles que se empenham em trabalhar pelo Reino de Deus.

A ideia, ressaltada pelos bispos do Brasil no Documento 107 – *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários* – é muito pertinente. Essa é a tese que defendemos, que o processo iniciático em todas as suas etapas destina-se tanto aos catecúmenos adultos como a tantas lideranças (catequista, ministros, seminaristas, coordenadores das comunidades, pastorais e movimentos) que precisam fazer a experiência do encontro com o Senhor (pré-catecumenato), aprofundamento dos elementos centrais pertinentes ao seu ministério (catecumenato), preparação imediata antes da recepção do referido ministério (purificação e iluminação), celebração do ministério específico e vivência mistagógica por meio do serviço prestado com inteireza do ser.

Num tempo em que somos consumidos pela pressa, é difícil falar de processos, percursos, itinerários. No entanto, essa foi a proposta de Jesus, que gastou tempo com a formação dos seus discípulos. “Chamou a si os que quis para estarem com ele” (Mc 3,13), só depois os enviou em missão. Nessa mudança de época que estamos atravessando, não

podemos nos deixar levar pela onda da rapidez, somos chamados como Jesus a gastar tempo com as pessoas, acolhendo, ouvindo, instruindo, formando, capacitando, só para depois enviar em missão.

É preciso aprender com Jesus a formar discípulos. Atualmente, invertemos a ordem, chamamos as pessoas para trabalhar na igreja, na comunidade, para exercer um apostolado, pressupondo que elas já tiveram uma experiência de discipulado com Cristo. Isso dura um certo período, mas depois não se sustenta, com o passar do tempo, em meio aos desafios próprios do caminho, a pessoa vai desanimando e, por falta de uma base, acaba desistindo.

Em síntese, o processo autêntico de iniciação à vida cristã, dentro dos modelos apontados pela Igreja nascente e resgatado pelo Vaticano II, é exigente por ser profundamente eclesiológico. “É uma função essencial da Igreja, realizada pela Igreja e na Igreja. E exercício concreto da sua maternidade”<sup>84</sup>. O seu restabelecimento na programação pastoral constitui hoje uma prova de vitalidade e uma ocasião providencial de renovação eclesial. Certamente, a prática catecumenal obriga a um profundo repensar de toda a vida e atividade pastoral. No próximo capítulo, nos deteremos, a partir da urgência desse novo paradigma de iniciação, a compreender a diversidade ministerial.

---

<sup>84</sup> ALBERICH, Emilio. Catecumenato e catechesi d’iniziazione. In: DERROITTE, Henri. *Catechesi e iniziazine Cristiana*. Torino: Elle di ci, 2006, p. 111.



### 3 A RIQUEZA E A DIVERSIDADE MINISTERIAL CONTEMPLADA NO RICA: COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), no intuito de promover um *aggiornamento* na Igreja, buscou apresentá-la na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* como “povo de Deus” acentuando a igualdade entre os membros da comunidade eclesial na dinâmica da comunhão e da participação. “A Igreja deixa de ser assim uma multidão de fiéis voltada à obediência hierárquica, para ser uma comunhão fraterna de todo o povo de Deus e como tal enviada ao mundo, o serviço hierárquico é um serviço dentro e a favor desta comunhão”<sup>1</sup>.

Desde então, esse é o caminho que a Igreja vem seguindo na tentativa de valorizar o sacerdócio comum dos fiéis. Podemos arriscar que um dos melhores frutos do Concílio foi a abertura da Igreja para que os fiéis leigos pudessem colocar seus dons e talentos a serviço do Reino de Deus na comunidade eclesial.

Temos visto ressurgir na Igreja, graças ao papa Francisco, que é filho do Concílio, o termo sinodalidade<sup>2</sup>, que significa caminhar juntos. Mário de França Miranda nos instiga: “Numa Igreja realmente sinodal, a transmissão da fé será tarefa de todos, não tanto por planos pastorais, embora necessários, mas pelos contatos pessoais, simples, ou em pequenos grupos espontâneos, que levem esperança e sentido para a vida aos demais”<sup>3</sup>.

Conforme vimos nos capítulos I e II, a temática da iniciação à vida cristã é muito desafiadora e ao mesmo tempo pertinente, por isso deve ser abraçada por todos nós como um novo estilo evangelizador. Isto para dizer que a iniciação à vida cristã está permeada por elementos sinodais que nos ajudam a repensar o caminho de uma formação integral da pessoa – “só por analogia o processo formativo pode ser considerado um catecumenato”<sup>4</sup> – e a destacar os agentes principais desse processo de caminhada

---

<sup>1</sup> ZANATTA, Valentin. *Por uma Igreja encarnada na História*. Tese de doutorado. Pontificia Universitas Gregoriana Roma, 1989, p. 23.

<sup>2</sup> Para aprofundamento desse tema, sugerimos a leitura do artigo do teólogo Francisco Aquino Junior, Sinodalidade como “Dimensão Constitutiva da Igreja” Retomando e aprofundando a eclesiologia conciliar. *REB*, Petrópolis, v. 82, n. 321, p. 8-23, jan/abr 2022.

<sup>3</sup> MIRANDA, Mário de França. Espírito Santo e Sinodalidade. *REB*, Petrópolis, v. 82, n. 321, jan/abr 2022.

<sup>4</sup> ROCCHETTA, Carlo. *Cristiani come catecumeni*. Rito dell’iniziazione Cristiana degli adulti. Roma Paoline, 1984, p. 15.

conjunta. “Através da colaboração conjunta e complementar desses ministérios<sup>5</sup>, o Espírito realiza a iniciação”<sup>6</sup>.

Neste sentido, para bem desenvolvermos nosso capítulo, trabalharemos a riqueza da diversidade ministerial contemplada no itinerário de formação do RICA, na linha da comunhão e da participação. Nosso trabalho seguirá o seguinte percurso: iniciaremos olhando para o grande papel da comunidade no percurso catecumenal (tópico 1); destacaremos a relevância do ministério dos introdutores ainda pouco valorizado (tópico 2); abordaremos a missão dos padrinhos e madrinhas (tópico 3); falaremos também do papel do bispo como primeiro responsável do processo catecumenal (tópico 4); bem como de seus colaboradores diretos os presbíteros e diáconos (tópico 5); daremos ênfase ao ministério do catequista (tópico 6); abordaremos o papel indispensável de apoio das famílias nesse caminho de crescimento na fé (tópico 7); falaremos das resistências e obstáculos que temos percebido na prática pastoral paroquial (tópico 8); para concluirmos com a urgência e a relevância da opção catecumenal hoje (tópico 9).

### **3.1 O Ministério da comunidade**

O itinerário catecumenal como caminho de formação do discípulo missionário, que estamos trabalhando ao longo desse texto, é uma herança da Igreja nascente que foi resgatado pelo Vaticano II e nele podemos inferir que a fé, para ser professada, precisa do conhecimento teórico de suas verdades, da prática concreta de vida e de momentos celebrativos em comunidade. Dessa forma, vive-se o espelho da comunidade apostólica, que era assídua no ensinamento dos apóstolos, na solidariedade, na fração do pão e nas orações (At 2,42). A comunidade cristã de todos os tempos deve ser o lugar do amor, do respeito pelo outro, da aceitação das diferenças e do perdão (Rm 14,7-9).

Assim sendo, temos o testemunho de que a comunidade eclesial é a referência para as pessoas que querem penetrar pouco a pouco na fé que estão conhecendo “há homens e mulheres que querem vir a regressar a fé, você pode vê-los, ouvi-los, conversar

---

<sup>5</sup> Importante mencionar que neste capítulo trabalharemos os ministérios e funções envolvidos no percurso catecumenal, no entanto, não temos a pretensão de abordar cada ministério fazendo uma interpretação bíblica, histórica, sistemática deles. Nosso intuito é fazer uma abordagem desses ministérios dentro da perspectiva da contribuição para que o processo de iniciação à vida cristã aconteça.

<sup>6</sup> ORMONDE, Domingos. Outros pontos de partida. Revista de Liturgia, São Paulo, n. 165, mai/jun 2001c, p. 9.

com eles, acompanhá-los, deixar renovar os seus hábitos eclesiais”<sup>7</sup>. E para aquelas que, feita a adesão à comunidade cristã, querem e buscam encontrar um espaço para exercer seus dons e talentos. “A comunidade é por excelência lugar de iniciação cristã. Não se chega a ser cristão sozinho, assim como não se permanece cristão em solidão. Crer na Igreja significa ao mesmo tempo crer em Igreja, sendo uma comunidade eclesial”<sup>8</sup>.

Sujeito indispensável dos processos de Iniciação à Vida Cristã, junto ao catecúmeno, é toda a comunidade cristã. Ela é responsável pelo rosto que a Igreja vai apresentar a quem dela se aproxima; é necessário recuperarmos essa convicção e com ela sermos coerentes. O processo de Iniciação à Vida Cristã requer a acolhida, o testemunho, a responsabilidade da comunidade. Quem busca Jesus precisa viver uma forte e atraente experiência eclesial. A Iniciação dos chamados ao discipulado se dá pela comunidade e na comunidade.<sup>9</sup>

É importante destacar que, em meio a tantas questões presentes na sociedade moderna que acentuam o individualismo, o hedonismo, o narcisismo e o consumismo, temos grandes desafios no campo pastoral, tanto *ad intra* como *ad extra*. Destacamos que o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) nos oferece um caminho de integração entre iniciar na fé e na vida da comunidade eclesial, segundo Reinert: “transmitir a fé cristã e atrair para a vida em comunidade não são tarefas distintas”<sup>10</sup>. Já para Codina e Irarrazaval, “o povo de Deus tem direito a uma pastoral imaginativa, contemplativa, festiva, que toque todo o espírito da pessoa e da comunidade”<sup>11</sup>.

Em se tratando de comunidades eclesiais, constatamos duas questões que queremos melhor desenvolver. Inicialmente, a própria comunidade precisa se convencer do seu papel como a primeira interessada e responsável pelo bom êxito do itinerário de formação com estilo catecumenal; depois, que a pessoa precisa dar o passo necessário para sair de uma concepção individualista de salvação e sentir-se membro da comunidade. Esta atitude de conversão está necessariamente unida à mudança de comportamento eclesial, ou seja, a condição para aquele que se aproxima do caminho catecumenal se sentir parte de uma comunidade passa pela acolhida e pela demonstração disso através de sinais concretos. “Acolher não é só abrir a porta da casa para alguém, é abrir o coração,

<sup>7</sup> BOURGEOIS, Henri. *Teologia Catecumenale*. A proposito dela “nuova” evangelizzazione. Brescia: Queriniana, 1993, p. 295.

<sup>8</sup> REINERT, João Fernandes. *Paróquia e Iniciação Cristã*. A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015, p. 64.

<sup>9</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos*. Documentos da CNBB 107. 2.ed. Brasília: Edições CNBB, 2020. n. 106.

<sup>10</sup> REINERT, 2015, p. 65.

<sup>11</sup> CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. *Sacramentos de Iniciación*. Agua y Espíritu de Libertad. Madrid: Paulinas, 1987, p. 163.

dando espaço para que o irmão e a irmã se sintam acolhidos como eles são, e não como nós queremos que eles sejam”<sup>12</sup>.

Nunca é demais ressaltar que “não é possível reproduzir mecanicamente o modelo do século III (do catecumenato), mas é possível retornar aos seus componentes: escuta e contemplação, aprendizagem ativa, oração comunitária, caridade fraterna e fazer da iniciação um processo”<sup>13</sup>. Por mais que hoje, fruto do Vaticano II, ressaltemos que a Igreja é toda ministerial, sabemos que ela nasceu assim, no entanto, houve uma significativa mudança eclesiológica ocorrida no segundo milênio<sup>14</sup>. Nesse caminho histórico, inclusive, a educação da fé ficou reduzida unicamente à pessoa do catequista. “Hoje, ao se resgatar a metodologia global (itinerário), não se pensa mais a educação na fé como uma ação limitada à relação do catequista com o seu catequizando, mas um serviço único realizado em conjunto por toda a comunidade”<sup>15</sup>. Neste sentido vale ressaltar que:

A comunidade-Igreja, comunidade de fé, de comunhão, de participação e de missão é a primeira responsável pela iniciação e formação cristã de seus membros. A missão origina-se na comunhão da Trindade, do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A missão é para suscitar, formar e firmar comunidades de pessoas de fé, à imagem da Trindade, que creem na ressurreição de Jesus e se reúnem para o louvor e para o compromisso de evangelização.<sup>16</sup>

Ou seja, a comunidade deve – ou deveria – ser a primeira interessada pelo processo de iniciação à vida cristã, pois é exatamente nesse percurso formativo que nascerão ou renascerão os novos filhos da Igreja, os fiéis que somarão forças na construção do Reino de Deus. Por analogia, podemos pensar que assim como os casais, numa alegre expectativa, aguardam o nascimento dos filhos quando estão grávidos, também da parte da comunidade deveria haver essa alegria na expectativa pela chegada de novos membros. O RICA, ao se referir às funções e ministérios do percurso formativo, confirma o que estamos dizendo:

---

<sup>12</sup> PANAZZOLO, João. *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*. Elementos fundamentais. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2018, p. 142.

<sup>13</sup> CODINA; IRARRAZAVAL, 1987, p. 158.

<sup>14</sup> “No segundo milênio, com a força da reforma gregoriana e a codificação dos livros litúrgicos no tempo de Inocêncio III, implanta-se definitivamente na igreja romana o modelo de liturgia clerical, distante do povo, herdado sobretudo da fusão romano-franco-germânica do século VIII. O povo, não se sentindo mais ator da liturgia, preenche ainda mais este vácuo espiritual com as devoções aos santos e ao Santíssimo Sacramento. O individualismo religioso toma conta de todos, tanto do clero que faz da missa sua devoção particular, como do povo que faz das devoções particulares a grande fonte de espiritualidade” (SILVA; BUYST, 2006, p. 59).

<sup>15</sup> NENTWIG, Roberto. *Iniciação à Comunidade Cristã*. A relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 102.

<sup>16</sup> PANAZZOLO, 2018, p. 139.

O povo de Deus, representado pela Igreja local, sempre compreenda e manifeste que a iniciação dos adultos é algo de seu e interessa a todos os batizados. Por conseguinte, realizando sua vocação apostólica, estará inteiramente disposto a prestar auxílio aos que procuram o Cristo. Nas diversas circunstâncias da vida cotidiana, assim como no apostolado, cabe a todo discípulo de Cristo a missão de difundir a fé. Deve, portanto, ajudar os candidatos e os catecúmenos durante todo o currículo da iniciação. (RICA n. 41)

“Assim como o catecumenato deve estar presente na comunidade, a comunidade deve estar presente no catecumenato”<sup>17</sup>. O ritual destaca, assim, a missão e o protagonismo que a comunidade tem no acompanhamento de todo o percurso iniciático, para que juntamente com os catecúmenos e catequizandos renove sua identidade e refaça a sua experiência com o Senhor. “A comunidade é a referência concreta da Igreja de Jesus para os que fazem o caminho da fé”<sup>18</sup>. Os seus membros têm uma contribuição fundamental, pois anunciam com a Palavra e a vida a mensagem de Cristo; difundem a fé nas várias circunstâncias da vida cotidiana; auxiliam os que procuram e devem acolhê-los na vida comunitária fazendo-os passar da consciência de um “eu individual” para um “nós eclesial”<sup>19</sup>. Ou seja, “não se torna cristão somente com o empenho e o esforço pessoal, mas com a ajuda da comunidade cristã”<sup>20</sup>.

Elencamos, a seguir, uma série de questionamentos que nos levam a uma autoavaliação e nos proporcionam repensar a nossa caminhada pastoral<sup>21</sup>. Quando nos deparamos com a etapa do pré-catecumenato, que tem como ponto alto a experiência querigmática do amor de Deus (RICA n. 9-13), será que aproveitamos esse momento para também nós, enquanto comunidade, refazermos o nosso encontro amoroso com o Senhor?

Em relação à celebração de entrada no catecumenato (RICA n. 68-97), na qual os catecúmenos e catequizandos publicamente são acolhidos para fazer parte da comunidade dos filhos de Deus, nos perguntamos o que essa celebração diz a nós enquanto comunidade? Nós também devemos perguntar: essa celebração é ocasião para refazermos

<sup>17</sup> BOROBIO, Dionísio. *La Iniciación Cristiana*. 3.ed. Salamanca: Sígueme, 2009, p. 549.

<sup>18</sup> ORMONDE, 2001c, p. 27.

<sup>19</sup> BOURGEOIS, 1993, p. 124-125.

<sup>20</sup> LELO, Antônio Francisco. *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 193.

<sup>21</sup> Frei João Fernandes Reinert tem sido um referencial no Brasil nos escritos e assessorias na linha de uma aplicabilidade da iniciação à vida cristã na prática pastoral. Em um livro intitulado *A identidade do catequista a partir das celebrações do RICA*, a partir dos tempos e das etapas do percurso catecumenal ela vai questionando os catequistas para que se coloquem em cena, se questionando sobre o diz cada um desses momentos, primeiro a cada um deles. A partir de agora, nos basearemos nessa linha de raciocínio também questionando cada um dos ministérios sobre o sentido dos tempos e etapas rituais para cada um dos agentes envolvidos.

nossa adesão de pertença a essa comunidade paroquial que amamos e por isso servimos? Ou corremos o risco de achar que essa celebração só tem sentido para eles?

Como sabemos, durante o tempo do catecumenato acontecem as celebrações de entrega do Símbolo da fé (RICA n. 186-187) e da Oração do Senhor (RICA n. 191-192). Isso faz parte da pedagogia do processo iniciático que une catequese e liturgia. Desta forma, depois de refletir sobre as razões de nossa fé contempladas no Creio, os catecúmenos e catequizandos recebem da Igreja o Símbolo da fé. Será que nós, enquanto comunidade, também aproveitamos dessa celebração para pensar sobre as razões da nossa crença e da nossa fé? Ou, porventura, corremos o risco de cair na rotina de rezar ou dizer dominicalmente o Creio sem que isso diga nada ao nosso coração?

Do mesmo modo, a Oração do Senhor – o Pai Nosso – só é entregue na celebração para os catecúmenos e catequizandos depois de fazerem encontros catequéticos e celebrativos refletindo sobre a necessidade e a importância da vida de oração para eles. “O fiel cristão além de ser chamado para a oração comunitária, deve também entrar no seu quarto para rezar a sós ao Pai (Mt 6,6); e até, segundo ensina o Apóstolo, deve rezar sem cessar” (SC n. 12). Nós, enquanto comunidade, somos chamados nessa celebração a pensar sobre o sentido dessa entrega para a nossa missão, uma vez que isso reforça o nosso questionamento sobre como andam os nossos momentos pessoais de oração, levando em consideração se temos buscado encontrar na intimidade da oração forças para bem vivermos a nossa vida e desempenharmos a nossa missão.

Concluindo o tempo do catecumenato, depois de ter realizado o caminho de crescimento na fé, os catecúmenos e catequizandos são, por meio de uma celebração, declarados eleitos pela Igreja (RICA n. 133-151) para a recepção e celebração dos sacramentos na noite da Vigília Pascal. Essa eleição se baseia no “chamado do próprio Deus que não cansa de atrair a si os seus filhos e filhas”<sup>22</sup>. Neste sentido, como comunidade que participou do caminho de crescimento desses que são declarados eleitos pela Igreja, somos chamados a pensar sobre o nosso chamado, refazer a nossa experiência do primeiro amor e da nossa eleição por parte de Deus.

No tempo da “purificação e iluminação”, que geralmente ocorre durante a Quaresma, acontecem três escrutínios (RICA n. 160-179) que visam consolidar nos eleitos aquilo que já é bom e pedir a Deus a graça do fortalecimento, conversão e purificação daquilo que ainda precisa ser curado (RICA n. 25, 2). Na mesma linha de

---

<sup>22</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 2017, n. 27.

pensamento que estamos seguindo, somos chamados a pensar sobre a nossa caminhada de fé e pedirmos a Deus a graça de consolidação das virtudes e a cura dos nossos vícios.

A Vigília Pascal, mãe de todas as Vigílias, é noite de festa, pela Ressurreição do Senhor e pelo nascimento de novos filhos e filhas por meio dos sacramentos pascais (RICA n. 208-234). Segundo Victor Codina: “A perspectiva é decididamente a favor de festas religiosas e não de meras cerimônias. Portanto, nesta fase do processo de iniciação, a evangelização é muito mais do que executar rubricas e dizer algumas palavras; é uma pastoral da alegria da fé onde encontramos um Deus festivo”<sup>23</sup>. Como comunidade de fé, devemos demonstrar a nossa alegria pelo caminho percorrido com esses nossos irmãos e irmãs que agora nascem para uma vida nova de modo sacramental. E como batizados, devemos nos alegrar igualmente por entrarmos na intimidade da celebração renovando as nossas promessas batismais e com eles participarmos do banquete da eucaristia como ápice e centro da vida cristã (RICA n. 234).

A mistagogia é o último tempo do percurso iniciático (RICA n. 235-239), isso demonstra que todo o enfoque desse caminho percorrido não foi em vista do sacramento, mas para conduzir o catecúmeno ou catequizando a uma experiência de fé com o Senhor que o tornou um fiel. Os sacramentos celebrados foram consequência desse caminho pedagógico de crescimento na fé: candidato-catecúmeno-eleito-fiel. Cabe à comunidade pensar também no seu crescimento gradativo para que ela mesma seja mistagoga, se deixando tocar e guiar pelo Mistério de Deus para assim também ajudar a iniciar mistagogicamente outros neste mesmo caminho.

Assim, como afirmamos no capítulo 2, que o pré-catecumenato é a garantia do bom êxito de todo o percurso catecumenal, da mesma forma aplicamos essa premissa à comunidade, pois nela se alicerçam todos os demais ministérios que só tem sentido de existir se estiverem vinculados e a serviço dela. “Sem comunidades vivas e atrativas, torna-se impossível o crescimento da fé. O investimento no catecumenato e a entrada de novos catecúmenos na comunidade modificam a vida da comunidade e a enriquecem, tornando-a dinâmica e atrativa”<sup>24</sup>, a ponto de chegarmos a ter “paróquias em estado catecumenal”<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> CODINA; IRARRAZAVAL, 1987, p. 160-161.

<sup>24</sup> REINERT, João Fernandes. *Paróquia casa da iniciação e comunidade de sujeitos eclesiais*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 68.

<sup>25</sup> ROCCHETTA, Carlo. *Cristiani come catecumeni*. Rito dell'iniziazione Cristiana degli adulti. Roma Paoline, 1984, p. 110.

### 3.2 Ministério dos introdutores

Da comunidade comprometida com a causa da iniciação à vida cristã (IVC) surgem os ministérios envolvidos no processo iniciático, e neste tópico queremos ressaltar a importância do ministério do introdutor, dado que ele ainda é pouco valorizado na prática pastoral. Diz o ritual: “O candidato que solicita sua admissão entre os catecúmenos é acompanhado por um introdutor, homem ou mulher, que o conhece, ajuda e é testemunha de seus costumes, fé e desejo” (RICA n. 42).

Como o próprio RICA definiu, o introdutor é alguém que “acompanhará” fraternalmente os candidatos e simpatizantes nesse momento de entrosamento com a comunidade paroquial, o crescimento na vida cristã e a iniciação aos mistérios de Deus.

Ele é alguém que se reconhece como caminhante, em processo de discipulado. Tendo feito a experiência de encontro com o Senhor, participa da alegria da vivência da comunidade cristã e busca anunciar para que outros também tenham acesso a esse caminho. “São a presença imediata da Igreja-Mãe para cada catecúmeno. A cada catecúmeno é dado um acompanhante que estará com ele ao longo de todo o processo”<sup>26</sup>.

Por se tratar de um ministério de acompanhamento, ajuda e esclarecimento, pressupõe-se dos agentes alguns requisitos básicos de um seguidor de Jesus de Nazaré. Padre Domingos Ormonde, assim os define:

Devem ser pessoas de fé, já iniciadas, constantes na vida litúrgica da comunidade e na comunhão eucarística, orantes, atentas à Palavra de Deus, amigas dos irmãos de Igreja, solidárias com os mais pobres, respeitosas para com todas as religiões, inclusive o catolicismo popular, simples no relacionamento pessoal<sup>27</sup>.

“Muitos podem perguntar-se onde encontraremos pessoas capacitadas para serem introdutoras na fé? Estas pessoas já estão em nossas comunidades e atuam de forma espontânea”<sup>28</sup>. É necessária sensibilidade pastoral para identificar, entre os fiéis atuantes da comunidade, aqueles que poderiam exercer o ministério de introdutores. Por mais que o verbo empregado acima tenha sido “pressupor”, ao identificar nas comunidades pessoas que tenham vocação para exercer esse ministério, devemos dar o passo de passar da pré-suposição e verdadeiramente formá-las para bem desempenharem essa função. Além do testemunho de vida, que é primordial, é preciso que na formação dos introdutores sejam

<sup>26</sup> ALMEIDA, José Antonio de. *ABC da Iniciação Cristã*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 57.

<sup>27</sup> ORMONDE, 2001c, p. 28.

<sup>28</sup> NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. *Querigma* – A partir do documento da CNBB n. 107, p. 56.



abordados alguns temas fundamentais: “conhecimento da teologia e metodologia do processo completo da IVC; estudo das raízes bíblicas e eclesiais da IVC e compreensão do que é catecumenato; critérios para o acompanhamento espiritual; partilha da própria experiência de fé”<sup>29</sup>.

É importante que o introdutor, após essa formação inicial, tenha ciência de que o percurso catecumenal visa em primeiro plano levar a pessoa do candidato ou simpatizante a um encontro mais profundo com a pessoa de Jesus, os sacramentos são celebrados como consequência desse caminho de aprofundamento. “Ele tem uma função muito específica e fundamental no pré-catecumenato, por ser ele quem coloca as bases para a segunda etapa, na qual atuarão os catequistas”<sup>30</sup>. Como cooperador no conjunto do percurso iniciático, cabe aos introdutores juntamente com os ministros ordenados participarem da avaliação das disposições do candidato (RICA n. 16), e novamente na celebração de entrada no catecumenato são interrogados se “estão dispostos a ajudá-los a encontrar e seguir Cristo” (RICA n. 77).

Deve ficar claro que, no início do percurso iniciático, será ele – o introdutor – que agirá em nome da Igreja e por meio da sua partilha, da sua vivência e experiência na vida de fé, ajudará o candidato a estabelecer uma relação pessoal com Deus e com a comunidade. “Trata-se de um ministério que se parece com o do orientador espiritual, que escuta ativamente, sabe aconselhar, animar e, sobretudo, dá testemunho pessoal de amor a Jesus Cristo e aos irmãos e irmãs”<sup>31</sup>.

O papa Francisco, ainda que na *Evangelii Gaudium* não mencione o termo “introdutor”, ao falar da arte do acompanhamento nos deixa a mensagem que se aplica perfeitamente a essa função que estamos trabalhando:

A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta “arte do acompanhamento”, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3,5). Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã. (EG n. 169)

Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte

---

<sup>29</sup> MICHELETTI, Guillermo Daniel. A figura do introdutor/acompanhante nos processos de iniciação à vida cristã. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 38, n. 145, jan/jun 2015, p. 25-26.

<sup>30</sup> REINERT, 2015, p. 74.

<sup>31</sup> MICHELETTI, 2015, p. 25.

de esperar, a docilidade ao Espírito. Precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. (EG n. 171)

Infelizmente, esse ministério ainda não é bem compreendido em nossa prática pastoral. Diante disso, a CNBB por meio do Documento 107 – *Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários* ressalta: “É importante desenvolver a consciência sobre a necessidade deste ministério nas comunidades da Igreja do Brasil”<sup>32</sup>. Falamos tanto do individualismo que perpassa as nossas relações interpessoais, não estaria aqui uma ótima oportunidade de promover um acompanhamento personalizado do candidato, ajudando-o a fazer o discernimento das motivações que o levaram até ali? Santo Agostinho já orientava os evangelizadores e catequistas de sua época a procurarem conhecer os seus catequizandos:

Também não será inútil interrogá-lo sobre as razões que o trouxeram ao cristianismo... Insistir-se-á, principalmente, na simplicidade e elevação das Escrituras... Todos esses assuntos devem ser tratados em discussão afável com o que se aproxima da comunidade do povo de Deus...<sup>33</sup>

Segundo Micheletti, “o acompanhamento espiritual que os introdutores realizam no início da caminhada de fé é imprescindível, a ponto de se poder dizer com convicção que disso depende o êxito de todo o processo iniciático”<sup>34</sup>. Será que não estaria aqui uma das lacunas que tem comprometido a aplicabilidade pastoral do projeto de iniciação à vida cristã, o fato de diante das exigências não formarmos introdutores e focarmos somente no ministério do catequista? Cada qual tem seu mérito, mas enquanto o catequista trabalha com o grupo, o introdutor trabalharia de forma muito mais personalizada. Fica aberta a questão para reflexão.

Ao término deste tópico, fica o questionamento para aqueles que exercem esse ministério, para que vejam quão importante é a missão de acompanhamento dos candidatos e se abram também eles às surpresas que Deus constantemente por meio de sua graça oferece a cada um de nós. “Enquanto auxilia o candidato a crescer na sua adesão a Cristo e à Igreja, ele mesmo (o introdutor) não pode perder a oportunidade para crescer

<sup>32</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 160.

<sup>33</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. *A catequese a principiantes*. In: CORDEIRO, José de Leão (org). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 855.

<sup>34</sup> MICHELETTI, 2015, p. 27-28.

no discernimento e clarear sempre mais suas reais motivações pela causa da iniciação à vida cristã”<sup>35</sup>.

### 3.3 Função dos padrinhos e madrinhas

Por se tratar de um ministério antiquíssimo na Igreja, já na Tradição Apostólica encontramos o fundamento para esse serviço de acompanhamento: “Deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos para ouvir a Palavra”<sup>36</sup>. Atualizando a pertinência e urgência dessa função, eis o que nos diz o RICA:

Conforme uso muito antigo na Igreja, o adulto não é admitido ao batismo sem um padrinho, escolhido dentre os membros da comunidade cristã, para que o ajude ao menos na última preparação ao sacramento e, após o Batismo, zele por sua perseverança na fé e na vida cristã...

O padrinho, escolhido pelo catecúmeno por seu exemplo, qualidades e amizade, e delegado pela comunidade cristã local com a aprovação do sacerdote, acompanha o candidato no dia da eleição, na celebração dos sacramentos e no tempo da mistagogia. É seu dever ensinar familiarmente ao catecúmeno como praticar o evangelho em sua vida particular e social, auxiliá-lo nas dúvidas e inquietações, dar-lhe testemunho cristão e velar pelo progresso de sua vida batismal... (n. 8 e 43)

Na mesma linha nos diz o Código de Direito Canônico:

Ao batizando, enquanto possível, seja dado um padrinho, a quem cabe acompanhar o batizando adulto na iniciação cristã... cabe também a ele ajudar que o batizado leve uma vida de acordo com o batismo e cumpra com fidelidade as obrigações inerentes.<sup>37</sup>

Diferente do que vemos hoje no cotidiano das nossas relações, em que padrinhos e madrinhas são escolhidos em razão de parentesco familiar, círculos de amigos e de prestígios sociais, os referenciais acima nos ajudam a mergulhar na profundidade desse ministério e a nos questionarmos sobre a qualidade, formação, testemunho de vida dos nossos padrinhos e madrinhas.

Se ao definirmos a função dos introdutores nos questionamos onde encontraríamos tais pessoas, da mesma forma o fazemos aqui, quando vemos quão

<sup>35</sup> REINERT, João Fernandes. *A identidade do catequista a partir das celebrações do RICA*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 14-15.

<sup>36</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 56.

<sup>37</sup> CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2022, Cân. 872, p. 411.

exigente é a missão dos padrinhos e madrinhas. A questão que se abre, nesse ínterim, se refere à fragilidade dos padrinhos e madrinhas, que aponta para uma problemática muito mais densa e complexa, a saber: a frágil formação que, em geral, nosso povo recebeu como herança de um “catolicismo social” que não formou discípulos e testemunhas do Senhor. São pessoas com boa vontade que se empolgam com o convite de serem padrinhos e madrinhas, mas, arriscaríamos dizer, estão longe dessa tarefa de um acompanhamento mais espiritual.

Paulo VI apontou, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, na qual diz da evangelização no mundo contemporâneo, que “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN n. 41). O testemunho atrai muito mais que belas palavras. “A maternidade espiritual da Igreja é exercida pela comunidade cristã através do acolhimento, exemplos, vida caritativa e oração. A função dos padrinhos só ganhará valor quando o cristão for capaz de apadrinhar num sentido eclesial e missionário”<sup>38</sup>.

Diante disso, padre Domingos Ormonde<sup>39</sup> sugere como proposta pedagógica pastoral que os padrinhos assumam a função que o ritual lhes propõe e que seja transferida aos introdutores as funções de “ensinar familiarmente ao catecúmeno como praticar o evangelho em sua vida particular e social, auxiliá-lo nas dúvidas e inquietações, dar-lhe testemunho cristão” (RICA n. 43) e depois da celebração dos sacramentos “velar pelo progresso de sua vida batismal” (RICA n. 43). Desta forma, essas pessoas seriam como que os padrinhos da comunidade auxiliando os catecúmenos e catequizando no crescimento da fé, sem impedir a presença de “outros padrinhos e madrinhas”.

Da parte dos padrinhos e madrinhas, ao receberem um convite para tal, deveriam deixar de pensar isso como um prestígio social ou familiar, e sinceramente começarem a se questionar para saber se estão aptos para tal missão/função ou quais pontos a partir de agora poderiam melhorar para que pudessem crescer na vida espiritual, por primeiro, para ajudar na nobre tarefa de crescimento do afilhado ou da afilhada.

---

<sup>38</sup> FLORISTÁN, Casiano. *Para compreender o catecumenato*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1988, p. 183-186.

<sup>39</sup> ORMONDE, 2001c, p. 28.

### 3.4 Ministério dos bispos

Pelo fato de serem “os principais dispensadores dos mistérios de Deus, bem como os moderadores, promotores e guardiães de toda a vida litúrgica na Igreja que lhes foi confiada” (CD n. 15), os bispos, como pastores da Igreja particular, são os primeiros dos ministros “a encarregar-se da iniciação cristã dos adultos”<sup>40</sup>. Essa função própria remete às fontes da nossa Igreja. Na Tradição Apostólica encontramos belíssimos relatos:

Escolhidos os que receberão (batismo), sua vida será examinada, se viveram com dignidade enquanto catecúmenos... Aproximando-se o dia em que serão batizados, exorcize o bispo cada um, para saber se é puro... no sábado, serão eles reunidos em um só local, designado pelo bispo... no momento previsto para o batismo, o bispo dará graças sobre o óleo, que porá em um vaso e chamará “óleo de ação de graças”. E tomara também outro óleo, que exorcizará e chamará “óleo de exorcismo”. (confirmação) O bispo impondo sobre eles a mão, faça a invocação dizendo: Senhor Deus, que os tornastes dignos de merecer a remissão dos pecados pelo banho da regeneração, torna-os dignos de ser cumulados do Espírito Santo; lança sobre eles a tua graça para que te sirvam de acordo com a tua vontade, pois a ti a glória – ao Pai e ao Filho, com o Espírito Santo na santa Igreja pelos séculos dos séculos. Amém. (eucaristia) Os diáconos ofereçam então a oblação ao bispo; dê graças sobre o pão, para a representação do Corpo de Cristo, e sobre o cálice de vinho preparado, para imagem do Sangue que foi derramado por amor de todos os que creem nele. Todos estes fatos explique-os o bispo aos que recebem.<sup>41</sup>

O texto acima nos ajuda a mergulhar no tempo da Igreja nascente, em que o bispo tinha um papel direto em todo o processo de iniciação, “cabendo a ele formar os catecúmenos, ministrar os sacramentos, realizar a mistagogia”<sup>42</sup>. O Documento 107 assim sugere aos bispos: “seguindo tal exemplo (dos padres da Igreja), o bispo poderá oferecer, em tempo oportunos, uma ‘catequese mistagógica’ para toda a Igreja diocesana, de modo particular aos presbíteros, diáconos, seminaristas, consagrados e líderes leigos”<sup>43</sup>.

De acordo com o RICA:

Compete ao bispo, por si ou por um representante, estabelecer e dirigir o catecumenato e promover o seu desenvolvimento, assim como admitir os candidatos à eleição e aos sacramentos. É de desejar que, na medida do possível, presidindo a liturgia quaresmal, celebre o rito da eleição e dos sacramentos da iniciação na Vigília Pascal. (RICA, n. 44)

<sup>40</sup> CERIMONIAL DOS BISPOS. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa João Paulo II. São Paulo: Paulinas, 1988, n. 404 – p. 129.

<sup>41</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 60-66.

<sup>42</sup> ALMEIDA, 2015, p. 56.

<sup>43</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 228.

Cabe aos bispos, portanto, acompanhar a vida pastoral, animar, abrir espaços, valorizar as iniciativas, incentivar os carismas e, no tocante ao nosso tema, estimular a iniciação à vida cristã nas paróquias e comunidades, “apoiando os cristãos e cristãs que já se despertaram para ela e incentivando os que ainda não descobriram sua necessidade e valor”<sup>44</sup>. Renato Quezini reforça que “é fundamental que o bispo não apenas aprove essa modalidade do processo catecumenal, mas efetivamente a assuma com zelo, reconhecendo que ela é uma dimensão essencial da Igreja principalmente nos dias atuais”<sup>45</sup>.

O Documento de Aparecida, ao falar da missão dos bispos, salienta o que dizemos: “como animadores da comunhão, temos a missão de acolher, discernir e animar carismas, ministérios e serviços na Igreja. Como pais e centro de unidade, nos esforçamos para apresentar ao mundo o rosto de uma Igreja onde todos se sintam acolhidos” (DAp n. 188).

Diante do exposto, fica o questionamento aos bispos se os verbos acima: animar, acompanhar, discernir, acolher e apoiar são encontrados no governo pastoral de suas dioceses e se reconhecem a urgência dos nossos tempos para investir forças para a aplicabilidade de um plano de ação evangelizadora que contemple a pedagogia da iniciação à vida cristã. Eles próprios, enquanto responsáveis pelo desenvolvimento e acompanhamento do percurso iniciático, aproveitem para juntamente com os catecúmenos e catequizandos refazerem sua experiência de reavivamento do sentido do servir. Como dizia Santo Agostinho:

Se por um lado me atemoriza o que sou para vós, por outro lado consola-me o que sou convosco. Sou bispo para vós, sou cristão convosco. Aquele nome significa um encargo recebido, este exprime o dom da graça; aquele é ocasião de perigo, este é caminho de salvação... Ajudai-me com a vossa oração e com a vossa obediência, de modo que encontre maior alegria em ser vosso servo do que ser vosso chefe.<sup>46</sup>

### **3.5 Ministério dos presbíteros e diáconos**

Os presbíteros, pelo sacramento da ordem, são os cooperadores diretos do bispo (PO n. 12), eles concretizam nas comunidades aquilo que se deseja de um bispo na sua

---

<sup>44</sup>ALMEIDA, 2015, p. 56.

<sup>45</sup>QUEZINI, Renato. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 82.

<sup>46</sup>AGOSTINHO DE HIPONA, *Sermão 340. 1*. In: CORDEIRO, José de Leão (org). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003 p. 1120.

diocese. “É dever dos presbíteros, além de seu ministério habitual em qualquer celebração do batismo, da confirmação e da eucaristia, prestar assistência pastoral e pessoal aos catecúmenos, interessando-se sobretudo pelos que se mostram mais hesitantes e inquietos” (RICA n. 45).

Assim como os bispos, os presbíteros precisam passar pela experiência do processo iniciático, pois tal experiência os convencerá que hoje em dia a IVC não é uma ação optativa, facultativa, mas “absolutamente necessária para termos cristãos e cristãs sólidos na fé e coerentes na vida cristã e eclesial, de modo que a Igreja possa efetivamente cumprir sua missão”<sup>47</sup>.

De acordo com o Documento de Aparecida, o povo de Deus sente a necessidade de presbíteros “que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra, da Eucaristia e da Oração” (DAp n. 199). Em vista deste propósito, diz o Documento 107:

Os seminaristas precisam ter a oportunidade de conhecer e experimentar o processo de Iniciação à Vida Cristã. Com isso, podem realizar um verdadeiro encontro pessoal com Jesus na oração com a Palavra, para que estabeleçam com Ele relações de amizade e amor, assegurando um autêntico processo de iniciação espiritual<sup>48</sup>.

Promover a iniciação cristã é ganhar em crescimento pessoal e criação de laços com a comunidade. “Especificamente aos párocos, compete cuidar para que os processos formativos de suas comunidades passem do estilo da instrução para o da iniciação que leva ao encontro pessoal com Jesus Cristo”<sup>49</sup>.

É tarefa dos presbíteros acompanhar, ao longo do percurso iniciático, os introdutores, catequistas e demais agentes pastorais envolvidos, dando-lhes uma atenção especial e espiritual, para que juntos, diante dos conflitos que possam surgir ao longo do caminho, possam se ajudar mutuamente e trabalhar em harmonia. Confirma a nossa ideia o Documento 107 quando diz que: “Cabe, particularmente aos presbíteros, exercer o necessário discernimento diante de situações atípicas e atuar com bom-senso, discernimento e misericórdia”<sup>50</sup>.

A renovação da paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes que estão a serviço dela. A primeira exigência é que o pároco seja um autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote

---

<sup>47</sup> ALMEIDA, 2015, p. 56.

<sup>48</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 232.

<sup>49</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 230.

<sup>50</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 229.

apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia. Mas, ao mesmo tempo, deve ser ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração. Mas, sem dúvida, não basta a entrega generosa do sacerdote e das comunidades religiosas. Requer-se que todos os leigos se sintam corresponsáveis na formação dos discípulos e na missão. (Dap n. 201-202)

Constatamos várias vertentes, tendências, modelos e perfis de padres que tem enfatizado mais a dimensão cultural e *ad intra* da Igreja. Nosso intuito, a partir da teologia do “ministério ordenado” proposta pelo Vaticano II e condensada no Decreto *Presbyterorum Ordinis* e na Constituição *Lumen Gentium*, é apresentá-lo como servidor e líder de uma comunidade.

O presbítero será o grande beneficiado com o processo iniciático, podendo contar com homens e mulheres bem formados a partir da experiência catecumenal para colocar seus dons e talentos a serviço da comunidade, ajudando na iniciação de outras pessoas. Oxalá que os presbíteros entendam “o ministério ordenado como ‘ministério da síntese’, ele não deve se tornar a síntese dos ministérios (concepção clericalizante), mas serviço de discernimento e coordenação dos carismas e ministérios, com vista à comunhão e ao crescimento”<sup>51</sup>.

Segundo um adágio popular, “só amamos o que conhecemos”, por isso, diante do exposto acima, fica clara a necessidade de os presbíteros se abrirem ao conhecimento e ao estudo da pedagogia da iniciação cristã. Porque somente com conhecimento de causa, com propriedade, é que poderão ajudar, motivar e, principalmente com a inteireza do ser, presidir bem as celebrações de todo o percurso iniciático. Que eles, juntamente com os catecúmenos e catequizandos, aproveitem de cada tempo e etapa celebrativa para reavivar o dom da graça de Deus (2Tm 1,6).

Com relação ao diaconato permanente, inicialmente, cabe fazer uma rápida reflexão sobre as suas origens, a saber: “surgiu nos primeiros séculos da vida da Igreja, se consolida, chega ao seu apogeu e, a partir do século V, inicia um processo de decadência até chegar ao desaparecimento da vida da Igreja”<sup>52</sup>. O Vaticano II determinou a sua restauração em vista de ressaltar a expressão da diversidade de vocações e ministérios na Igreja, da diversidade de dons do Espírito na vida do Povo de Deus, a serem acolhidos e promovidos. Trata-se do terceiro grau do sacramento da Ordem, vivido de

---

<sup>51</sup> REINERT, 2015, p. 224.

<sup>52</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A restauração do diaconato permanente. *Revista de Estudos de Religião*, v. 6, n. 2, 2015, p. 195-196.



forma estável e não transitória a serviço do Povo de Deus, mediante a diaconia da liturgia, da palavra e da caridade, em comunhão com o bispo e seu presbitério (LG n. 29).

“Havendo diáconos, estes devem exercer sua função [...] a fim de que as etapas, tempos e exercícios do catecumenato possam realizar-se em todos os lugares onde o exigir a pastoral” (RICA n. 47). Ainda segundo o RICA, eles podem celebrar os escrutínios (RICA n. 158), bem como as celebrações da Palavra que perpassam o percurso catecumenal.

Por mais que o ritual reduza sua missão ao serviço da ação litúrgica, seria de grande valia, como parte do serviço da caridade, que eles pudessem auxiliar os catecúmenos e catequizandos ao longo do processo a compreenderem a grandiosidade da missão *ad extra*. “A iniciação à vida Cristã precisa incluir a caridade, não apenas como conteúdo, mas como práxis. O amor de Deus e ao próximo supõe trabalhar pelo bem comum, privilegiadamente em função dos mais necessitados”<sup>53</sup>.

Ou seja, os diáconos permanentes, assim como o bispo e os presbíteros são chamados como ministros ordenados a entrar na dinâmica catecumenal e participar efetivamente do processo de iniciação à vida cristã contribuindo para a formação de “cristãos comprometidos com um humanismo integral e solidário”<sup>54</sup>.

### 3.6 Ministério dos catequistas

Ao longo desse escrito, temos reforçado a ideia de que o processo da iniciação à vida cristã possui toda uma eclesiologia ministerial, por isso, não nos cabe reduzi-la como sinônimo de catequese, a prova disso é que o RICA (n. 41-48), ao tratar dos ministérios e funções, apresenta os responsáveis na seguinte ordem: comunidade, introdutores, padrinhos e madrinhas, bispo, presbíteros e diáconos e, por último, os catequistas, cujo tema agora trabalharemos.

O ministério do catequista é antiquíssimo na Igreja. Testemunha disso é o título que o papa Francisco deu à Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio, Antiquum Ministerium* (2021). Nessa carta, há toda uma valorização do trabalho do movimento catequético e, em especial após o Vaticano II, de todos os passos que foram dados buscando uma transformação de “uma catequese vista apenas como transmissora de

<sup>53</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 188.

<sup>54</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 188.

conteúdos da fé para uma catequese querigmática, mistagógica e bíblica e, assim, com uma intrínseca ligação com a liturgia”<sup>55</sup>.

Na perspectiva da renovação conciliar, na busca por valorizar a vida e a missão dos catequistas, surgiram vários documentos. Destacamos alguns: Diretório Geral de Catequese em três versões (1971, 1997, 2020); Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* de Joao Paulo II (1979). Especificamente fruto da nossa caminhada de Igreja no Brasil, de grande relevância temos: Catequese Renovada (1983); Diretório Nacional de Catequese (2006); Documento de Estudo 95 sobre o ministério de catequistas (2007); *Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários* (2017).

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada em 2007 no Brasil, no Santuário Nacional de Aparecida, cujo tema era “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que n’Ele nossos povos tenham vida”, dentro dessa temática iniciática, ressaltou:

Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa ação evangelizadora... A paróquia precisa ser o lugar onde se assegure a iniciação cristã... Assumir essa tarefa exige não só uma renovação de modalidade catequética da paróquia. Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido por todo o continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã. (DAp n. 287, 293, 294).

Quase como um denominador comum, os documentos acima citados nos convidavam a rever a nossa ação catequética, alegando que, mais do que transmissão de conteúdos, a nossa prática pastoral catequética deve levar as pessoas ao encontro “íntimo, profundo, pessoal”, pois como bem salientou a Conferência de Aparecida, “ou educamos na fé colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora”<sup>56</sup>.

Para cumprir esse objetivo, faz-se necessário a compreensão do que é “catequese mistagógica a partir da explicação dos ritos e símbolos de iniciação. Não se trata de impor ‘irracionalmente’ alguns ritos, mas sim de assimilar o seu significado e expressar através deles a vida, a fé, o sentido e o Mistério”<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Crítérios e itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista*. Documentos da CNBB 112. Brasília: Edições CNBB, 2022, n. 1.

<sup>56</sup> MACHADO, Marcelo Luiz. Uma Catequese sólida em tempos líquidos. *Revista de Catequese*, São Paulo, Ano 38, n. 145, Jan/Jun 2015, p. 18.

<sup>57</sup> BOROBIÓ, 2009, p. 548.

Em virtude dos desafios lançados pela problemática do momento histórico em que vivemos, é preciso retomar a dimensão querigmática da catequese, num processo de iniciação que, por etapas, introduza o catequizando na fé e na vida cristã. “Com isso, o catequista assume a função de mistagogo – condutor e introdutor no Mistério de Cristo – que, durante os primeiros séculos da Igreja, teve grande sucesso e caracterizou o catecumenato no tempo da primeira Patrística”<sup>58</sup>.

Por se tratar de um ministério antigo, encontramos a função dos catequistas expressa já na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, em que fica clara a diversidade ministerial presente na Igreja nascente ao longo do processo catecumenal.

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé... deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra de Deus.<sup>59</sup>

Ou seja, os que dão o testemunho do candidato conduzido são os introdutores, aqueles que os acompanharam nesse início de caminho e que agora os apresentam aos catequistas para que deem continuidade na formação. Quanto a isso, afirma o RICA:

Os catequistas, cuja função é importante para o progresso dos catecúmenos e desenvolvimento da comunidade, terão, sempre que possível, parte ativa nos ritos. Cuidem de que a catequese seja penetrada do espírito evangélico, em harmonia com os ritos e o calendário litúrgicos, adaptada aos catecúmenos e, na medida do possível, enriquecida pelas tradições locais. (RICA n. 48)

Padre Domingos Ormonde<sup>60</sup> nos ajuda a refletir os pormenores desse número do RICA, afirmando que, neste sentido, poder-se-á promover um desenvolvimento da comunidade, já que o ministério dos catequistas é valioso para a comunidade cristã, pois os leigos têm uma sensibilidade especial para encarnar o Evangelho na vida concreta e de fazer chegar a mensagem ao coração dos fiéis. Nesse sentido, reforçamos que “a pessoa do catequista é o elo fundamental que une os catecúmenos à comunidade e une a comunidade aos catecúmenos. O catequista é decisivo para que a comunidade entre no espírito da iniciação à vida cristã”<sup>61</sup>:

---

<sup>58</sup> FRISULLO, Vicente. *Espiritualidade e missão do catequista* – A partir do documento da CNBB n. 107. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 52.

<sup>59</sup> TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA, 2004, p. 60-66.

<sup>60</sup> ORMONDE, 2001c, p. 9.

<sup>61</sup> REINERT, 2023, p. 29-30.

O momento histórico em que vivemos, com seus valores e contravalores, desafios e mudanças, exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização. Nesse contexto, a formação catequética de homens e mulheres é prioridade absoluta. Qualquer atividade pastoral que não conte, para sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas coloca em risco a sua qualidade.<sup>62</sup>

Para a formação dos catequistas, é preciso sabermos que não basta boa vontade. O papa Francisco, agora ao instituir o “Ministério laical de catequistas”, dá grande ênfase na formação dos agentes, orientando que: “recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores das verdades da fé” (AM n. 8). Eles devem ser pessoas bem preparadas e bem formadas para que estejam aptas para dar respostas às perguntas trazidas tanto pelos adultos, como pelas crianças, adolescentes e jovens sedentos de aprofundar a fé. A grande missão dos catequistas é proporcionar o crescimento na fé. “Deles depende o bom êxito do catecumenato, pois serão os responsáveis pela condução do grupo dos catecúmenos e catequizandos desde a celebração de entrada no catecumenato até a recepção dos sacramentos e o acompanhamento no tempo da mistagogia”<sup>63</sup>.

O catequista deve mostrar que valeu a pena ter encontrado Jesus, pois nele descobriu outras motivações e razões para viver. Sem a presença de Jesus narrada em sua vida, sua catequese será inócua e o anúncio não provocará atração no catequizando. Quando o catequista acolhe em sua vida o amor de Deus manifestado em Jesus, dificilmente pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros. E o catequizando, que, sem dúvida, vai perceber isso, não poderá ficar indiferente e se deixará contagiar por esse testemunho<sup>64</sup>.

Ser catequista é ser testemunha de amor a Deus e a Igreja, sendo coerente com aquilo que prega, fazendo a ligação da fé com a vida. Discernimento, sensibilidade e um olhar misericordioso são requisitos essenciais ao catequista, que procura manifestar o desejo de Deus de adentrar no íntimo do coração dos catecúmenos. E, nesse sentido, dizia o papa Francisco: “A Igreja cresce não por proselitismo, cresce por atração do testemunho alegre do anúncio de Cristo ressuscitado”<sup>65</sup>.

Como já mencionado acima, todos os ministérios devem se envolver no processo catecumenal, mas serão os catequistas que no dia a dia estarão se encontrando com os

---

<sup>62</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. Documentos da CNBB 84. São Paulo: Paulinas, 2006, n. 252.

<sup>63</sup> NENTWIG, 2015, p. 108-109.

<sup>64</sup> FRISULLO, 2017, p. 29.

<sup>65</sup> FRANCISCO. *Homilia na missa de canonização de São José de Anchieta*. Roma, 25 de abril 2014.

catequizandos. Por isso nos diz Frei Reinert: “enquanto o catequista auxilia o candidato a discernir e a crescer na sua adesão inicial a Cristo e à Igreja, ele mesmo não pode perder essa rica oportunidade para crescer no discernimento e clarear sempre mais suas reais motivações pela causa da iniciação à vida cristã”<sup>66</sup>. É de suma importância destacar que não se trata de “dar catequese, transmitir conteúdo”, mas, em primeiro lugar, o catequista se colocar nessa experiência<sup>67</sup> com os catecúmenos e inclusive com eles vivenciar cada tempo, cada celebração, renovando o seu primeiro amor e o constante sentido do seu servir.

### 3.7 O protagonismo da família

O Concílio Vaticano II chamou a família de “*Igreja doméstica*” (LG n. 11). Há que se constatar que durante um longo período da história estabeleceu-se o chamado “catecumenato social”, em que a família era a primeira e principal “responsável da educação e formação dos filhos, apresentando as primeiras noções e orações da fé cristã e dos valores. A sociedade cristã e as grandes celebrações da Igreja ajudavam a manter um clima de tradição cristã”<sup>68</sup>.

Entretanto, de longa data, constata-se que a instituição familiar passa por momentos de crise, como resultado de diversos fatores que influenciam a família, tais como: excesso de atividades profissionais, que acabam provocando o distanciamento dos membros; ausência dos pais que gera a desorientação dos filhos; os meios de comunicação que substituem o diálogo. O papa Francisco elenca esses e outros desafios tanto na Constituição Pastoral *Evangelii Gaudium* (2013) como na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (2016).

Como Igreja doméstica, “a família novamente é chamada a ser lugar de iniciação, onde se aprende a rezar e a viver os valores da fé”<sup>69</sup>. Para se alcançar esse objetivo em meio a tantos desafios, cabe “à pastoral familiar oferecer espaços de formação, materiais catequéticos, momentos celebrativos, que permitam as famílias cumprir sua missão

---

<sup>66</sup> REINERT, 2023, p. 14-15.

<sup>67</sup> Recomendamos a leitura desta obra: REINERT, João Fernandes. *A identidade do catequista a partir das celebrações do RICA*. São Paulo: Paulus, 2023. Especificamente dirigindo-se aos catequistas, Frei João Fernandes Reinert vai conduzindo a reflexão para que os catequistas se coloquem em cena em cada um dos momentos do processo catecumenal (desde o querigma até a mistagogia) para que juntamente com os catecúmenos e catequizandos, mergulhem no Mistério, se interroguem e pensam sobre o seu serviço e renovem a cada momento o seu ministério, sua pertença à Igreja e sua adesão ao Reino.

<sup>68</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 71.

<sup>69</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 199.

educativa” (DAp n. 302). A família tem tamanha importância que deve ser considerada “um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora” (DAp n. 435).

Os bispos do Brasil, por meio do documento *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos*, quando se refere à família como sujeito da iniciação, tomaram como referencial as palavras do papa Francisco na *Amoris Laetitia* e apontaram algumas propostas pedagógicas pastorais para que as famílias se envolvam no processo catecumenal e fazendo a experiência de Deus a comuniquem aos demais.

O primeiro ponto destacado é a “formação dos noivos”<sup>70</sup>, ou seja, os casais que se preparam para abraçar o sacramento do matrimônio precisam de um itinerário<sup>71</sup> que lhes forneça os “elementos necessários para poder celebrar o matrimônio com as melhores disposições e iniciar com certa solidez a vida sacramental” (AL n. 207)<sup>72</sup>. Da parte dos agentes pastorais, é indispensável o conhecimento da dinâmica catecumenal para que, com discernimento, conduzam esses encontros levando em consideração a realidade de cada casal de noivos.

Propor um itinerário de iniciação adaptado a casais não é tarefa fácil, porque estamos condicionados a pensar na catequese como ação destinada a crianças ou como preparação para os sacramentos. Contudo, a iniciação tem como objetivo romper esse esquema escolástico e propor vivência, comunhão de pessoas, compreensão da fé na escuta atenta da Palavra de Deus. Portanto, é uma tarefa possível de ser desenvolvida para o resgate do sacramento do matrimônio<sup>73</sup>.

Na celebração do matrimônio cristão, uma das perguntas feitas ao casal é: “Estais dispostos a receber com amor os filhos que Deus vos confiar, educando-os na lei de Cristo e da Igreja?” (RM n. 60). Essa questão nos direciona para o segundo aspecto, em que não podemos perder a oportunidade de semear a cultura catecumenal e proporcionar um

<sup>70</sup> ROCCHETTA, 1984, p. 109.

<sup>71</sup> A partir desse desejo do papa Francisco de um acompanhamento mais eficaz da Igreja para com os casais de noivos que se preparam para o sacramento do matrimônio, em 2022 o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, lançou um Documento intitulado “Itinerários Catecumenais para a Vida Matrimonial – Orientações pastorais para as Igrejas particulares”. Nele são aprofundados o assunto da pertinência de um maior acompanhamento aos noivos, seguindo as pistas do catecumenato batismal com suas fases: Fase pré-catecumenal: preparação remota; Fase intermediária: acolhimento dos candidatos; Fase catecumenal (DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. *Itinerários Catecumenais para a Vida Matrimonial – Orientações pastorais para as Igrejas particulares*. Brasília: Edições CNBB, 2022). A comissão nacional da Pastoral Familiar juntamente com o Padre Crispim Guimarães dos Santos elaboraram um subsídio – Itinerário vivencial de acompanhamento personalizado para o Sacramento do Matrimônio com 8 encontros personalizados na linha da IVC (SANTOS, Crispim Guimarães dos. *Itinerário vivencial de acompanhamento personalizado para o Sacramento do Matrimônio*. Construindo a casa sobre a rocha. 2.ed. Brasília: CNPF, 2021).

<sup>72</sup> E também: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 203.

<sup>73</sup> MENDONÇA FILHO, João da Silva. Propor a fé aos casais, um caminho de iniciação cristã. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 40, n. 149, jan/jun 2017, p. 41.

caminho<sup>74</sup> de encontros com os pais e padrinhos em vista do batizado do filho ou afilhado. Neste sentido, nos diz o Documento 107: “O batismo das crianças é uma excelente oportunidade para uma experiência catecumenal. Mais do que um ‘curso para pais e padrinhos’, de efeitos muito limitados, é ocasião para um acompanhamento personalizado da família”<sup>75</sup>.

A partir da clareza ou confusão do núcleo central da fé cristã, se encontram os enfoques ou métodos pastorais que desejamos aplicar nas nossas comunidades paroquiais. “Se, no centro da fé cristã, está o doutrinal, então prevalece a pastoral com estilo palestra, ensino, instrução. Porém, se no centro está a pessoa de Jesus Cristo, então sobressai o estilo pastoral mistagógico, relacional, testemunhal”<sup>76</sup>.

Nesse sentido, acreditamos na busca da centralidade do Mistério Pascal de Cristo na vida do fiel. Estamos propondo encontros de partilha, reflexão, oração para serem desenvolvidos de forma personalizada como os casais de pais e padrinhos, ou em pequenos grupos que favoreçam a inter-relação, integração, acolhida e senso de pertença a Igreja. No entanto, sabendo das diversas realidades nas nossas comunidades pastorais, cada qual tem a liberdade de desfrutar desse material da melhor forma.<sup>77</sup>

Na celebração do batismo, sacramento da porta de entrada na Igreja, os pais são questionados: “Pelo batismo, estas crianças vão fazer parte da Igreja. Vocês querem ajudá-las a crescer na fé, observando os mandamentos e vivendo na comunidade dos seguidores de Jesus? E a resposta afirmativa é: Sim, queremos” (RBC n. 39).

Como consequência dessa afirmação, surge o compromisso com a educação da fé dos filhos. Assim, se abre, para nós, a discussão deste terceiro ponto. Quando as famílias buscam ajuda da Igreja para que os filhos recebam os sacramentos, a comunidade eclesial

---

<sup>74</sup> Na tentativa de pensar estratégias pastorais, as Edições CNBB, lançaram o livro: *Catequese Batismal - Itinerário de Inspiração Catecumenal para Preparação de Pais e Padrinhos para o Batismo de Crianças*. Na mesma linha de acompanhamento, elaborei um itinerário para a Arquidiocese de Maringá com encontros para pais e padrinhos dentro da dinâmica catecumenal – trata-se de 5 encontros personalizados. O 1º encontro pensando no tempo do pré-catecumenato se volta para um encontro querigmático, levando os casais a um experiência com o amor de Deus; aprofundando a fé como no catecumenato, proponho mais 2 encontros, um sobre o Creio e sobre os sacramentos; pensando no período da purificação, há um 4º encontro sobre a mistagogia da celebração do batismo, compreender bem para bem celebrar; o último encontro após o batismo seria a mistagogia na casa da família, com uma escuta do percurso realizado e convite para que o casal compreenda que o batismo foi somente a porta de entrada, e que agora eles são convidados a ativamente participar da comunidade.

<sup>75</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 200.

<sup>76</sup> REINERT, João Fernandes. *Inspiração Catecumenal e conversão pastoral*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 75.

<sup>77</sup> QUEZINI, Renato. Itinerário catecumenal com pais e padrinhos em vista do sacramento do batismo de crianças. *Annales II Congresso Internacional de Liturgia*, FAJE, 2023b.

deve se aproveitar da oportunidade para apresentar um caminho de formação integral de todos os membros do ambiente familiar, reforçando a fé e a pertença à comunidade. “De grande ajuda é a catequese familiar, enquanto método eficaz para formar os pais jovens e torná-los conscientes da sua missão como evangelizadores da sua própria família” (AL n. 287).

A prática pastoral demonstra que, em muitas dioceses, tem-se realizado vivências de encontros catequéticos com os pais dos catequizandos<sup>78</sup>. Os resultados obtidos e os testemunhos recebidos são os melhores, pois os próprios pais – que haviam recebido uma catequese estilo conteudista e escolar – agora podem fazer a sua experiência pessoal, apoiar e incentivar o caminho catequético. Como tudo aquilo que é novo gera estranheza, com essa proposta não é diferente, principalmente, por causa da agitação e correria que as famílias vivem.

É urgente sair do caminho nada pedagógico do curso, palestra e instrução que é um desserviço à evangelização por se tratar de um “faz de conta” e ingressar em um novo caminho proposto com noivos, pais e padrinhos e pais de catequizandos, visando ajudá-los a refazer a experiência com o amor de Deus, superando uma visão reducionista da iniciação à vida cristã como unicamente preparação aos sacramentos e, principalmente, contribuindo com o propósito do Vaticano II de as famílias serem, de fato, “Igrejas domésticas”.

É de suma importância que, nos processos catequéticos para as famílias, se destaque a “íntima interação entre espaço familiar, ambiente social e comunidade cristã, ajudando a resgatar seu papel de ser a primeira educadora da fé em consonância com a comunidade eclesial”<sup>79</sup>.

Diante do exposto nestes tópicos, em que trabalhamos a diversidade ministerial, confirma-se, portanto, que a iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal “é essa eclesiologia de comunhão que requer o comprometimento de todos; ou seja, do sujeito coletivo, que é a comunidade, formada por muitos rostos”<sup>80</sup>, em vista de formar o discípulo missionário de Cristo. Talvez por se tratar de uma sintonia de tantos elementos

---

<sup>78</sup> Na Arquidiocese de Maringá, temos realizado 6 encontros com as famílias das crianças que estão entrando no tempo do pré-catecumenato. Os testemunhos são muito positivos, e por se tratar do início do caminho catequético das crianças a participação dos pais nas celebrações e demais momentos da vida comunitária tem feito a diferença.

<sup>79</sup> LIMA, Luiz Alves de. Discípulos e Missionários de Jesus Cristo. Síntese dos temas da III Semana Latino-Americana de Catequese. *Revista de Catequese*, n. 114, abr/jun 2006, p. 48.

<sup>80</sup> REINERT, João Fernandes. *Paróquia casa da iniciação e comunidade de sujeitos eclesiais*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 129.



que precisam estar na mesma frequência, é que ainda hoje a iniciação à vida cristã encontra tantas resistências.

### 3.8 Obstáculos encontrados na prática pastoral

É preciso reconhecer que vivemos em uma sociedade fragmentada, a realidade atual é complexa, e isso tem influência direta no nosso agir pastoral – tais questões exigem da nossa parte, enquanto evangelizadores, busca por alternativas, esforço e dedicação. “Não vos conformeis com o mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus” (Rm 12,1-2). Vivemos as consequências diretas da “mudança de época<sup>81</sup>”, que nos traz essa nova compreensão do ser humano. Salientamos que “o mal-estar social e religioso é a evidência mais palpável de que a crise que a sociedade atravessa em todas as suas dimensões tem sua origem numa crise anterior, à qual podemos nomear crise antropológica”<sup>82</sup>.

Vivemos, segundo alguns autores em uma sociedade pós-cristã<sup>83</sup>, a religião não mais orienta as pessoas, elas agem por conta própria. Nesse sentido, devemos aplicar a dinâmica kenótica da encarnação, de um Deus que se abaixa, se faz próximo e caminha junto conosco; ou fazer como Jesus, que ao encontrar com discípulos de Emaús, os seguiu para caminhar junto, ouvir e no momento preciso os iluminou (Lc 24,13-35). Revelar a imagem de um Deus amigo das pessoas, essa é a verdadeira face que a Igreja em saída precisa mostrar à humanidade.

---

<sup>81</sup> O então padre Joel Portela Amado, hoje bispo de Petrópolis, quando se encontrou com os catequistas na III semana Brasileira de Catequese em 2009 já dizia: “O primeiro perigo é o não reconhecimento da mudança de época. É achar que este novo jeito de lidar com a vida é questão de mau comportamento ou ignorância religiosa. É dizer que as coisas sempre funcionaram do jeito que conhecemos e, portanto, o caminho, no caso, da evangelização consiste em continuar fazendo o que sempre foi feito. Este é o perigo de quem não consegue ou não quer enxergar a mudança. O segundo perigo consiste em mergulhar de tal modo na nova realidade que já não consiga fazer o discernimento entre o que é evangélico e o que não é. Este perigo consiste na total identificação com as expectativas da época que está surgindo, de modo que a ação evangelizadora acabe perdendo sua capacidade de interpelação, de questionamento, de profetismo e dimensão escatológica” (AMADO, Joel Portela. Catequese num mundo em transformação: desafios do contexto sociocultural, religioso e eclesial para a iniciação cristã. In: III SEMANA BRASILEIRA DE CATEQUESE, Itaiçi, 2009. Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética. Brasília: Edições CNBB, 2010, p. 50.

<sup>82</sup> REINERT, 2018, p. 29.

<sup>83</sup> Recomendamos a leitura do capítulo 3 da tese doutoral de Solange Maria do Carmo cujo tema é: Catequese num mundo pós-cristão – estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet. 2012. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/05/CATEQUESE-NUM-MUNDO-POS-CRISTAO-ESTUDO-DO-TERCEIRO-PARADIGMA-CATEQUETICO-FORMULADO-POR-DENIS-VILLEPELET.pdf> Acesso em: 25 nov 2023.

Segundo o papa Francisco, para que o anúncio do Evangelho aconteça, é necessário atentar-se aos desafios da realidade. Na *Evangelii Gaudium* ele elenca alguns: a economia da exclusão, a idolatria do dinheiro, a desigualdade social que gera violência, a cultura do provisório, a proliferação dos novos movimentos religiosos fundamentalistas, a promoção de uma espiritualidade sem Deus, o relativismo moral (EG n. 52-75). Em meio aos desafios apresentados, destacamos três que julgamos ter um impacto direto nos aspectos que envolvem a iniciação à vida cristã.

1) Entre os obstáculos encontrados na aplicabilidade do processo iniciático, está a relação dialética que deve acontecer especificamente entre presbítero, catequista e comunidade. Por melhor que seja a intenção do presbítero à frente de sua comunidade paroquial, se ele não contar com o apoio de catequistas bem formados e com o incentivo da comunidade o processo fica comprometido. Da mesma forma, por mais que tenhamos catequistas apaixonados pela pedagogia da iniciação à vida cristã, se eles não tiverem o apoio do pároco e da comunidade os seus esforços serão em vão. Ou ainda de nada adianta a comunidade aceitar esse novo paradigma de evangelização se, na prática, a mentalidade dos catequistas não for adequada e não contar com o incentivo dos presbíteros. Ou seja, a eficácia do processo depende completamente da plena harmonia, sintonia e relação dialética entre esses três ministérios diretamente implicados, sem contar com os outros envolvidos no processo: famílias, padrinhos e madrinhas, introdutores, incentivo do bispo.

2) Muitos dos desafios encontrados na aplicação da dinâmica catecumenal são, na verdade, uma resistência não à pedagogia da iniciação à vida cristã e, sim, ao Concílio Vaticano II. A Conferência de Aparecida e agora o papa Francisco têm nos instigado a dar passos concretos para uma segunda recepção do Vaticano II. Constatamos que a eclesiologia do Vaticano II é de uma minoria tímida – por exemplo das CEBs, que partem da opção preferencial pelos pobres. Nesse contexto de crise, devemos nos apoiar no itinerário catecumenal para a formação de novas mentalidades e na proposição da dimensão transformadora da fé. Uma Igreja que seja fermento de fraternidade universal, que rompa com a cultura da indiferença. Como resposta, é urgente entrar na dinâmica catecumenal e assumir um novo paradigma alicerçado agora na experiência íntima, profunda e pessoal por meio de uma mistagogia que nos leve a adentrar no mistério pascal de Cristo, ou seja, precisamos de uma nova identidade, não mais doutrinal, e sim experiencial. Acreditamos que “no momento, o paradigma pastoral que melhor concretiza

a pastoral em saída, capaz de apontar caminhos para a ‘nova etapa evangelizadora’, é, sem dúvida, a iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal”<sup>84</sup>.

3) Sabendo que o caminho à iniciação é trabalhoso, porque nos convida inclusive a educação para a interioridade, muitos fecham-se e preferem entrar pela via da devoção. “A carência de iniciação e de sólida formação cristã deixa espaço para muitas interpretações e deturpações a respeito de Jesus Cristo, do Espírito Santo, de Deus Pai, das Sagradas Escrituras, de Maria Santíssima”<sup>85</sup>. Esse caminho mais fácil da devoção não favorece uma espiritualidade encarnada, não gera discípulos missionários. Seria de grande valia se os meios de comunicação “ditos católicos”, ao invés de transmitirem tantos terços, novenas, campanhas de cura e libertação, pudessem oferecer um conteúdo que de fato ajudasse os fiéis a intensificarem sua experiência com Deus, transformando-a em serviço para a comunidade.

De acordo com Agenor Brighenti, pastoral dá o que pensar<sup>86</sup>. Pensar a pastoral dá trabalho. E é exatamente aqui que encontramos muitas fragilidades em nossos ambientes eclesiais, até há pessoas com boa vontade, mas que não se põem a fazer um exercício do pensar, refletir e planejar antes de executar qualquer ação – isso constitui um problema. Nesse sentido, deveríamos nos perguntar: por que o processo de iniciação à vida cristã tem ainda hoje tanta resistência? A resposta, ainda que simplória é: porque ele dá trabalho e nos obriga a modificar processos antigos, bem como a colocar em prática a conversão pastoral elencada no Documento de Aparecida e intensificada pelo Magistério do papa Francisco. Se pastoral dá o que pensar, iniciação à vida cristã como novo paradigma de evangelização também dá.

Conforme avançamos, percebemos que a iniciação à vida cristã dá o que refletir. Esse modelo catecumenal questiona o nosso ser Igreja, os nossos projetos pastorais que dão por pressuposto a fé, nos colocam em crise para pensar e agir. Valorizamos todos os passos da caminhada pastoral dados até aqui e, com esperança e motivação, olhamos para frente desejosos de ser uma Igreja em saída alicerçados numa iniciação que nos instigue e comprometa com a missão.

---

<sup>84</sup> REINERT, 2018, p. 45.

<sup>85</sup> IRMÃO NERY. *Catequese com adultos e catecumenato*. História e proposta. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2019, p. 313.

<sup>86</sup> Recomendamos a leitura do livro: BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006.

### 3.9 Urgência e significado da opção catecumenal hoje

Diante do caminho percorrido ao longo deste texto, e a partir das inegáveis fragilidades na transmissão da fé que presenciamos praticamente em toda a Igreja Católica, “defendemos que o resgate da iniciação é o caminho mais promissor para a superação não apenas deste desafio (da transmissão da fé), mas para a maior fecundidade de toda a ação pastoral da Igreja”<sup>87</sup>. É triste a constatação de que por séculos a Igreja, na ilusão de que toda a sociedade era cristã, se descuidou da iniciação.

A iniciação cristã, mais do que princípio pastoral ou estratégia de evangelização ou método de trabalho, é vida. É feita de consciência, de atitudes, de comportamentos, de engajamento existencial, de crescimento interior, de compromisso, de coerência entre o que se diz e que se faz, o que se vive na comunidade e fora da comunidade, entre fé e vida, entre os níveis pessoais, comunitários e sociais da fé e da existência cristã, na Igreja e no mundo.<sup>88</sup>

Pensando na dinâmica de “formar para o mundo”, o Luiz Carlos Susin, em um artigo na Revista Eclesiástica Brasileira – REB, diz que “o calcanhar de Aquiles” da iniciação cristã, está na dissonância entre fazer nascer cristãos e não cidadãos comprometidos. “Iniciar-se numa comunidade de forma deslocada da sociedade é expor-se a uma esquizofrenia insuportável [...] não é de estranhar que tenhamos tantos cristãos infantilizados, narcisistas e egocêntricos”<sup>89</sup>.

Susin ressalta que nossos subsídios formativos são bons, pois contemplam os elementos para o crescimento na fé, mas com uma visão *ad intra*. Por isso, como parte do processo iniciático, ele propõe que se insiram nos programas formativos momentos de “imersão nos porões da sociedade” – como, por exemplo, sentar na calçada com um morador de rua para conversar com ele; visitar um centro terapêutico de “desdrogatização”; ir com a pastoral da criança ao encontro das famílias; conhecer um orfanato; visitar um lar de idosos<sup>90</sup>. Esses momentos serão de colocar em prática as palavras de Jesus: “eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram” (Mt 25, 35-45). Estes

<sup>87</sup> MENDES, Sérgio Gonçalves. A crise da iniciação cristã: um obstáculo à renovação da pastoral. *Annales FAJE*, Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, v. 1, n. 1. 2021, p. 273.

<sup>88</sup> ALMEIDA, 2015, p. 33.

<sup>89</sup> SUSIN, Luiz Carlos. O “calcanhar de Aquiles” da Iniciação Cristã. *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB), v. 79, n. 312, jan-abr 2019, p. 50.

<sup>90</sup> SUSIN, 2019, p. 53-54.

acontecimentos darão à pessoa uma visão maior de mundo com as suas periferias existenciais, com suas dores e alegrias.

Esse é o ponto que ainda precisamos avançar para que, então, a Igreja dê “uma contribuição preciosa para a comunidade e para a sociedade, saber costurar ambas num mundo é sua vasta e vigorosa missão. Sem isso, a iniciação para a vida cristã é um buraco n’água”<sup>91</sup>. A vivência desse ponto dará relevância ao nosso verdadeiro sentido de sermos discípulos missionários de Jesus Cristo cooperando para que todos tenham vida e vida em abundância (Jo 10,10) pois assim como “Jesus vincula profundamente o seu compromisso de promoção da vida ao projeto de Deus”<sup>92</sup>, como seus seguidores somos chamados à mesma causa em prol desse projeto que é de Deus.

É isso que o catecumenato deveria ser hoje: um processo que compromete com a vida, que leva à revisão de atitudes e ações num esforço de transformação segundo o Evangelho e suas exigências corretamente interpretadas pela Igreja. Segundo Borobio: “Não é um apelativo para uma visão bastante rigorosa da Igreja e de uma visão negativa de ser cristão. É antes uma insistência no ideal evangélico, sem esquecer as suas exigências na vida pessoal, social, econômica e espiritual”<sup>93</sup>.

Importante salientar que iniciação à vida cristã não é modismo! A prova disso é que a dinâmica catecumenal já fora constatada como relevante e urgente pela Igreja do Brasil desde 2009 com a apresentação do Estudo 97 da CNBB – A Iniciação à Vida Cristã: um processo de Inspiração Catecumenal. Em seguida, em 2011, quando foi inserida entre as urgências da evangelização de nosso país. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora formam o documento mais importante da CNBB, pois apresentam a cada quadriênio as preocupações eclesiais. Nesse sentido, na edição de 2011-2014, foram apresentadas cinco ações prioritárias que toda Igreja do Brasil deveria atender: 1) Estado permanente de Missão; 2) Casa de Iniciação à Vida Cristã; 3) Lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; 4) Comunidade de comunidades; e 5) A serviço da vida plena para todos. Essas mesmas ações foram renovadas para o quadriênio 2015-2019.

No período de 2019-2023, muda-se a linguagem e aparece, no documento, a imagem da casa que é sustentada por quatro pilares essenciais: a) Palavra de Deus e a iniciação à vida cristã; O pilar do Pão, que é a casa sustentada pela liturgia e sobre a espiritualidade; o pilar da Caridade, que é a casa sustentada sobre o acolhimento fraterno

---

<sup>91</sup> SUSIN, 2019, p. 54.

<sup>92</sup> TONELLI, Riccardo. *L'avventura di diventare Cristiani adulti*. Torino: Elle di ci, 1994, p. 70.

<sup>93</sup> BOROPIO, 2009, p. 552.

e sobre o cuidado com as pessoas, especialmente os mais frágeis e excluídos e invisíveis; o pilar da Missão, que parte do pressuposto da impossibilidade de fazer uma experiência profunda com Deus na comunidade eclesial que não leve, inevitavelmente, à vida missionária.

Tudo isso para dizer que a iniciação à vida cristã está no centro das atenções da Igreja do Brasil. O ponto alto foi em 2017, quando a 55ª Assembleia Geral da CNBB, aprovou<sup>94</sup> o documento: *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Ressaltam os nossos pastores:

A Iniciação à Vida Cristã é uma urgência que precisa ser assumida com decisão, coragem e criatividade. Ela renova a vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes evangelizadoras e pastorais. Para a Igreja, impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade operativa de iniciação cristã que, além de marcar o “quê”, também dê elementos para o “quem”, o “como” e o “onde” se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados.<sup>95</sup>

Segundo Bourgeois: “O nosso tempo é paradoxalmente uma era iniciática, apesar das inúmeras declarações em contrário. Quero dizer que o momento histórico que atravessa o Ocidente oferece possibilidades muito surpreendentes no que diz respeito à iniciação em todos os campos”<sup>96</sup>. Por essa razão, como temos falado insistentemente ao longo do nosso trabalho, a iniciação à vida cristã quando compreendida como inspiração é uma oportunidade para toda a comunidade de ser reintroduzida nas fontes do mistério salvífico de Deus. De fato, “entende-se aqui que a Igreja além de *Ecclesia Mater* é também *Ecclesia semper initianda*. Ao iniciar um novo catecúmeno, a comunidade inteira rememora aquilo que ela é chamada a ser”<sup>97</sup>.

Catecúmenos somos todos os que caminham na fé tentando acertar o passo na estrada de Jesus. Somos todos discípulos missionários, alguns com mais idade, outros com menos, muitos jovens, adolescentes, tantas e tantas crianças. Há quem precise fortalecer a vivência, há quem esteja desanimado e precise reaquecer o coração e visitar a própria pia batismal para reaprender e, também, há tantos que ainda não conhecem a alegre notícia de Deus que é Jesus. Portanto, toda a vida da Igreja precisa ser mistagogia, precisa ter inspiração catecumenal. Precisamos

<sup>94</sup> No dia 3 de maio de 2017 houve a sessão final para aprovação do texto definitivo já em sua quarta versão. O resultado da votação foi o seguinte: 276 votos positivos, 5 abstenções e um negativo.

<sup>95</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 69.

<sup>96</sup> BOURGEOIS, 1993, p. 296.

<sup>97</sup> MENDES, 2021, p. 273.

encontrar caminhos adequados para garantir e consolidar o dinamismo dessa vivência.<sup>98</sup>

Compreendendo a necessidade de todos se envolverem nesse processo iniciático, os bispos do Brasil propõem para que cada diocese se mobilize na criação de um Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã<sup>99</sup>. “Para responder aos desafios da evangelização, principalmente na transmissão da fé cristã, é fundamental ter um projeto, através do qual seja possível promover a renovação das comunidades paroquiais”<sup>100</sup>. O que deve ser destacado nesses projetos é a mudança urgente de uma pastoral que atinja não mais as “massas”, e sim um modelo que valorize o “indivíduo” enquanto eu-social.

O projeto reunirá forças, aprofundará estudos e traçará linhas de ação para a diocese. Ele precisa ser proposto às comunidades, avaliado e aprovado com a participação dos catequistas, dos agentes de pastoral, dos líderes paroquiais, dos consagrados e dos ministros ordenados para poder ser assumido por todos.

O objetivo principal do projeto será desenvolver um processo que leve a uma maior conversão a Jesus Cristo, forme discípulos, renove a comunidade eclesial e suscite missionários que testemunhem sua fé na sociedade. O projeto contemplará a centralidade da Palavra de Deus e a inspiração catecumenal, em uma Igreja em saída.<sup>101</sup>

O projeto diocesano será para nós como um mapa ou GPS a nos indicar a direção do caminho que devemos seguir passo a passo, para gradativamente mudar as mentalidades em vista da formação do discípulo missionário. Mas não sejamos ingênuos achando que a catequese com estilo catecumenal poderá, num passe de mágica, solucionar todos os nossos problemas pastorais. “Quando tudo é catecumenato, nada se torna catecumenato”<sup>102</sup>!

Nos apoiamos em Mário de França Miranda, segundo o autor: “Transformar mentalidades, mudar hábitos adquiridos, tocar no imaginário de toda uma geração, nunca acontece com a rapidez que desejamos”<sup>103</sup>. Estamos dando passos de desencadear processos que estavam “engavetados”. Deus queira que, a médio e longo prazo, possamos colher os frutos do nosso trabalho e que superemos essa polaridade entre Igreja e

<sup>98</sup> LOPES, Antonio de Lisboa Lustosa. De novo a questão da iniciação cristã: breves considerações teológico-pastorais. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 41, n. 152, jul/dez 2018, p. 10-11.

<sup>99</sup> A título de partilha, como anexo do nosso trabalho, apresentamos o Projeto de Iniciação à Vida Cristã elaborado na Arquidiocese de Maringá, no Paraná.

<sup>100</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n. 138.

<sup>101</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2020, n.140-141.

<sup>102</sup> BOURGEOIS, 1993, p. 71-72.

<sup>103</sup> MIRANDA, 2022, p. 24-44.

sociedade, com bons cristãos e bons cidadãos que verdadeiramente saibam dar razões de sua fé e da sua esperança (1Pd 3,15), que deem testemunho do Reino nos diversos ambientes em que estão inseridos.

### **3.10 A modo de conclusão – capítulo 3**

Diante da grandeza que é o processo catecumenal como herança da Igreja resgatado pelo Vaticano II, o intuito do caminho percorrido nesse capítulo foi destacar a riqueza e diversidade ministerial contemplada no RICA acentuando a comunhão e a participação. No momento em que na Igreja se fala tanto do exercício da sinodalidade, vimos que um verdadeiro processo de iniciação à vida cristã é permeado de elementos sinodais.

Fizemos, a partir das orientações do RICA, um estudo pormenorizado de cada uma das funções e ministérios, dando sentido e fundamentação a eles. Destacamos o grande protagonismo da comunidade, primeira interessada e beneficiada com o nascimento de novos cristãos; falamos da relevância do ministério de introdutores ainda a ser descoberto e valorizado nas nossas comunidades; ressaltamos que a missão dos padrinhos e madrinhas, além de um ato social, é um compromisso missionário de levar os afilhados ao encontro com Deus; falamos da missão do bispo como primeiro catequista e dos seus colaboradores diretos, os presbíteros e diáconos; além do mais, acentuamos a grande importância dos catequistas nesse processo no qual são responsáveis pela ligação entre catecúmenos e catequizando com a comunidade e o protagonismo das famílias imprescindível para o bom êxito do processo.

Por fim, falamos que, como todo e qualquer projeto de evangelização, a iniciação à vida cristã enfrenta os desafios próprios da mudança de época em que vivemos e concluímos ressaltando que acreditamos na pedagogia da iniciação cristã como um caminho seguro de formação autêntica para o exercício do discipulado e da missão, por isso vale a pena todos os esforços para que o RICA como modelo inspire novos itinerários de crescimento na fé.



## CONCLUSÃO

Falar de itinerários, processos e percursos é esbarrar em muitas dificuldades e resistências, uma vez que estamos vivendo um período em que se preza muito mais pelo imediatismo e pela instantaneidade para obter qualquer coisa. Apesar desses entraves, percebe-se, como nunca, um esforço para que a transmissão da fé possua as características de um modelo catecumenal. Pode-se, então, dizer que apostamos na restauração do catecumenato, pois ele tem a sua fundamentação bíblica a partir do mandato de Jesus “Ide e fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28,19). Portanto, o catecumenato é a instituição mais original e adequada para a iniciação à vida cristã nos dias de hoje e deve ser visto como uma verdadeira bênção de Deus para a humanidade.

Em meio a tantas eclesiologias contrárias ao espírito do Concílio Ecumênico Vaticano II, somos convocados, como membros da Igreja de Cristo, a viver a dinâmica catecumenal na convicção de que temos a missão extraordinária de formar verdadeiros discípulos missionários, formadores de comunidades, homens e mulheres da Palavra de Deus e do testemunho de amor. Em decorrência disso, na atual conjuntura, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos deve ser abraçado como nosso dever de fidelidade ao Vaticano II, que clamou por sua restauração (SC n. 64).

Diante de alguns posicionamentos que revelam o clericalismo visando o poder, o status, o domínio e o controle, incentivar o processo de iniciação à vida cristã é estar em comunhão com o papa Francisco, almejando juntos uma Igreja Sinodal, onde todos são considerados protagonistas da evangelização. Cabe ao presbítero, como pastor e guia da comunidade paroquial, o papel de assumir responsabilmente o processo catecumenal presidindo-o. Contudo, ele é quem deve mostrar-se convicto, confiante e empolgado para que outros também o estejam e levem adiante esse projeto desafiador e, ao mesmo tempo, gratificante.

Em meio aos desafios de uma cultura da indiferença, do anonimato, do cada um por si, acolher e viver a pedagogia iniciática é questão de atenção aos sinais dos tempos e, como expresso na Conferência de Aparecida, de “renovação das estruturas” (DAp n. 173), em que é urgente reforçar os laços comunitários de pertença como membros ativos da Igreja. Dessa forma, somos convocados a dar um salto significativo na nossa missão evangelizadora, e a ultrapassar os limites de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária (EG n. 25). É chegada a hora de repropor itinerários

de amadurecimento da fé com metodologias capazes de suscitar discípulos e gerar a consciência da missão.

Mediante as estruturas institucionais que ainda guardam consigo um saudosismo da época da cristandade, faz-se urgente compreender as demandas do tempo presente, principalmente no tocante à renovação paroquial e abrir-se à pedagogia iniciática a partir do que propuseram nossos pastores no Documento 107 da CNBB - *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos*. O itinerário é um caminho seguro de formação para o nascimento de novos cristãos, mas também ocasião da Igreja se refazer e entender o princípio *Ecclesia semper initianda*.

Dessa forma, a presente pesquisa constatou que, apesar dos inúmeros desafios, a iniciação à vida cristã carrega, em seu bojo, grandes oportunidades para a Igreja se renovar. Contudo, por melhores que sejam a proposta iniciática e os planos pastorais que organizam e pensam como trabalhá-la, só teremos uma Igreja como casa da iniciação à vida cristã quando tivermos a plena comunicação relacional entre comunidades eclesiais e sujeitos protagonistas da evangelização, que ao seu modo contribuem para o nascimento de novos cristãos a partir do processo de iniciação.

Parafraseando Albert Einstein, podemos pensar que é insanidade do ser humano continuar fazendo sempre a mesma coisa e querer obter resultados diferentes. Que possamos aproveitar o momento presente, continuar interpretando os sinais dos tempos e embarcar com fé, esperança e muito amor nessa missão convictos da pertinência da expressão de Tertuliano, “não nascemos cristãos, tornamo-nos”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> TERTULIANO. O Testemunho da Alma. In: CORDEIRO, José de Leão (org). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 208.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO DE HIPONA. *A catequese a principiantes*. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
- AGOSTINHO DE HIPONA, Sermão 340. 1. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
- ALBERICH, Emilio. *Catecumenato e catechesi d'iniziazione*. In: DERROITTE, Henri. *Catechesi e iniziazine Cristiana*. Torino: Elle di ci, 2006.
- ALMEIDA, José Antonio de. *ABC da Iniciação Cristã*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção Jesus Mestre).
- AMADO, Joel Portela. *Catequese num mundo em transformação: desafios do contexto sociocultural, religioso e eclesial para a iniciação cristã*. In: III SEMANA BRASILEIRA DE CATEQUESE, Itaiçi, 2009. Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 1996.
- BECKHAUSER, Alberto. *Liturgia: iniciação à teologia*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção a Voz do Papa n. 190).
- BOROBIO, Dionísio. *A celebração na Igreja 2 – Sacramentos*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BOROBIO, Dionísio. *La Iniciación Cristiana*. 3.ed. Salamanca: Sígueme, 2009.
- BOURGEOIS, Henri. *Teologia Catecumenale*. A proposito dela “nuova” evangelizzazione. Brescia: Queriniana, 1993.
- BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BUGNINI, Annibale. *A reforma litúrgica (1948-1975)*. São Paulo: Paulinas / Paulus / Loyola, 2018.

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil. 1500. Só literatura. Disponível em: [https://www.soliteratura.com.br/biblioteca\\_virtual/biblioteca02f.php](https://www.soliteratura.com.br/biblioteca_virtual/biblioteca02f.php) Acesso em: 6 nov 2023.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas / Loyola / Ave-Maria, 2017.

CATECUMENATO. In: PEDROSA, Vicente Maria et al. *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CERIMONIAL DOS BISPOS. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa João Paulo II. São Paulo: Paulinas, 1988.

CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção Patrística 15).

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2022.

CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. *Sacramentos de Iniciación*. Agua y Espíritu de Libertad. Madrid: Paulinas, 1987. (Colección Cristianismo y Sociedad).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: PULGA, Ivani (dir.). *Vaticano II: Mensagens, Discursos e Documentos*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Christus Dominus sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1990.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Discurso do papa João XXIII *Gaudet Mater Ecclesia* na abertura solene do Concílio Vaticano II. In: PULGA, Ivani (dir.). *Vaticano II: Mensagens, Discursos e Documentos* São Paulo: Paulinas, 1998.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o Ministério e a Vida Sacerdotal*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Critérios e itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista*. Documentos da CNBB 112. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. Documentos da CNBB 84. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos*. Documentos da CNBB 107. 2.ed. Brasília: Edições CNBB, 2020. Coleção.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catequistas para a catequese com Adultos*. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção estudos da CNBB n. 84).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Paschalis Sollemnitatis sobre a preparação e celebração das festas pascais*. Petrópolis: Vozes, 1989. (Coleção Documentos Pontifícios n. 224).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A evangelização no presente e no futuro da América latina. Puebla: Conclusões*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A caminho de um novo paradigma para a catequese*. III Semana Latino-Americana de Catequese. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CORDEIRO, José de Leão (org). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.

COSTA, Valeriano Santos. *A Liturgia na iniciação cristã*. São Paulo: LTR, 2008.

DANIÉLOU, Jean. *Bíblia e Liturgia. A Teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção Fonte Viva).

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter (orgs.). *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. 3.ed. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2015.

DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. *Itinerários Catecumenais para a Vida Matrimonial – Orientações pastorais para as Igrejas particulares*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ELIADE, Mircea. *Iniciaciones Místicas*. Madrid: Taurus, 1975.

EXORCISMO. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio*. O dicionário da Língua Portuguesa século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FALSINI, Rinaldo. *Iniziazione ai sacramenti o sacramento dell'iniziazione?* *Rivista del Clero Italiano*, n.73, 1992.

FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium salutis*. Compêndio de dogmática histórico-salvífica. Petrópolis: Vozes, 1982.

FLORISTÁN, Casiano. *Il catecumenato*. Roma: Edizioni Borla, 1993.

FLORISTÁN, Casiano. *Para compreender o catecumenato*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1988.

FORTE, Bruno. *Introdução aos Sacramentos*. São Paulo: Paulus, 1996.

FRANCISCO. *Carta Apostólica em forma de Motu Próprio Antiquum Ministerium*. Brasília: Edições CNBB, 2021. (Coleção Documentos Pontifícios 48).

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A alegria do evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 2.ed. São Paulo: Loyola / Paulus, 2014. (Coleção documentos do magistério).

FRANCISCO. *Homilia na missa de canonização de São José de Anchieta*. Roma, 25 de abril 2014.

FRISULLO, Vicente. *Espiritualidade e missão do catequista – a partir do documento da CNBB n. 107*. São Paulo: Paulinas, 2017.

GIACCARIA, Bartolomeu. *Ensaio – pedagogia xavante, aprofundamento antropológico*. Campo Grande: Centro Gráfico Dom Bosco, 1990.

GIRARDI, Luigi. *Confessar a fé na vida: l'iniziazione Cristiana. Battesimo e confermazione*. In: GRILLO, A.; PERRONI, M.; TRAGAN, P.-R. (eds.). *Corso di teologia sacramentaria 2. I sacramenti della salvezza*. Brescia: Queriniana, 2000.

GRILLO, Andrea. *Ritos que educam. Os sete sacramentos*. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Coleção vida e litúrgica da Igreja 4).

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A restauração do diaconato permanente*. *Revista de Estudos de Religião*, v. 6, n. 2, p. 195-196, 2015.

AQUINO JUNIOR, Francisco. *Sinodalidade como “Dimensão Constitutiva da Igreja”*. Retomando e aprofundando a eclesiologia conciliar. *REB*, Petrópolis, v. 82, n. 321, p. 8-23, jan/abr 2022.

IRMÃO NERY. *Catequese com adultos e catecumenato*. História e proposta. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção catequese adulta).

KAVANAGH, Aidan. *Batismo – Rito da iniciação cristã, tradição, reformas, perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1987. (Coleção Libertação e teologia).

LELO, Antônio Francisco. *A iniciação cristã no Brasil*. *Revista de Catequese*, São Paulo, n. 107, jul-set, 2004.

LELO, Antônio Francisco. *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Água e espírito).

LELO, Antonio Francisco. O estilo catecumenal na catequese por etapas. *Revista de Catequese*, São Paulo, n.116, out/dez, 2006.

LIMA, Luiz Alves de. Discípulos e Missionários de Jesus Cristo. Síntese dos temas da III Semana Latino-Americana de Catequese. *Revista de Catequese*, n. 114, abr/jun 2006.

LIMA, Marilio Cesar de. *Breve História da Igreja no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2004.

LOPES, Antonio de Lisboa Lustosa. De novo a questão da iniciação cristã: breves considerações teológico-pastorais. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 41, n. 152, jul/dez 2018.

MACHADO, Marcelo Luiz. Uma Catequese sólida em tempos líquidos. *Revista de Catequese*, São Paulo, Ano 38, n. 145, jan/jun 2015.

MENDES, Sérgio Gonçalves. A crise da iniciação cristã: um obstáculo à renovação da pastoral. *Annales FAJE*, Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, v. 1, n. 1. 2021.

MENDONÇA FILHO, João da Silva. Propor a fé aos casais, um caminho de iniciação cristã. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 40, n. 149, p. 41, jan/jun 2017.

MICHELETTI, Guillermo Daniel. A figura do introdutor/acompanhante nos processos de iniciação à vida cristã. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 38, n. 145, jan/jun 2015.

MIRANDA, Mário de França. Espírito Santo e Sinodalidade. *REB*, Petrópolis, v. 82, n. 321, p. 24-44, jan/abr 2022.

MURONI, Pietro Angelo. *L'ordine dei sacramenti dell'iniziazione cristiana*. Rome: Edizioni liturgiche, 2007.

NENTWIG, Roberto. *Iniciação à Comunidade Cristã*. A relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção catequética).

NOCENT, Adrien. Iniciação cristã. In: SARTORE, D.; TRIACCA, Achile M. (orgs.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

NOCENT, Adrien et al. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989.

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. *Querigma – A partir do documento da CNBB n. 107*. São Paulo: Paulinas, 2018.

OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e confirmação: sacramentos de iniciação*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção Sacramentos e sacramentais).

ORMONDE, Domingos. A celebração de entrada no catecumenato. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 170, mar/abr 2002.

ORMONDE, Domingos. A iniciação e o rito do catecumenato em etapas. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 163, jan/fev 2001a.

ORMONDE, Domingos. Exorcismos, bênção e ritos de transição no catecumenato. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 177, mai/jun 2003.

ORMONDE, Domingos. O caminho do pré-catecumenato. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 167, set/out 2001b.

ORMONDE, Domingos. O tempo da Mistagogia. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 182, mar/abr 2004.

ORMONDE, Domingos. Outros pontos de partida. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 165, mai/jun 2001c.

ORMONDE, Domingos. Querigma com adultos e jovens. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 274, jul/ago 2019.

PAGOLA, José Antonio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2019.

PANAZZOLO, João. *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*. Elementos fundamentais. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Biblioteca do catequista).

PARANHOS, Washington. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. São Paulo: Paulus, 2022. (Coleção Academia litúrgica).

PARO, Thiago Faccini. *As celebrações do RICA*. Conhecer para bem celebrar. Petrópolis: Vozes, 2019a.

PARO, Thiago Faccini. *Catequese e liturgia na iniciação cristã*. O que é e como fazer. Petrópolis: Vozes, 2019b.

PAREDI, Angelo. *La liturgia di Sant'Ambrogio*. In: SANT'AMBROGIO nel XVI centenario della nascita. Milano: Vita e Pensiero, 1940.

PAULO III. *Bula Sublimis Deus*. Ano 1537. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/sublimis-deus-paulo-iii-02-06-1537/> Acesso em: 4 nov 2023.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi sobre a Evangelização no Mundo contemporâneo*. 18.ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.



PERON, Edmar. Mistagogia Eucarística: Teologia a Partir do Rito. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 205, jan/fev 2008.

QUEZINI, Renato. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013.

QUEZINI, Renato. Elementos de iniciação à vida cristã na carta aos Efésios e as implicações e pertinência do tema hoje. In: ROSSI, Luiz Alexandre Solano; MAURI, Érica Daiane (orgs). *Efésios: o nascimento de uma nova humanidade*. São Paulo: Recriar, 2023a.

QUEZINI, Renato. Itinerário catecumenal com pais e padrinhos em vista do sacramento do batismo de crianças. *Annales II Congresso Internacional de Liturgia*, FAJE, 2023b.

REINERT, João Fernandes. *A identidade do catequista a partir das celebrações do RICA*. São Paulo: Paulus, 2023. (Coleção Biblioteca do catequista).

REINERT, João Fernandes. *Inspiração Catecumenal e conversão pastoral*. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Biblioteca do catequista).

REINERT, João Fernandes. *Paróquia casa da iniciação e comunidade de sujeitos eclesiais*. Petrópolis: Vozes, 2020.

REINERT, João Fernandes. *Paróquia e Iniciação Cristã*. A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção catequese).

ROCCHETTA, Carlo. *Cristiani come catecumeni*. Rito dell'iniziazione Cristiana degli adulti. Roma Paoline, 1984.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Confirmação*. São Paulo: Paulus, 1998.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual do Batismo de Crianças*. São Paulo: Paulus, 1999.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual do Matrimônio*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2009.

SARANYANA, Josep-Ignasi. *Cem anos de Teologia na América Latina (1899-2001)*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2005. (Coleção Quinta Conferência).

SARTORE, Domenico. Catequese e Liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, Achile M. (orgs.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHNEIDER, Theodor (org.) *Manual de Dogmática*. v. II. Petrópolis: Vozes, 2002.

SESBOÛE, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro Milênio: convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

SILVA, Ariovaldo José; BUYST, Ione. *O mistério celebrado: memória e compromisso* I. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção livros básicos de teologia 9).

SILVA, Jerônimo Pereira. O RICA, um caminho de iniciação antes e depois do batismo. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 249, mai/jun 2015.

SOULETIE, Jean Louis. Les enjeux de la mise em ceuvre du “Rituel de L’initiation Chrétienne des adultes”. *La Maison-Dieu revue d’études liturgiques et sacramentelles*, Paris, n. 273, p.13-21, 2013.

SUSIN, Luiz Carlos. O “calcanhar de Aquiles” da Iniciação Cristã. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, v. 79, n. 312, jan-abr 2019.

TABORDA, Francisco. Confirmação, sacramento do Espírito Santo? Para uma identificação a partir de sua unidade com o batismo. *Perspectiva Teológica*, Ano XXX, n. 81, mai-ago 1998.

TABORDA, Francisco. Lex orandi - Lex credendi origem, sentido e implicações de um axioma teológico. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 35, 2003.

TABORDA, Francisco. *Nas Fontes da vida cristã*. Uma teologia do batismo-Confirmação. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012. (Coleção Theologica).

TENA, Pere; BOROBIO, Dionisio. Sacramento da iniciação cristã: batismo e confirmação. In: BOROBIO, Dionisio. (org). *A celebração na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1993.

TERTULIANO. O Testemunho da Alma. In: CORDEIRO, José de Leão (org). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio*. 2.ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003. p. 208.

TONELLI, Riccardo. *L’aveventura di diventare Cristiani adulti*. Torino: Elle di ci, 1994.

TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

TRENTI, Zelindo. *Educare ala fede*. Saggio di pedagogia religiosa. Torino: Elledici, 2000.

ZANATTA, Valentin. *Por uma Igreja encarnada na História*. Tese de doutorado. Pontificia Universitas Gregoriana Roma, 1989.

## ANEXO

**ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ  
IGREJA, CASA DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ**

**“JESUS APROXIMA-SE E CAMINHA COM ELES” (Lc 24,15).**

**PROJETO ARQUIDIOCESANO DE  
INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ**

**2021 - 2027**

**ORGANIZADORES****Cláudia Rossi Moralez Mazzo****Irmã Maria Sonia Viana****Pe. Genivaldo Ubinge****Pe. Renato Quezini**

**ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ  
IGREJA, CASA DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ**



**“JESUS APROXIMA-SE E CAMINHA COM ELES” (Lc 15).**

**PROJETO ARQUIDIOCESANO DE  
INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ**

**2021 - 2027**

## LOGO DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

A Cruz simboliza a centralidade do Mistério Pascal de Cristo e dela jorra a água, de peito aberto pela salvação da humanidade. A IVC é um mergulho nesse mistério, transformando-nos em novas criaturas.

É da Palavra orante de Deus que emanam o conhecimento e a configuração a Jesus Cristo, por meio do seguimento e da participação na comunidade eclesial – lugar e meta de todo processo iniciático.

A água, a pomba e o arco amarelo apontam para a unidade dos três sacramentos: Batismo, Crisma e Eucaristia. A Eucaristia é a plenitude e o ápice da vida cristã; é sinal de comunhão e salvação para toda a Igreja. Pelo sacramento do Batismo, o cristão é mergulhado no amor de Deus, confirmado pelo Dom do Espírito Santo e plenificado no banquete eucarístico.

Iniciação à Vida Cristã é um movimento do despertar ao amadurecer da Fé em Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Todo esse percurso, a pessoa faz de forma gradativa e processual na experiência comunitária.

## ÍNDICE

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2 . JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>07</b>
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>09</b>
<b>4. INICIAÇÃO A VIDA CRISTÃ.....</b>	<b>10</b>
<b>5. PLANO DE AÇÃO COM DEFINIÇÃO DO TEMPO PARA O PERCURSO.....</b>	<b>21</b>
<b>6. TEMPOS E ETAPAS DO ITINERÁRIO DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

“Jesus aproxima-se e caminha com eles” (Lc 24,15).

Jesus Cristo está no meio de nós! Queremos perceber sua presença amorosa em nosso meio e como os discípulos de Emaús, fazer o caminho com Ele. Aprender com Ele a ser comunidade de fé, de fraternidade, de irmãos e irmãs, encontrar Jesus na comunidade de fé e permanecer com Ele, abraçando o caminho de Inspiração Catecumenal.

O percurso assumido pela nossa Arquidiocese é o da Iniciação à Vida Cristã, em comunhão com a CNBB. Uma proposta pensada, rezada, refletida e elaborada com muito discernimento, à luz da Palavra de Deus, dos documentos da Igreja. O olhar, atento à realidade pastoral da Arquidiocese e seus desafios no tempo presente e vindouros.

Sentimos a necessidade de uma proposta que envolva toda a comunidade paroquial, a fim de renovar e revitalizar a fé dos sujeitos eclesiais. Neste sentido, é necessário construir um novo paradigma pastoral, conforme as exigências de nosso tempo, que buscam dar respostas aos anseios e esperanças das nossas comunidades, com ousadia e criatividade necessária para apresentar e anunciar Jesus de Nazaré.

A inspiração catecumenal despertou-nos a reflexão para retomarmos a ordem original dos Sacramentos de Iniciação Cristã: Batismo, Crisma e Eucaristia. O Batismo é o mergulho no mistério salvífico, regenerados, somos banhados no amor de Deus; a unção Crismal confere ao batizado o bom perfume



de Cristo; a Eucaristia é sentar-se à mesa do banquete com os irmãos, sinal pleno de comunhão com Cristo e com a comunidade.

Assim como os discípulos de Emaús, somos convidados a caminhar juntos, percorrer o caminho da Iniciação à Vida Cristã em comunidade e em comunhão com toda Igreja, a viver a “alegria do Evangelho” que decorre do encontro pessoal com Jesus Cristo, pois Ele é o “caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

A comunidade cristã é convidada a ser toda ela iniciática. É a Igreja que “acolhe, orienta e gera novos filhos e novas filhas e promove a fraternidade entre eles” (Doc.107). Assim, contamos com a participação de toda a comunidade viva e ministerial, com todos os serviços, organismos, pastorais: presbíteros, diáconos, leigos e leigas, catequistas, a vida consagrada, para juntos, darmos testemunho de uma Igreja toda missionária.

Vamos abraçar com amor, disposição, carinho o projeto de Iniciação à Vida Cristã de nossa Arquidiocese, encontrar meios para que todas as pessoas experienciem a beleza, a graça de serem discípulos missionários de Jesus Cristo. Que Nossa Senhora da Glória, nossa padroeira, ajude-nos a perseverar no caminho, e escutar o que o seu Filho tem a nos dizer.

Dom Frei Severino Clasen, OFM  
Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Maringá

## 2. JUSTIFICATIVA

A evangelização na sociedade contemporânea requer fidelidade ao anúncio de Jesus Cristo, anúncio que não pode ser pressuposto, mas explicitado continuamente. A Igreja, comunidade de fé, está inserida no mundo, sendo impactada pelas transformações socioculturais e religiosas, o que exige novos paradigmas para a transmissão da fé.

Neste sentido, os desafios dessa evangelização no mundo hodierno exigem que o anúncio de Jesus Cristo seja mais envolvente, a fim de que as famílias e a comunidade vivam em plena comunhão. Por isso, a proposta da CNBB é que a Igreja seja a “Casa da Iniciação à Vida Cristã”, espaço de acolhida permanente, em que as pessoas possam conhecer Jesus Cristo, encantar-se por Ele, e decidir segui-Lo (CNBB, 2015, n.42).

Considerando a exigência e desafios dos tempos atuais, urge pensar e construir um novo paradigma, com novas disposições pastorais e intensa convicção de fé, que oriente os processos de iniciação e reiniciação à vida cristã, sendo esse o caminho que a Arquidiocese de Maringá deseja consolidar em todas as paróquias, com o objetivo de renovar as comunidades por meio da conversão pastoral contínua, deixando de conduzir apenas para o sacramento e passando a investir em

comunidades anunciadoras do amor de Deus e celebrativas do mistério divino.

Nas comunidades prisioneiras, “a iniciação cristã cuidava de formar os catecúmenos tanto na adesão à pessoa de Jesus Cristo quanto na vida comunitária e no novo jeito de ser e agir na sociedade e na família” (CNBB, 2015, p. 89). Essa é a conversão almejada e, para alcançá-la, é preciso conferir novo sentido à catequese de cunho sacramentalista, para ancorar-se em uma formação integral e contínua da pessoa humana, tendo como modelo Jesus de Nazaré, em vista de um novo jeito de ser e agir, para que a vida pessoal, comunitária e social seja alimentada e orientada pela fé e pelos valores cristãos.

O Doc. 107 da CNBB destaca a necessidade de um projeto diocesano de Iniciação à Vida Cristã, no sentido de rever a ação pastoral: “para responder aos desafios da evangelização, principalmente na transmissão da fé, é fundamental ter um projeto diocesano de IVC, pelo qual seja possível promover a renovação das comunidades paroquiais. Não se trata de fazer apenas reformas na catequese, mas rever toda a ação pastoral, a partir da Iniciação à Vida Cristã” (CNBB, 2017, p. 65). Nesta perspectiva, o foco do presente projeto é a comunidade paroquial, ampliando a compreensão e a efetivação da IVC em toda a Arquidiocese, a fim de articular diferentes grupos, setores, movimentos e pastorais.

Para a arquidiocese, o projeto de IVC visa dar respostas significativas aos apelos do nosso tempo, na missão de transmitir a fé e formar comunidades discipulas missionárias. O processo será gradual, de reflexão, estudos e intenso diálogo, de modo a estruturar uma dinâmica sistemática e contínua de renovação pastoral, que possibilite às comunidades paroquiais reconfigurarem suas práticas formativas e celebrativas, em consonância ao itinerário catecumenal.

Reafirma-se, assim, a urgência e o anseio pela consolidação de uma prática catecumenal processual, que contemple o anúncio alegre de Jesus Cristo (Querigma), seja guiada pela Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, favoreça o encontro pessoal com Jesus Cristo e a maturação da fé.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Desenvolver o processo de evangelização de inspiração catecumenal, à luz da Palavra de Deus, a fim de suscitar o encontro pessoal com Jesus Cristo, a vivência comunitária da fé e a formação de discípulos missionários para a Igreja em saída.

### 3.2 Objetivos Específicos

1. Promover a cultura de inspiração catecumenal na Arquidiocese.
2. Priorizar a Iniciação à Vida Cristã nos processos de formação dos catequistas, membros das equipes de liturgia e lideranças pastorais.
3. Propor um itinerário catequético que contemple a unidade e integração dos sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia), à luz da inspiração catecumenal.
4. Contribuir com a conversão pastoral da comunidade paroquial, em consonância com a proposta da Iniciação à Vida Cristã.
5. Organizar as Comissões, Diocesana e Paroquiais, de Iniciação à Vida Cristã, a fim de integrar diferentes pastorais e movimentos na organização e implementação do projeto de IVC.

## 4. INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

### 4.1 O Desafio da Iniciação à Vida Cristã

O contexto atual nos traz presente o pensamento de Tertuliano, **“Cristão não nasce, se torna!”** (Apologética 18, 4 *apud* Reinert, 2015, p.16), impulsionando a reflexão sobre a

necessidade e a urgência de uma conversão pastoral, que contemple as transformações culturais no processo de evangelização. Nesta perspectiva, Escudero (2012) apresenta quatro aspectos a serem considerados na reflexão sobre os desafios de crer, ou seja, os desafios da fé, na atualidade: a diversidade de gerações; a cultura pós-moderna; a nova religiosidade e suas expressões; e uma pastoral que necessita reinventar-se a cada dia.

Tais desafios e conflitos evidenciam-se nas inconstâncias daqueles que são referências cristãs para crianças, adolescentes, jovens e adultos iniciados na fé, especialmente seus familiares e responsáveis, os quais buscam para eles os sacramentos da fé, mas não demonstram fé nos sacramentos, frequentam com eles a igreja, mas não os ensinam a Ser Igreja e a conviver na fé, insistem para que rezem as orações e leiam o Evangelho, mas nunca oram ou leem o Evangelho juntos. Raramente há um testemunho vivo do que significa "ser um adulto que crê"; possivelmente, esse fato tem influenciado decisivamente os jovens do nosso tempo, os quais estão aprendendo a viver sem Deus e sem a Igreja, pois não têm a efetiva experiência da fé em sua vida (MATTEO, 2017).

A crise religiosa que estamos vivendo é muito bem sintetizada pelo papa emérito Bento XVI, em sua carta

apostólica “*Porta Fidei*”, a porta da fé (BENTO XVI, 2011): muitas vezes o cristão tem mais preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé e como ela se constitui base e alimento de nossas ações em todos os âmbitos da vida.

Na sociedade contemporânea, em que imperam o consumismo e o individualismo, como afirma Fromm (1986), a nossa experiência social nos impele ao dilema vivenciado neste tempo de pandemia: devemos priorizar o social (vida) ou o econômico (riqueza)? Para Bauman (2000), as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis; defende-se que permaneçam líquidas, fluídas e sem “data de validade”, para que as possibilidades continuem infinitas e se assegure a liberdade individual. São valores, portanto, que contrastam com a institucionalidade da Igreja, enquanto detentora de valores e práticas atemporais.

A crise de fé não se restringe, portanto, ao fenômeno do ateísmo, à negação de Deus, mas se expressam em declarações como “Deus sim, mas Igreja não”, ou “religião sim, Deus não”, onde a fé é subjetiva, individualizada, desinstitucionalizada, destradicionalizada (REINERT, 2018).

Trata-se de uma crise antropológica, a qual envolve o consumismo exacerbado, o imediatismo, o individualismo e a ganância que culmina na valorização do “ter”, em detrimento do

“ser”, conforme a destaca a EG 56: “Enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz [...] A ambição do poder e do ter não conhece limites. [...] Não a um dinheiro que governa em vez de servir” (FRANCISCO, 2013, p. 47-48).

Diante de tudo isto, o modelo tradicional, escolástico e doutrinador de transmitir e iniciar na fé, como afirma o DAp, n. 287, é precário, ou seja, a iniciação cristã é pobre e fragmentada. Assim, esse conflito exige uma prática pastoral comprometida com a iniciação à vida cristã, numa perspectiva iniciática e de inspiração catecumenal (CELAM, 2008; REINERT, 2018).

Considerando tal realidade, como acentua o DAp, n. 188, é imprescindível fazer da Igreja a casa da iniciação à vida cristã e escola de comunhão; ajudar a acolher, discernir e animar carismas, ministérios e serviços na Igreja; a apresentar ao mundo o rosto de uma Igreja em que todos se sintam acolhidos como na própria casa. (CELAM, 2008, p. 94).

## **4.2 Paróquia e iniciação cristã catecumenal**

A transmissão da fé às novas e futuras gerações e as estruturas eclesiais arcaicas, nas quais esta fé é transmitida e



vivenciada, representam os maiores desafios pastorais da atualidade.

O esgotamento do modelo tradicional (tridentino) de paróquia coincide com o fim de um modelo de iniciação cristã doutrinal e conceitual, ainda que, em muitos ambientes, se insista em mantê-lo. (REINERT, 2018).

Diante disso, faz-se necessária uma renovação paroquial, resultante da consolidação da iniciação à vida cristã, firmada na dimensão orante e experiencial da fé e do mistério pascal, que caracterizam a mistagogia, a fim de ratificar o impulso missionário que anima e fortalece a comunidade.

Neste sentido, a catequese permanente, de inspiração catecumenal, constitui-se resposta e alternativa de renovação pastoral, na medida em que promove o encontro com Deus e com os irmãos, na fé e no amor.

De acordo com o Papa Francisco: “cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus” (FRANCISCO, 2013, p. 86). Para este encontro, é preciso superar a fragmentação e a sacramentalização da catequese, reatando a conexão entre liturgia e catequese. É preciso redescobrir a liturgia como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo e a catequese como caminho que conduz ao sacramento, sem, contudo, fazer dele o ponto de chegada e, sim, ponto de continuidade da caminhada cristã, na medida em que o sacramento realimenta continuamente a fé (CNBB, 2009).

Hoje, em meio a intensificação da crise na vida familiar, as paróquias carecem ser um espaço comunitário para se formar na fé e crescer comunitariamente, no amor, no respeito e no serviço aos irmãos. Devemos valorizar as pequenas comunidades e desenvolver a cultura da proximidade e do encontro (CNBB, 2014).

Neste prisma, é exigida a conversão pastoral, como acentua o Documento de Aparecida: “as paróquias são células vivas da Igreja e lugares privilegiados em que a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e de sua Igreja” (CELAM, 2008, p. 137). Há, portanto, a necessidade da conversão pessoal em que bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas assumam uma atitude de permanente reiniciação na fé, que consiste em escutar e discernir o que “o Espírito Santo diz às Igrejas” (CNBB, 2008, p. 1518). Isso envolve a reflexão sobre as estruturas eclesiais atuais e as mudanças necessárias para que os cristãos possam viver sua fé comunitariamente:

Temos consciência de que a transformação das estruturas é uma expressão externa da conversão interior. Sabemos que esta conversão começa por nós mesmos. Sem o testemunho de uma Igreja convertida, vãs seriam nossas palavras de pastores (CELAM, 1979, p. 290).

Sob este prisma, Reinert (2015) assevera a importância de que as estruturas paroquiais sejam reorganizadas, para que a inspiração catecumenal norteie todo o trabalho pastoral, ratificando o engajamento da comunidade no projeto de iniciação à fé cristã, voltado tanto aos irmãos não batizados, a fim de que experimentem e vivenciem a fé, quanto aos cristãos já batizados, para os quais a reiniciação visa “desenvolver os germes da fé já infundidos pelo sacramento do Batismo” (REINERT, 2015, p. 22).

Trata-se, portanto, de suscitar comunidades iniciáticas, nas quais todos assumam a missão evangelizadora e, assim, participem ativamente da iniciação à vida cristã, enquanto processo dinâmico, gradual e contínuo, de ingresso e reingresso na fé, de conversão e reconversão permanente. Para que isso se torne possível, é preciso que, na formação pastoral, os cursos se transformem em percursos, nos quais o anúncio e a experiência da fé prevaleçam, a fim de mudar de “uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”, como acentua o Papa Francisco (2013, p. 15).

Nisto consiste a prática mistagógica, enquanto mergulho no mistério de Cristo e caminho de inserção e permanência na vida da Igreja. A proposta de iniciação à vida cristã envolve, portanto, cada membro, esfera, instância paroquial e

arquidiocesana, uma vez que a fé só pode ser vivenciada em Igreja: “a comunidade de fé há de ser sempre a origem, o lugar e a meta da iniciação cristã” (REINERT, 2015, p.64).

### **4.3. Aspectos metodológicos da Iniciação Cristã.**

A metodologia de inspiração catecumenal tem como essência o mistério Pascal de Jesus Cristo, a ser vivenciado ao longo do ano litúrgico, respeitando as inquietações e devoções dos interlocutores na caminhada para o amadurecimento da fé e identificação com Cristo. A “educação na fé supõe respeito à cultura, às outras Igrejas e religiões, discernimento na busca de Deus, presente na religiosidade popular, e condução de todas as nossas devoções e práticas religiosas ao Mistério Pascal” (CNBB, 2017, p. 70).

O caminho catecumenal tem como foco a formação da personalidade da pessoa de fé, o discípulo missionário; e o próprio itinerário apresenta passos específicos, isto é, explicita o método, que se dá de forma processual e dinâmica pelos TEMPOS e ETAPAS, os quais englobam conhecimento, liturgia, experiência de fé pessoal e comunitária. Desta forma, “toda pedagogia catecumenal visa a aquisição da plena maturidade cristã, que não pode ser conquistada a não ser por

meio de um gradual itinerário formativo” (REINERT, 2015, p.62).

No entanto, a “Iniciação à Vida Cristã deve acolher e iluminar as questões existenciais da vida de cada pessoa” (CNBB, 2017, p.49). O que faz ressaltar que a natureza da catequese é fazer ressoar, de forma contínua, a Boa Nova do Evangelho na vida de cada pessoa humana, dando sentido ao Ser da pessoa, proporcionando meios para que o indivíduo faça seu processo iniciático.

Nesta perspectiva, alguns elementos ou características da metodologia catecumenal merecem destaque:

**A centralidade da Palavra de Deus:** propiciar um encontro orante, celebrativo, vivencial da Palavra de Deus. A leitura orante da Palavra de Deus é um método privilegiado para iniciar novos cristãos na vida eclesial. A inspiração catecumenal recupera, com toda a eficácia, a função pedagógica das Sagradas Escrituras como fonte da educação da fé. (CNBB, 2017, p.79)

**O Encontro com Jesus Cristo:** Jesus se faz conhecer àqueles que o procuram, como percebemos no encontro com a Samaritana: “Sou eu que estou falando contigo” (Jo 4, 26). A verdadeira conversão surge da experiência pessoal e marcante com Jesus Cristo, que resulta em resposta de seguimento e testemunho na comunidade.

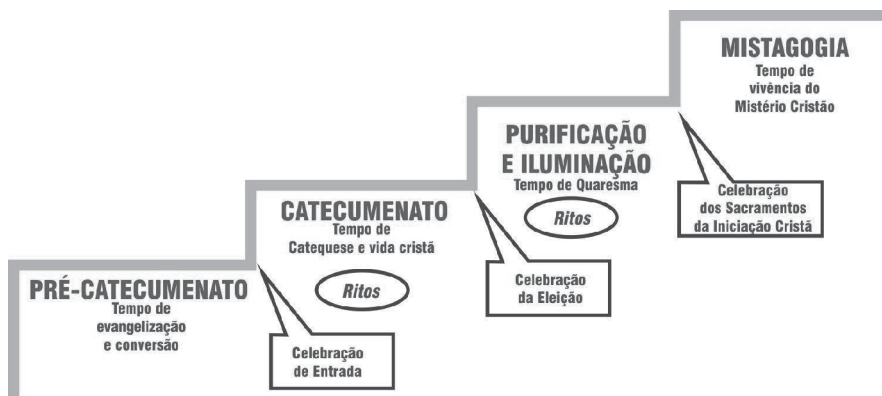
**A Unidade e reordenação dos sacramentos da Iniciação Cristã - Batismo, Crisma e Eucaristia:** A Igreja no Brasil pelo Doc 107 n. 241, destaca a necessidade de uma reflexão e aprofundamento, a fim de recuperar a sequência original dos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã – Batismo, Crisma e Eucaristia, restaurando o sentido teológico de unidade dos mesmos. Desta forma, a Crisma celebrada depois do Batismo, “exprime a unidade do mistério pascal, a relação entre a missão do Filho e a efusão do Espírito Santo”. E, ainda continua o Doc 107, n. 133: “ Do ponto de vista dos três sacramentos da iniciação, a Eucaristia é uma culminância, um sinal de plena e definitiva inserção na Igreja”.

**Uma formação Integral:** a Vida Cristã é um novo projeto de vida que passa pelo processo formativo, requer uma formação de qualidade que perpassa as dimensões humanas, intelectuais, espirituais, culturais. Assim descreve Reinert, (2015, p. 192): “uma paróquia que não investe no catecumenato permanente, na formação continuada de seus agentes não conseguirá levar a sério a iniciação cristã catecumenal, assim como comprometerá a maturidade humana e cristã da paróquia”. Neste sentido, requer uma formação que:

- Promova uma metodologia capaz de envolver as pessoas no saber, sentir, optar, viver, fazer e ser dos cristãos (CNBB, 2017).
- Contribua para que a iniciação à vida Cristã seja o caminho para a renovação da comunidade e revitalização da fé. (CNBB, 2017, p.65)
- Que faça a integração com a catequese e liturgia, cultivando a dimensão celebrativa, simbólica e ritual. (CNBB, 2017, p.68)
- Que favoreça a passagem de uma catequese sacramental para um processo de iniciação, que introduza o catecúmeno no mistério de Jesus Cristo e na vida eclesial e caritativa. (CNBB, 2017, p.66)

Enfim, uma catequese gradual e progressiva, com celebrações que vão marcando a passagem de uma etapa para a outra do itinerário catequético. Por isso, são fundamentais as celebrações da entrega da cruz e da Palavra de Deus; do Credo e do Pai nosso; da inscrição do nome ou eleição perto da celebração dos sacramentos. A progressividade também acontece por meio da vivência e do testemunho da fé cristã comunidade eclesial e na sociedade.

**A ilustração abaixo exemplifica o processo de inspiração catecumenal:**



## 5. PLANO DE AÇÃO COM DEFINIÇÃO DO TEMPO PARA O PERCURSO

ANO	O QUE QUEREMOS
<b>2021</b>	Elaboração do Projeto Arquidiocesano de IVC.
	Formação para todos os Catequistas e equipes de liturgia da arquidiocese sobre o livro: Paróquia e Iniciação cristã.
	Criação de um Logotipo para IVC.
	Formação para o Clero: Paróquia e Iniciação Cristã – Frei Reinert.
	Formação sobre a IVC nas Paróquias (CPPs).
	Reunião com os responsáveis pela catequese batismal.
	Reunião com a coordenação arquidiocesana das CEBs.
	Propor e aprovar a unidade, integração e reordenação dos Sacramentos da Iniciação Cristã (Doc 107).
	Criação de uma equipe de formadores para a catequese Arquidiocesana.
Aprovação do Pré-Projeto IVC.	
<b>2022</b>	Formação da comissão da IVC Arquidiocesana.
	Formação das equipes para elaboração dos itinerários (subsídios).
	Elaboração do itinerário de IVC para com a catequese de adultos com inspiração catecumenal.
	Início na catequese do novo processo de iniciação a Vida Cristã segundo a ordem original dos sacramentos: Batismo, Crisma, Eucaristia.
	Revisão do material à luz do itinerário catecumenal e a ordem original dos sacramentos de iniciação.



<b>2022</b>	Reflexão e discernimento sobre a pessoa do Introdutor
	Elaborar os Encontros Querigmáticos para as famílias do Pré-catecumenato
	Formação para os catequistas do pré-catecumenato por Região Pastoral
	Elaboração do material, que contemple IVC, a ser utilizado em Movimentos e Pastorais, a partir do segundo semestre
	Estruturar um Itinerário Catecumenal de preparação para o Batismo (pais e padrinhos) e Matrimônio (noivos).
	Criação do Hino sobre a Iniciação à Vida Cristã.
	Oferecer formação para as secretárias e secretários paroquiais sobre a IVC.
	Aprofundar o entendimento sobre a Iniciação à Vida Cristã em toda a Arquidiocese, por meio de encontros de formação e estudos nas paróquias.
	Encontros de estudos, aprofundamento com os agentes da pastoral pais padrinhos.
	Organizar uma proposta formativa para todos os catequistas da Arquidiocese com Inspiração catecumenal.
Avaliação do processo.	
<b>2023</b>	Dar continuidade ao aprofundamento e entendimento sobre a Iniciação à Vida Cristã em toda a Arquidiocese, por meio de encontros de formação e estudos nas paróquias.
	Iniciar o Processo Formativo e Instituição dos Introdutores.
	Em 2023 todas as Paróquias da Arquidiocese terão que iniciar o Novo processo de IVC segundo a reorganização dos Sacramentos: Batismo, Crisma, Eucaristia.
	Início da catequese para pais e padrinhos à luz do Itinerário catecumenal
	Articular um novo grupo de reflexão por CEBs.
	A partir de Pentecostes iniciar o processo de formação continuada, em consonância com o itinerário catecumenal, para os catequistas da Arquidiocese (Região Pastoral e Paróquias).
Implementação da Escola Catequética visando a formação para o ministério do catequista.	

<b>2023</b>	Implementar o itinerário de reiniciação à vida cristã para os batizados das comunidades paroquiais: Ver quadro demonstrativo.
	Reestruturação da Escola catequética arquidiocesana, visando a preparação para o Ministério do Catequista.
	1 Criar a comissão de IVC nas Paróquias até 2023.
	Avaliação do processo.
	Criação de um subsídio Arquidiocesano para a Catequese de pais e padrinhos à luz do itinerário catecumenal.
<b>2024</b>	Instituição do Ministério do Catequista
	Estar implantada a catequese batismal, pais e padrinhos à luz do Itinerário catecumenal em todas as paróquias da Arquidiocese, com uso de subsídio próprio.
	Formar equipes para assumir e acompanhar o processo formativo dos catequistas na Arquidiocese (por Região Pastoral).
	Comissão de IVC nas Paróquias da Arquidiocese.
<b>2025</b>	Jornada Catequética em todas as Regiões Pastorais – Dia do Catequista.
	Acompanhamento do itinerário de IVC em toda a Arquidiocese.
	Consolidação da equipe Formativa de IVC e catequese.
	Em todas as paróquias da Arquidiocese ter a comissão da IVC formada.
<b>2026</b>	Celebração do Sacramento da Crisma.
	Continuidade de elaboração de materiais relacionados ao tema IVC.
	Avaliação do processo em toda a arquidiocese: Tempo de Escutar, Discernir e Propor Novos Caminhos
<b>2027</b>	Celebração do Sacramento da Eucaristia.
	Avaliação do processo em toda a arquidiocese: Tempo de Escutar, Discernir, Propor e assumir Novos Caminhos.

**6. TEMPOS E ETAPAS DO ITINERÁRIO DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL  
PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

<b>“Encontramos o Senhor”</b>						
<b>1º Tempo</b>		<b>2º Tempo</b>		<b>3º Tempo</b>		<b>4º Tempo</b>
<b>Pré-catecumenato</b>		<b>Catecumenato</b>		<b>Purificação Iluminação</b>		<b>Mistagogia</b>
<b>Junho (Pentecostes) a Dezembro 2022</b>		<b>Fevereiro/2023 a Dezembro/2025</b>		<b>Fevereiro a abril/2026</b>		<b>Tempo Pascal (2026 a 2027)</b>
<b>Despertar da Fé  Chamado (Querigma)</b>	<b>1ª etapa - Rito de Entrada - Entrega da Bíblia</b>	<b>Aprofundamento da Fé  (Discipulado)</b>	<b>2ª etapa - Celebração da Eleição – Quaresma</b>	<b>Celebrar a Fé  Tempo Celebrativo</b>	<b>3ª etapa - Celebração do Sacramento da Crisma</b>	<b>Vivência Missionária da Fé  Tempo Eclesial</b>
Acolhida da Comunidade		Palavra de Deus Pessoa Humana		Preparação para os Sacramentos		Temas eclesiais; Vida comunitária e litúrgica
Catequese Familiar (Querigma para os pais)		<b>Jesus, o Cristo</b> Mandamentos Vida de Oração <b>Entrega do Símbolo da Oração - Pai- Nosso</b> Igreja: família de Deus <b>Entrega do Símbolo da Fé - Creio</b> Vida Sacramental		Revisão de Vida		Fé Culto Amor Celebração da
1ª evangelização (Querigma para os catequisandos)			Campanha da Fraternidade	Reconciliação (quaresma/27)		
Preparação para o Natal (Símbolo )			Escrutínios	Celebração da Eucaristia (Tempo Pascal/2027)		
			Sacramento da Reconciliação			

<b>Catequese Permanente – Itinerário Catecumenal</b>			
<b>Ano</b>	<b>Mês</b>	<b>Itinerário</b>	<b>Atividades</b>
2023	A vida cotidiana da PARÓQUIA	1º Tempo Pré-catecumenato (Dimensão Missionária da paróquia)	Testemunho da comunidade, acolhida, visitas, novenas, terços, pregação... acompanhamentos (Querigma)
2023-2024	Junho 2023 a fev-2024	2º Tempo Catecumenato	Formação permanente – Uma (1) vez por mês (Discipulado Missionário)
2024	Quaresma	3º Tempo Purificação/ Iluminação	Interiorização e Reconversão (CF, Via-sacra, celebração da misericórdia)
	Páscoa	4º Tempo Mistagogia	Renovação do Batismo (Vigília Pascal)
	Tempo Pascal		Aprofundamento e vivência comunitária da fé

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BENTO XVI, Papa. Carta Apostólica sob Forma de “Motu Proprio”. **Porta Fidei**. Do Sumo Pontífice Bento XVI com a qual se proclama o ano da fé. Documentos Pontifícios 09. Brasília: CNBB, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Bíblia Sagrada** 7. ed. Brasília: CNBB, 2009.

\_\_\_\_\_. **Iniciação a Vida Cristã**: Um processo de inspiração catecumenal. Estudos da CNBB 97. Brasília: CNBB, 2009.

\_\_\_\_\_. **Comunidade de comunidades, uma nova paróquia**. Documento da CNBB 100. Brasília: CNBB, 2014.

\_\_\_\_\_. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019**. Documento da CNBB 102. Brasília: CNBB, 2015.

\_\_\_\_\_. **Iniciação a Vida Cristã**. Documento da CNBB 107. Brasília: CNBB, 2017.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1979.

\_\_\_\_\_. **Documento de Aparecida**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ESCUADERO, Miguel Ángel Medina. **Desafíos para creer hoy**. 2. série, vol. 47, fasc. 1, Braga: UCP, 2012.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Vaticano: 2013.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser?**Rio de Janeiro: LTC, 1986.

MATTEO, Armando. Sem Deus e sem Igreja. **Revista IHU**. São Leopoldo: IHU, 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/565471-sem-deus-e-sem-igreja>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

PAULO VI, Papa. **Ad gentes**. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja. Concílio Vaticano II. 1965.

REINERT, João Fernandes. **Paróquia e iniciação cristã: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal** Inspiração catecumenal e conversão pastoral. São Paulo: Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. **Inspiração catecumenal e conversão pastoral**. São Paulo

